

GONÇALO GUERREIRO DUARTE

## **QUEM MANDA NA PRISÃO?**

UM OLHAR SOCIOLOGICO DAS HIERARQUIAS INFORMAIS E  
DINÂMICAS DE PODER ENTRE RECLUSOS



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

FACULDADE DE ECONOMIA

2024

GONÇALO GUERREIRO DUARTE

## **QUEM MANDA NA PRISÃO?**

UM OLHAR SOCIOLÓGICO DAS HIERARQUIAS INFORMAIS E  
DINÂMICAS DE PODER ENTRE RECLUSOS

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre  
em Sociologia

**Trabalho efetuado sob a orientação de:**

Professora Doutora Ana Rita Cruz,  
Professora Auxiliar da Faculdade de  
Economia da Universidade do Algarve



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

FACULDADE DE ECONOMIA

**2024**

# **Quem Manda na Prisão? Um Olhar Sociológico das Hierarquias Informais e Dinâmicas de Poder entre Reclusos**

## **Declaração de Autoria do Trabalho**

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Gonçalo Guerreiro Duarte

.....

(assinatura)

## **Direitos de Cópia ou Copyright**

© **Copyright:** Gonçalo Guerreiro Duarte

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

## Agradecimentos

Da mesma maneira que é necessário a colaboração de vários capitais para atingir o “desejado” lugar, a presente dissertação não teria atingido o “desejado” resultado sem a colaboração de várias pessoas e instituições, às quais ficarei eternamente grato.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Estabelecimento Prisional de Faro (EPF) por me proporcionar a oportunidade de realizar uma investigação tão enriquecedora nas suas instalações. Agradeço especialmente ao Mestre António Rosado, diretor adjunto desta instituição, pela sua disponibilidade e apoio inestimável. Além disso, gostaria de demonstrar o meu apreço a todos os guardas prisionais que, ao longo do processo de recolha de informação do trabalho de campo, sempre se mostraram prestáveis e empáticos, contribuindo para um ambiente acolhedor e colaborativo.

Para a minha orientadora, Professora Doutora Ana Rita Cruz, um especial obrigado pelo apoio incondicional, pela sua orientação criteriosa e motivante durante todas as fases deste trabalho. Sou grato pela sua disponibilidade e entusiasmo que foram fundamentais para a elaboração desta investigação. Além disso, a sua confiança no meu potencial criou a energia necessária para superar desafios e procurar a excelência.

Por fim, e não menos importante, gostaria de deixar os meus sinceros agradecimentos à minha família, cujo apoio foi insubstituível ao longo desta fase da minha vida. À minha mãe Susana Brás e às minhas avós Maria da Conceição Crispim e Leonor Guerreiro por acreditarem em mim auxiliando-me de maneiras inestimáveis proporcionando-me a energia (social, económica e simbólica) necessária para seguir sempre em frente. À minha namorada Mafalda Godinho pelo seu carinho, compreensão e ajuda ponderada, resultando num alicerce importante durante os momentos mais desafiadores desta fase da minha vida.

*“Aqueles que passam por nós, não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”*

(Antoine de Saint-Exupéry)

## Resumo

Este estudo investiga a formação e dinâmica da hierarquia informal entre reclusos no Estabelecimento Prisional de Faro (EPF), utilizando uma combinação de metodologias qualitativas e quantitativas. A investigação baseia-se na Teoria dos Capitais de Pierre Bourdieu, explorando como diferentes formas de capital (económico, cultural, social e simbólico) influenciam a posição dos indivíduos dentro da estrutura hierárquica prisional. O estudo inclui entrevistas semiestruturadas com reclusos para identificar os atributos por eles valorizados e que facilitam a mobilidade social ascendente ou descendente na hierarquia informal entre reclusos no interior da prisão. O estudo inclui também uma análise de redes sociais que mapeia as interações e conexões entre os reclusos, revelando como as relações sociais influenciam a estrutura de poder e *status* dentro da prisão. A investigação destaca a importância do capital simbólico, e em particular da masculinidade hegemónica, e do capital social na manutenção e transformação das posições hierárquicas. Ao compreender as dinâmicas internas de poder, o estudo identifica implicações importantes para a gestão prisional e para a formulação de políticas de reabilitação mais eficazes, que considerem as complexas relações sociais que moldam a vida na prisão. Os resultados sugerem que a interação entre diferentes capitais é crucial para a ascensão na hierarquia informal, e que a masculinidade desempenha um papel central na identidade e posição dos reclusos.

**Palavras-chave:** Hierarquia Informal; Capitais de Bourdieu; Análise de Redes Sociais; Sistema Prisional.

## **Abstract**

This study investigates the formation and dynamics of the informal hierarchy among inmates at the Faro Prison (EPF) using a combination of qualitative and quantitative methodologies. The research is grounded in Pierre Bourdieu's Theory of Capitals, exploring how different forms of capital (economic, cultural, social, and symbolic) influence individuals' positions within the prison's hierarchical structure. The study includes semi-structured interviews with inmates to identify the attributes they value that facilitate upward or downward social mobility within the informal hierarchy among inmates inside the prison. The study also involves a social network analysis that maps the interactions and connections among the inmates, revealing how social relationships influence the structure of power and status within the prison. The research highlights the importance of symbolic capital, particularly hegemonic masculinity and social capital, in maintaining and transforming hierarchical positions. By understanding the internal dynamics of power, the study identifies important implications for prison management and formulating more effective rehabilitation policies that consider the complex social relationships that shape prison life. The findings suggest that the interaction between different capitals is crucial for ascension within the informal hierarchy and that masculinity plays a central role in the identity and position of inmates.

**Keywords:** Informal Hierarchy; Bourdieu's Capitals; Social Network Analysis; Prison System.

# Índice Geral

|  |           |
|--|-----------|
| Agradecimentos.....  | iv        |
| Resumo.....  | v         |
| Abstract .....   | vi        |
| Índice de Figuras .....  | ix        |
| Índice de Tabelas.....   | x         |
| <b>Capítulo 1. Introdução.....</b>   | <b>11</b> |
| <b>Capítulo 2. Enquadramento Teórico.....</b>  | <b>14</b> |
| 2.1. O Trajeto Humanizador das Punições e da Instituição Total: As Prisões sob a Perspetiva Goffmaniana .....  | 14        |
| 2.2. Abordagens Sociológicas ao Estudo das Prisões.....  | 16        |
| 2.2.1 Do Enraizamento do Poder à Necessidade de uma Hierarquia: Funcionamento Automático do Poder .....        | 16        |
| 2.2.2. A Teoria da Subcultura e o Código dos Reclusos .....  | 18        |
| 2.2.3. Interacionismo Simbólico e a Teoria da Rotulação ( <i>Labelling Approach</i> ).....                     | 21        |
| 2.2.4. Os Capitais de Bourdieu Visitam a Prisão: Tipos de Capital e Principais Dimensões .....                 | 23        |
| 2.2.5. Estruturalismo de Recursos .....  | 28        |
| 2.3. A Importância de Ser “Homem” na Prisão: Masculinidade Hegemónica .....                                    | 30        |
| 2.4. Guia para o Topo da Micro-Sociedade-Marginal .....  | 32        |
| 2.5. Redes Sociais no Contexto das Prisões .....   | 36        |
| <b>Capítulo 3. Metodologia.....</b>  | <b>40</b> |
| 3.1. Motivação, Problema e Objectivos de Investigação.....   | 40        |
| 3.2. Definição do Quadro Teórico de Análise .....  | 41        |
| 3.3. Métodos e Técnicas de Investigação .....  | 42        |
| 3.4. Recolha, Tratamento e Análise de Dados.....   | 44        |
| <b>Capítulo 4. Quem Manda na Prisão? Análise de Resultados .....</b>   | <b>47</b> |
| 4.1. Caracterização Geral do Estabelecimento Prisional de Faro.....  | 47        |
| 4.2. Perfil dos Reclusos Entrevistados .....   | 48        |
| 4.3. A Hierarquia Informal dos Reclusos: A Rede Social dos Reclusos do Estabelecimento Prisional de Faro ..... | 49        |
| 4.4. As Formas de Capital de Bourdieu no Estabelecimento Prisional de Faro .....                               | 57        |
| 4.4.1. Análise de Ocorrências da Valorização dos Diferentes Tipos de Capital .....                             | 57        |
| 4.4.2. A Perspetiva dos Reclusos na Valorização dos Diferentes Tipos de Capital ....                           | 69        |
| 4.2.3. Hierarquia e Poder entre Reclusos.....  | 96        |

|  |            |
|--|------------|
| 4.2.4. Competição e Motivações para a Procura de Posições Superiores na Hierarquia Informal dos Reclusos .....                                       | 98         |
| <b>Capítulo 5. Conclusão .....</b>   | <b>101</b> |
| Referências Bibliográficas .....   | 105        |
| Apêndices .....  | 112        |
| Apêndice A. Guião de Entrevistas Semiestruturado.....  | 113        |
| Apêndice B. Categorias e Atributos da Dimensão de Análise “Capital Económico” ...  | 116        |
| Apêndice C. Categorias e Atributos da Dimensão de Análise “Capital Cultural” .....   | 117        |
| Apêndice D. Categorias e Atributos da Dimensão de Análise “Capital Social” .....   | 118        |
| Apêndice E. Categorias e Atributos da Dimensão de Análise “Capital Simbólico” .....  | 119        |
| Apêndice F. Categorias e Atributos da Dimensão de Análise “Competição e Motivações para a procura de posições elevadas na hierarquia informal” ..... | 121        |
| Apêndice G. Categorias e Atributos da Dimensão de Análise “Hierarquia e Poder na Prisão” .....   | 122        |
| Anexos .....   | 123        |
| Anexo I. Parecer da Comissão de Ética da Universidade do Algarve para a Elaboração da Investigação .....   | 124        |
| Anexo II. Autorização do Estabelecimento Prisional de Faro para a Realização de Entrevistas aos Reclusos .....                                       | 125        |
| Anexo III. Formulário de Proteção e Privacidade de Dados da Universidade do Algarve Fornecido aos Entrevistados .....                                | 127        |

## Índice de Figuras

|   |    |
|---|----|
| Figura 1. Estabelecimento Prisional de Faro.....  | 47 |
| Figura 2. Rede Social dos Reclusos do EPF .....   | 50 |
| Figura 3. Centralidade de Grau .....  | 51 |
| Figura 4. <i>In-degree</i> (Variação da Centralidade de Grau) .....   | 53 |
| Figura 5. Centralidade de Intermediação .....   | 55 |
| Figura 6. Frequência de Ocorrências por Dimensão de Análise .....   | 60 |
| Figura 7. Frequência de Ocorrências por Dimensão de Análise .....   | 61 |
| Figura 8. Frequência de Ocorrências na Dimensão de Análise “Capital Simbólico” .....  | 62 |
| Figura 9. Frequência de Ocorrências na Dimensão de Análise “Capital Social” .....   | 64 |
| Figura 10. Frequência de Ocorrências na Dimensão de Análise “Capital Económico” ..  | 65 |
| Figura 11. Frequência de Ocorrências na Dimensão de Análise “Capital Cultural” .....  | 66 |
| Figura 12. Frequência de Ocorrências na Dimensão de Análise “Competição e<br>Motivações para a Procura de Posições Elevadas na Hierarquia Informal” ..... | 67 |
| Figura 13. Frequência de Ocorrências na Dimensão de Análise “Hierarquia e Poder na<br>Prisão” .....   | 68 |

## Índice de Tabelas

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1. Resumo das Dimensões Valorizadas em cada Forma de Capital..... | 38 |
| Tabela 2. Resumo das Abordagens Teóricas Mobilizadas.....                | 41 |
| Tabela 3. Caracterização do Perfil dos Reclusos.....                     | 48 |
| Tabela 4. Categorias da Análise de Conteúdo .....                        | 58 |
| Tabela 5. Percepção dos Vários tipos de Crime .....                      | 73 |

## Capítulo 1. Introdução

Quando se aborda o tema das prisões é comum associá-lo a algo intrinsecamente negativo e, em geral, essa associação não está totalmente errada. A noção ocidentalizada de prisão que é transmitida é assustadora e inquietante, conduzindo a especulações desenfreadas daqueles que a imaginam. A literatura reflete o quão desafiador é viver num contexto prisional. Contudo, a prisão não é apenas um "retrato maligno" da sociedade. Nela ocorrem também relações económicas, sociais e culturais, em escala proporcional, entre os reclusos. Com este discurso não se pretende suavizar as condenações e crimes, mas sim proporcionar uma oportunidade justa para os reclusos se reabilitarem. A importância dos estudos nessas áreas reside na necessidade de expor a vida neste tipo de instituições, oferecendo uma compreensão autêntica da vida na prisão para evitar informações distorcidas sobre o tema. Ao "abrir as cortinas" da prisão procura-se apresentá-las exatamente como são, desmantelando especulações erróneas que, eventualmente, possam existir ou persistir.

Esta investigação surge, assim, do interesse em contribuir para uma análise sobre a importância da compreensão da hierarquização informal entre os reclusos detidos em contexto prisional. Ou seja, ao compreender a hierarquização é possível avaliar o risco que um determinado recluso representa para os restantes, prevenindo conflitos e facilitando a gestão prisional. Isto significa identificar grupos específicos e adaptar políticas e programas às suas necessidades. Além disso, pretende-se incentivar a elaboração de estudos nesta área com o objetivo de mapear as dinâmicas hierárquicas dos diferentes contextos prisionais, justificando a seleção de métodos de intervenção mais personalizados. A familiarização com a dinâmica interna, melhora o desempenho dos agentes de controlo social, uma vez que cada instituição apresenta características e naturezas distintas.

O objetivo principal desta dissertação é estudar a formação da hierarquização informal entre os reclusos e compreender as dimensões que condicionam ou facilitam a mobilidade social dentro dessa estrutura. Para alcançar este objetivo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com reclusos recém-chegados, residentes e reincidentes. A partir destes testemunhos, identificam-se dimensões que contribuem para a subida ou descida na hierarquia informal. Posteriormente, realizou-se uma análise de redes sociais

para mapear a dinâmica de mobilidade social nas prisões, com base nas dimensões identificadas na fase de revisão de literatura.

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos. O primeiro “Introdução” procura destacar a importância da realização de estudos em contextos prisionais, sublinhando a necessidade de compreender as dinâmicas internas dos estabelecimentos prisionais de modo a melhorar e facilitar a reabilitação dos reclusos e a gestão prisional.

O segundo capítulo, “Enquadramento Teórico”, oferece uma vasta revisão da literatura existente acerca da evolução das punições e das instituições prisionais, explorando essencialmente a transição do castigo para a reabilitação. O capítulo aborda simultaneamente diversas teorias associadas à Sociologia das prisões. Além disso, a teoria dos capitais de Bourdieu (1983) torna-se imprescindível para entender como as diferentes formas de capital influenciam a posição dos reclusos na hierarquia informal que se estabelece entre os mesmos em contexto prisional.

No terceiro capítulo é constituído pela “Metodologia”, na qual se apresenta o problema e os objetivos de investigação, bem como o quadro conceptual e os métodos e técnicas de investigação usados para dar resposta aos objetivos propostos. Ainda na secção da metodologia são apresentados os detalhes das fases de recolha, tratamento e análise dos dados.

O quarto capítulo, “Quem Manda na Prisão? Análise de Resultados”, inicia com uma caracterização genérica do caso estudado, o Estabelecimento Prisional de Faro, e apresenta os principais resultados das componentes empíricas implementadas, nomeadamente a análises de conteúdo das entrevistas realizadas em profundidade aos reclusos e a análise das redes sociais. Estes resultados permitiram identificar as dimensões que contribuem para a mobilidade social dentro da hierarquia informal dos reclusos em contexto prisional e a sua distribuição em termos da constituição dos diferentes tipos de capital de Bourdieu (simbólico, social, económico e cultural). A análise de redes sociais permitiu mapear a dinâmica interna da hierarquia informal de reclusos, identificando centralidades, prestígio, graus de conectividade e posições privilegiadas de intermediação.

O último capítulo constitui a “Conclusão” da dissertação e apresenta um resumo dos principais resultados, bem como a apresentação dos limites da investigação

elaborada, das pistas de investigação futura e das implicações e recomendações em termos de políticas e gestão dos estabelecimentos e sistema prisional.

## Capítulo 2. Enquadramento Teórico

### 2.1. O Trajeto Humanizador das Punições e da Instituição Total: As Prisões sob a Perspetiva Goffmaniana

No começo do século XIX finalizou-se o “espetáculo” de punição pública do condenado, um ato que progressivamente caiu em desuso devido à sua semelhança com um ato “selvagem” e, por sua vez, sendo considerado um incentivo à violência. A determinada altura pretendia-se que o ato da punição servisse de exemplo para o desvio do crime, através do qual se associavam conotações negativas ao condenado. Como refere Foucault (1999):

*A punição vai-se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal, provocando várias consequências: deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída à sua fatalidade não à sua intensidade visível; a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda as engrenagens. (Foucault, 1999:13)*

Ao adotar a punição como substituta do “abominável teatro”, acrescentou-se a necessidade de “mudar as engrenagens”, ou seja, os papéis e as funções dos atores alteraram-se. Segundo Foucault, o carrasco é substituído pelos “(...) guardas, os médicos, os capelães, os psiquiatras, os psicólogos, os educadores” (1999:15). Esta alteração resultou numa redefinição de papéis, tornando o processo de castigo mais humanizado com o objetivo de tratar o “desviante” de forma mais respeitosa, de o submeter a um menor sofrimento e de o de reabilitar. Tal como sublinha Foucault (1999):

*(...) acima dessa distribuição dos papéis se realiza a negação teórica: o essencial da pena que nós, juízes, infligimos não creiais que consista em punir; o essencial é procurar corrigir, reeducar, “curar”; uma técnica de aperfeiçoamento recalca, na pena, a estrita expiação do mal, e liberta os magistrados do vil ofício de castigadores. (Foucault, 1999:14)*

Após a abolição do “abominável teatro” para a ascensão da punição como resposta ao comportamento desviante, surge então a dupla função da prisão de castigar e de reabilitar. Ou seja, por um lado, a prisão deve ser capaz de castigar e, simultaneamente,

de proporcionar condições necessárias para uma boa reabilitação, para que os institucionalizados possam regressar à sociedade com capacidade e competências para se reintegrarem.

Além desta humanização do castigo, o próprio local para onde eram enviados estes indivíduos a fim de serem reabilitados também sofreu algumas alterações desde o seu surgimento. Ao local onde residiam estes indivíduos, Erving Goffman (1986) definiu-o de “instituições totais”, que neste contexto se conhecem como prisões.

Erving Goffman ofereceu enormes contributos na caracterização das instituições totais, das quais a prisão faz parte. Apesar dessa caracterização ter sofrido algumas alterações ao longo das décadas, o seu significado assim como as suas características envolventes mantêm-se na generalidade. A prisão descrita por Goffman designa-se como um local onde os indivíduos se encontram permanentemente, até à data de libertação, sob vigilância levando à obediência da população reclusa. Segundo Goffman (1986) uma instituição total constitui:

*(...) um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. (Goffman, 1986: 11).*

Contudo, face à emergência dos direitos humanos e a todo este processo de humanização das prisões, houve algumas medidas anteriormente propostas por Goffman que caíram em desuso, tal como a ideia de a prisão ser uma instituição fechada ao exterior, o que atualmente é algo altamente impensável e desnecessário. Por isso, quanto mais se afasta o indivíduo da sociedade, mais difícil será a sua reinserção após a libertação.

Sobre a entrada na prisão Goffman refere que:

*Os processos de admissão talvez pudessem ser denominados "arrumação" ou "programação", pois, ao ser "enquadrado", o novato admite ser conformado e codificado num objeto que pode ser colocado na máquina administrativa do estabelecimento, modelado suavemente pelas operações de rotina. (Goffman, 1986: 26)*

Estes processos de admissão consistem, essencialmente, na neutralização do “eu”, sendo para tal necessário distanciar qualquer existência do “eu” civil para um “eu”

institucionalizado através de medidas como: troca da roupa civil para uma farda/uniforme institucional; troca de produtos pessoais por produtos da instituição; atribuição de um número em vez da utilização do nome do próprio indivíduo; o despir a roupa em frente aos guardas, entre outros muitos exemplos. Ao analisar algumas destas características das instituições totais, é possível observar o seu caráter total, na medida em que existe um rompimento total com a vida fora da instituição tal como uma consequente substituição por uma vida institucionalizada e homogeneizante em prol dos objetivos propostos pela instituição.

Além da evolução e humanização das formas de punir o indivíduo desviante, houve também a criação de várias teorias sociais, que explicam a necessidade da criação de uma hierarquia informal em contexto prisional, assim como, a explicação de determinados comportamentos, que influenciam diretamente na posição ocupada pelo recluso, nessa mesma estrutura.

## **2.2. Abordagens Sociológicas ao Estudo das Prisões**

### **2.2.1 Do Enraizamento do Poder à Necessidade de uma Hierarquia: Funcionamento Automático do Poder**

O poder no contexto prisional assume um lugar central e pode manifestar-se de várias formas. Para explicar o enraizamento do poder no comportamento dos reclusos mobilizam-se, essencialmente, as teorias da cultura e do poder de Pierre Bourdieu (*Outline of a Theory of Practice*, 1977) e de Michel Foucault (*Discipline and Punish*, 1979).

O conceito de “Doxa” em Pierre Bourdieu é fundamental para entender como a sociedade funciona em termos de poder e dominação simbólica. O autor usa o termo para descrever o conjunto de pressupostos tácitos e inquestionáveis que estruturam a percepção e a ação das pessoas em um determinado campo social. Estes pressupostos são produzidos e reproduzidos de maneira a favorecer os interesses das classes dominantes, garantindo a perpetuação do seu poder. Deste modo, Bourdieu refere que a “natureza autoevidente” da Doxa impede uma compreensão completa da realidade, de forma que a construção do

mundo social é produzida e reproduzida pelos próprios indivíduos a que lhe escapa.

Segundo Bourdieu:

*(...) os esquemas de pensamento e de percepção só podem produzir a objetividade que produzem ao produzirem o não reconhecimento dos limites da cognição que tornam possível, fundando assim a adesão imediata, no modo doxástico, ao mundo da tradição vivido como um "mundo natural" e dado como certo. (1977:164)*

Deste modo, é possível observar como os indivíduos concordam com as suas próprias construções de restrição reguladora. Noutra realidade (a real), o mundo da Doxa permanece em segurança, longe daqueles que regula, onde os “regulados” se controlam a si próprios. A doxa é, portanto, uma componente central da manutenção do status quo, pois funciona como uma forma de poder simbólico que mantém os indivíduos dentro de certos limites cognitivos e normativos, limitando as suas percepções e ações do que é "permitido" dentro daquele campo social.

Uns anos mais tarde, Foucault apresenta o termo “panoptismo” como uma metáfora para descrever um tipo de poder disciplinar que se baseia na vigilância constante e na internalização da disciplina por parte dos indivíduos. Constitui, assim, uma forma de poder que opera através da vigilância contínua e da normalização dos comportamentos. Esse poder disciplinar é mais subtil e eficaz do que as formas tradicionais de poder, como a coerção física por exemplo, uma vez que é internalizado pelos indivíduos, que passam a autorregular o seu comportamento em função das normas estabelecidas, mesmo na ausência de uma autoridade visível. Tal como a “Doxa”, o panoptismo mesmo existe sem contestação e produz uma força onisciente e omnipresente, como refere Foucault:

*Daí o principal efeito do Panopticon: induzir no recluso um estado de visibilidade consciente e permanente que assegure o funcionamento automático do poder. Assim, é preciso que a vigilância seja permanente nos seus efeitos, mesmo que seja descontínua na sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar desnecessário o seu exercício efetivo; que este aparelho arquitetónico seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente da pessoa que o exerce; em suma, que os reclusos sejam apanhados numa situação de poder de que eles próprios são portadores. (Foucault, 1979: 201)*

Tal como a Doxa, o panopticismo, é concebido como uma “máquina” que cria e sustenta uma relação de poder independentemente do indivíduo que a exerce. Esta

questão implica que o sistema seja projetado para funcionar de forma eficaz e que os próprios reclusos sejam envolvidos num estado de poder do qual são portadores, devido à constante vigilância internalizada, reforçando assim a necessidade de poder nas suas vidas, traduzindo-se nas suas ações.

Os conceitos de doxa e de panoptismo permitem, como se viu, uma leitura dos estabelecimentos prisionais, pois permitem ao investigador entender a origem do poder neste contexto. Como explicado anteriormente, o poder é algo incutido nas políticas prisionais, ou seja, a subordinação dos reclusos pelos guardas, ponto este mencionado no livro de Erving Goffman, intitulado de *Manicómios Prisões e Conventos*” (1961), referindo que:

*Cada agrupamento tende a conceber o outro através de estereótipos limitados e hostis - a equipe dirigente muitas das vezes vê os internados como amargos, reservados e não merecedores de confiança: os internados muitas vezes vêem os dirigentes como condescendentes, arbitrários e mesquinhos. Os participantes da equipa dirigente tendem a sentir-se superiores e corretos; os internados tendem, pelo menos sob alguns aspetos, a sentir-se inferiores, fracos, censuráveis e culpados. (Goffman, 1961:16)*

Ou seja, a subordinação à qual os reclusos são submetidos conduz a que os mesmos acabem por impor esse estilo de comportamento subordinado entre si, atendendo às normas pelas quais se regem dentro de determinado grupo ou até às regras comuns ao coletivo de reclusos na prisão.

### **2.2.2. A Teoria da Subcultura e o Código dos Reclusos**

Tal como foi previamente referido, a prisão funciona como uma espécie de uma micro-sociedade marginal. Contudo, para ser considerada uma micro-sociedade, necessita das relações sociais que se estabelecem entre reclusos e que posteriormente se traduzem na criação de subgrupos. A teoria da subcultura de Thorsten Sellin (1938) é uma das abordagens clássicas na criminologia para explicar o comportamento desviante, como um produto de conflitos entre diferentes sistemas de normas e de valores, que são designados de subculturas. Deste modo, esta abordagem teórica surge neste contexto como uma ferramenta fundamental para compreender estas dinâmicas e, concretamente,

para entender de que forma os reclusos desenvolvem as suas próprias normas e valores que podem entrar em conflito com as normas da sociedade dominante.

O conceito de subcultura “*pressupõe a existência de uma sociedade pluralista, com diversos sistemas de valores divergentes em torno dos quais se organizam outros tantos grupos desviados*” (Molina & Gomes, 2002: 364). É relevante, com a presença deste conceito, articular a percepção do crime como “*opção coletiva, como opção de grupo, com um particular simbolismo ou significado*” (Molina & Gomes, 2002: 364).

De forma sucinta, uma subcultura é uma cultura dentro de outra cultura, ou seja, um grupo pequeno que partilha valores, crenças e práticas diferentes da cultura dominante. A análise e o estudo das teorias da subcultura emergiram da perspectiva do sociólogo Thorsten Sellin em 1938, que:

*(...) identificou fatores sociais que promoviam e sustentavam subculturas independentes. Ele percebeu que os grupos de imigrantes trouxeram, consigo, opiniões e crenças que colidiram com os valores dominantes da sociedade norte-americana. O resultado foi a verificação da cultura do conflito entre as pessoas da classe média e aqueles residentes nas áreas muito pobres.* (Liberati, 2008: 20)

Segundo Liberati (2008) foi Albert Cohen, em 1955, o:

*(...) primeiro articulador da Teoria da Subcultura Delinquente, cunhou o termo Reaction Formation, que envolvia a reação aos valores da classe média pela procura de status pelos jovens da classe baixa, aos quais não era permitido o acesso a oportunidades para o sucesso* (Liberati, 2008: 20).

A aplicação desta teoria à análise das relações sociais no interior do estabelecimento prisional é essencial para investigar as subculturas formadas pelos reclusos e para compreender de que modo essas subculturas influenciam as relações sociais no interior do estabelecimento. Além disso, existe outro fator altamente influenciador do comportamento e do modo de interação dos indivíduos na prisão, o código dos reclusos. O código dos reclusos refere-se a um conjunto informal de normas, valores e regras que é estabelecido, conhecido e mantido por toda a população reclusa da prisão. Assim, o código dos reclusos representa ele próprio uma subcultura desenvolvida pelos reclusos, que desempenha um papel importante na regulação da vida interna das

prisões, moldando comportamentos e influenciando as dinâmicas de poder e sobrevivência no contexto prisional.

Para além das regras jurídicas os reclusos necessitam também de conhecer as regras informais das subculturas existentes, congeminadas entre os reclusos no interior da prisão. Para se adaptarem a este novo contexto a interiorização e a prática das mesmas são essenciais durante a sua estadia. A escassez de informação relativa à vida social no interior da prisão suscita interesse devido à complexidade do ambiente social do estabelecimento prisional. Cada instituição detém as suas regras formais e informais, estrutura social e padrões de interação específicos (Schmid, 2000). Deste modo, o estabelecimento prisional, segundo Goffman (1961), pode ser perspectivado como uma organização estruturada, traduzindo-se na separação rigorosa entre o papel dos funcionários da instituição e o papel dos reclusos. Segundo Caldwell:

*A prisão tem uma cultura própria, que é transmitida a cada recém-chegado e que passa de geração em geração. A cultura prisional consiste em sistemas de hábitos, padrões de comportamento, costumes e folclore da prisão, o código dos reclusos e atitudes e opiniões dos reclusos relativamente ao sistema prisional, pessoal prisional e as principais instituições sociais da "sociedade livre". (Caldwell, 1955: 655).*

O designado código dos reclusos é construído com base no histórico de acontecimento de cada prisão, como por exemplo motins, fugas, greves, atos de coragem parte dos reclusos, entre outros eventos que tenham marcado a população reclusa. Tal como foi referido previamente, o código dos reclusos, abrange uma série de normas e de valores que devem ser respeitadas pelos reclusos. Tal como afirma Caldwell (1955):

*Este código determina o tipo e a extensão da interação legítima entre guardas e reclusos. O código proíbe a confraternização com guardas ou outro pessoal prisional. De facto, os reclusos são desencorajados de falar com os guardas, exceto em assuntos de negócios. O código estipula que as principais informações relativas a "conspirações, motins iminentes ou fugas da prisão nunca devem ser dadas à administração. Os reclusos são ensinados a nunca denunciarem outros reclusos. Os reclusos não devem notificar os funcionários da prisão. (Caldwell, 1955: 655)*

Os reclusos não devem notificar os funcionários da prisão de fugas ou tentativas de fuga. De facto, o código até aprova a prestação de assistência material aos reclusos que

planeiam fugas. O código desaprova o fornecimento de informações à administração sobre os membros, objetivos, atividades ou programas dos vários grupos informais da prisão.

Deste modo, conclui-se que os reclusos carecem de normas, regras e valores comuns pelos quais se devem reger e que determinam a sua posição na hierarquia informal que se estabelece na prisão. O seguimento “cego” destas normas prisionais ganham força pois são valorizadas coletivamente e porque atribuem significados específicos a cada ação.

### **2.2.3. Interacionismo Simbólico e a Teoria da Rotulação (*Labelling Approach*)**

*(...) a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores”. (Hall, 2002: 11)*

Toda a ação tem uma reação, tal como toda a interação tem um significado. É nesta premissa que se baseia o interacionismo simbólico, a compreensão da sociedade através da observação das interações simbólicas entre os indivíduos. Segundo a perspectiva de Goffman, ao descrever a chegada dos “novatos” ao estabelecimento, o mesmo afirma que “(...) *eles chegam ao estabelecimento com uma conceção de si mesmos, sendo estas possíveis por disposições estáveis no seu mundo doméstico*” (1961: 24). Ou seja, os indivíduos atribuem significados às situações quotidianas com base em símbolos partilhados na interação social. Ao refletir sobre o interacionismo simbólico destacam-se os contributos de Blumer e, em particular, a sua definição das três premissas básicas desta corrente sociológica:

*A primeira estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que esse lhes oferece. (...) A segunda premissa consiste no facto de os significados destes elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que mantêm com as demais pessoas. A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificado) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contacto. (Blumer, 1980: 119)*

Em síntese, as premissas elaboradas por Blumer focam, essencialmente, uma perspectiva subjetiva na qual os indivíduos interpretam e dão sentido às suas ações com base nos seus valores e crenças. Outras importantes contribuições do interacionismo simbólico, para fundamentar as hierarquizações e as relações de poder, conduzem novamente a Goffman e à sua obra “Estigma”:

*(...) quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspetos nos permitem prever a sua categoria e seus atributos, a sua “identidade social” – para usar um termo melhor do que “status social” já que nele se incluem atributos como “honestidade”, da mesma forma que atributos estruturais, como ocupação. [...] Baseando-nos nessas pré-concepções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso. (Goffman, 2008: 12).*

Neste contexto, o preconceito e o *status* são relevantes na análise e no enquadramento do indivíduo numa determinada posição social. Certos traços identitários fruto de generalizações, podem caracterizar e encaixar os indivíduos numa determinada posição na estrutura hierárquica.

Os interacionistas estudam a maneira como se aplica e interpreta símbolos num contexto de comunicação recíproca entre seres humanos. Isto significa que se estuda os propósitos dos símbolos na criação de impressões pessoais, na construção do senso de *self* e na desconstrução das experiências individuais resultantes de uma dada situação social. Deste ponto de vista, a vida social consiste, em grande parte, de um tecido intrincado, formado por inúmeras interações, através das quais a vida em sociedade assume forma e significado (Johnson, 1997: 174).

No âmbito da hierarquização informal nas prisões, a teoria da rotulação está interligada ao interacionismo simbólico pois descreve o crime como uma construção social. Esta ideia é propagada pelo controlo social através da discriminação praticada perante comportamentos desviantes e criminosos. Estes tipos de comportamentos são concebidos através pressupostos altamente estereotipados, que despoletam efeitos equiparados à “profecia autorrealizável” de Robert K. Merton (1949). Neste contexto, Becker (2008) afirma que:

*O desvio não é uma qualidade do ato que uma pessoa comete, mas sim uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções*

*a um 'infrator'. Comportamento desviante é o comportamento que as pessoas rotulam. (Becker, 2008: 22)*

Perspetivar a teoria da rotulação no contexto prisional possibilita uma observação e uma análise dos rótulos de natureza criminosa que influenciam as relações sociais entre os reclusos. Este mecanismo de rotulação pode afetar a dinâmica de interação e de poder entre os reclusos e, simultaneamente, dos funcionários do estabelecimento.

#### **2.2.4. Os Capitais de Bourdieu Visitam a Prisão: Tipos de Capital e Principais Dimensões**

Para perceber como funciona uma hierarquia é necessário entender também que atributos são valorizados dentro do seio do grupo, de modo a criar uma categorização desses atributos que corresponda a uma posição mais ou menos elevada na estrutura. Para tal, será mobilizado os contributos teóricos de Pierre Bourdieu, relativamente à sua teoria dos capitais de modo a corresponder cada atributo valorizado pelos reclusos a uma forma de capital. Bourdieu afirma que:

*O mundo social pode ser concebido como um espaço multidimensional construído empiricamente pela identificação dos principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras palavras, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como azes num jogo de cartas neste universo específico que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos. (Bourdieu, 1987: 4).*

Assim, de modo a compreender como são adquiridos o *status* e a posição na hierarquia social, Bourdieu distinguiu quatro formas de capital na sua obra “A Distinção” (1979). Bourdieu (1989) perspetiva o espaço social como um campo de forças onde os indivíduos traçam planos com vista à obtenção de melhores posições sociais, identificando várias formas de capital: económico, cultural, social e simbólico. Para Bourdieu (1989) os constituintes do capital económico são os factores de produção (terras, fábricas, trabalho, entre outros) e o conjunto dos bens económicos (dinheiro, património e bens materiais):

*Entre as três espécies de capital, o económico é, sem dúvida, o de maior peso e, no limite, pode ser o fator de decisão das lutas. (...), o campo económico poderia ser considerado como um campo social autónomo, historicamente constituído, sendo, portanto, um ramo da sociologia económica. (Trigo, 1998: 50)*

Apesar de o capital económico ser uma condicionante importante na questão da hierarquização, existem outras formas de capital que influenciam a posição social dos indivíduos. O capital cultural divide-se em três estados: incorporado, objetificado e institucionalizado. Neste contexto, apenas serão analisados os estados institucionalizado e incorporado pela sua pertinência para a realização deste estudo. O estado institucionalizado baseia-se no grau de investimento na educação formal e na posse de certificados/títulos escolares/académicos associados à procura de uma melhor oportunidade no mercado profissional. Segundo Olinto, o estado incorporado “(...) *significa capacidades culturais específicas de classe transmitidas intergeracionalmente através da socialização primária*” (1995: 25). Ou seja, aprendizagens apreendidas na socialização primária, no seio familiar, transforma-se em disposições duráveis ao longo da vida do indivíduo.

Bourdieu (1986) define o capital social como:

*(...) o conjunto dos recursos atuais ou potenciais ligados à posse de uma rede duradoura de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento mútuos - ou, por outras palavras, à pertença a um grupo. (Bourdieu, 1986: 248)*

Entende-se, assim, que o capital social de um determinado indivíduo se caracteriza pela dimensão da sua rede de relações. Como tal “(...) *o capital social exerce um papel multiplicador deixando disponível a todos os membros dessa rede*” (Bourdieu, 1986: 249).

Neste sentido, de modo a manter estas relações, Bourdieu afirma que estas necessitam de ser estimuladas para poderem conservar esse capital através troca contínua do capital coletivo, assegurando o reconhecimento mútuo, uma espécie de relação de interdependências. Bourdieu (1986) argumenta que:

*(...) a rede de relações é o produto de estratégias de investimento, individuais ou coletivas, conscientes ou inconscientes, destinadas*

*a estabelecer ou a reproduzir relações sociais diretamente utilizáveis a curto ou longo prazo, (...) implicando obrigações duradouras sentidas subjetivamente (sentimentos de gratidão, respeito, amizade, etc.) ou institucionalmente garantidas (direitos) (Bourdieu, 1986: 249-50).*

O capital simbólico traduz-se numa “(...) rede de significações em torno do objeto representado, o qual passa a ser integrado aos valores e às práticas sociais dos grupos” (Campos e Lima, 2018: 4). Ou seja, determinado comportamento ou determinada situação através do reconhecimento dos restantes membros do grupo, faz com que o mesmo ganhe ou perca valor. Assim, “devido à falta de capital social, económico e cultural no grupo de reclusos, o capital simbólico torna-se um meio mais importante de distinção entre indivíduos” (Neuber, 2011: 5).

As quatro formas de capital de Bourdieu possuem, como mencionado, características e naturezas distintas. No contexto desta dissertação é importante analisar em detalhe as dimensões que integram cada uma destas formas de capital, como veremos de seguida.

### ***Capital Económico***

O capital económico é considerado uma das formas de capital mais dominante na esfera social, pois permite aceder mais facilmente todas as outras formas de capital. Considerando a prisão como uma micro-sociedade, esta forma de capital possui um peso elevado no que concerne a posição na hierarquia dos reclusos, sendo possível obter uma posição mais elevada em função da sua posse:

*O capital económico representado pela posse de "bens", ou seja, ativos com os atributos da mercadoria dinheiro como equivalente universal permutável, dá aos reclusos a oportunidade de controlar a sua vida na prisão e de satisfazer as suas necessidades restritas. Uma economia prisional informal é um dos elementos estruturais básicos da subcultura prisional e envolve a produção, distribuição e consumo de bens e serviços. (Juříček, 2015: 562)*

DeMello (1993) afirma que as transações decorrentes no interior da prisão se baseiam no princípio de um “mercado fechado”, o que alimenta o desejo dos reclusos.

Davidson (1974) perspectiva a prisão como um sistema híbrido, onde determinados reclusos têm acesso a determinados bens ou serviços que, por sua vez, são procurados por outros reclusos. Ainda que existam negócios no interior dos estabelecimentos prisionais, o dinheiro físico não é permitido na grande maioria das prisões. Ou seja, apesar de não haver o dinheiro físico como objeto comum na transação, os seus substitutos mais frequentes são “(...) o tabaco e os cigarros. Nas prisões, o tabaco tornou-se um indicador de valor, uma vez que determina a taxa de câmbio a que as mercadorias podem ser trocadas” (Juříček, 2015: 561).

Os motivos pelos quais, o capital económico constitui uma das mais importantes formas de capital na trajetória ascendente na hierarquia informal dos reclusos reside no fato de:

*Um indivíduo com um capital económico mais elevado pode utilizá-lo para obter bens e serviços que, por sua vez, satisfazem as suas necessidades, como a autoproteção, maiores quantidades de alimentos, limpeza regular da sua cela ou acesso a informações para manipular os outros. (Juříček, 2015: 562)*

Ou seja, ao possuir um capital económico garante maior controlo da maioria das dimensões que influenciam a subida ou descida hierarquia informal dos reclusos. Além disso, os reclusos que se encontram dispostos a realizar qualquer tipo de atividade em troca de bens, apresentam-se vulneráveis e, normalmente, dominados por aqueles que oferecem os serviços.

### ***Capital Cultural***

A transposição do capital cultural para o contexto prisional evidencia a sua importância na hierarquização informal dos reclusos. Embora haja pouca informação sobre este aspeto específico, é possível refletir sobre os benefícios concretos desta forma de capital. O capital cultural no seu estado institucionalizado pode ser útil no sentido em que a detenção de um grau académico reconhecido ou valorizado por outros é vantajoso para construir uma boa rede social entre os reclusos, o que se traduz num forte capital social e, por sua vez, económico. Por exemplo, um recluso que detenha um forte conhecimento de Direito é reconhecido pelos outros reclusos como uma mais-valia, no sentido em que os pode apoiar nos seus casos individuais. Outro exemplo pode ser alguém

que tenha um diploma acadêmico e possa dar aulas de português a estrangeiros ou a quem esteja mais interessado. Vale a pena recordar que tudo depende do valor atribuído a cada ação, bem como da aprovação dos outros para ser reconhecido e valorizado. Por outro lado, o capital cultural também pode ser muito útil num estado incorporado, num contexto prisional. Ao considerar-se que a maioria dos reclusos possam não possuir um elevado capital económico, a única forma de aumentar o seu rendimento é criar o seu próprio negócio em função das capacidades e competências que possua. Segundo Gleason “*o hustling ou tráfico consiste em vender bens e serviços ilegais desejados pelos reclusos para adquirir os bens e serviços, ou os meios de troca para comprar os bens e serviços, desejados*” (1978: 33). Por exemplo, alguém que tenha competências em construção, pintura, canalização, cabeleireiro, tatuagem, cozinha, prostituição, entre outros ofícios que são valorizados em contexto prisional. Ou seja, “*em geral, quanto mais lucrativa é a atividade, mais valorizada é a profissão; há concorrência para esses empregos*” (Gleason, 1978: 34). Os conhecimentos nestas áreas podem contribuir para a obtenção de uma boa posição na hierarquia informal dos reclusos.

### ***Capital Social***

Tal como o capital cultural, o capital social em contexto prisional é uma ferramenta de extrema importância na hierarquização informal dos reclusos, existindo alguns autores que se debruçam acerca dos benefícios gerais deste capital em contexto prisional. Esta forma de capital pode ser entendida como os recursos que derivam das redes sociais anterior à reclusão, podendo os reclusos estar mais ou menos protegidos no contexto da prisão em função suas redes sociais exteriores (Hairston, 1991). As redes sociais que os reclusos vão construindo e somando dentro da prisão contribuem, simultaneamente, para chegar ao topo da hierarquia informal (Hairston, 1991). No entanto, este acesso torna-se mais fácil para os reclusos com mais capital social, ou com mais fontes de capital social, antes da prisão (Blevins et al., 2010).

A literatura identifica alguns aspetos que contribuem para a ascensão nessa mesma estrutura, por exemplo, pertencer a um gangue (antes de ser preso ou à chegada à prisão), possuir conhecimento prévio de alguns membros respeitados no interior do estabelecimento prisional, pertencer a um determinado grupo religioso e usufruir de uma

forte rede de apoio (garantindo ao recluso assistência material ou emocional, que se traduzem numa fonte de poder e influência) (Sykes, 1958).

O capital social apesar de ser um fator importante, o mesmo necessita de apoio de uma ou mais formas de capital para poder ter efeito. Ou seja, mesmo que o recluso pertença a um gangue, o mesmo necessita de dar algo em troca para poder usufruir dos benefícios de pertencer a um gangue, seja ele através do capital simbólico, económico ou cultural. Basicamente, as relações constituem-se e perduram segundo a utilidade que tem para ambos.

### ***Capital Simbólico***

Para Bourdieu, a dinâmica do espaço social é constituída pela luta, pela distinção e pela procura de aceitação mútua. O capital simbólico, ancorado no reconhecimento, na honra e no prestígio conferido pelo outro "(...) *deve ser percecionado e reconhecido como legítimo*" (Bourdieu, 1985: 22). Como já foi referido, na ausência de capital económico, cultural e social esta forma de capital torna-se um meio de diferenciação entre os reclusos. Isto porque esta forma de capital permite que o indivíduo seja reconhecido por ações que são valorizadas pelos outros. Se no capital económico só se pode ser reconhecido pelo dinheiro que se possui, ou no capital cultural pelos títulos académicos ou pela profissão que se domina, tudo isto tem valor porque é reconhecido por outros.

### **2.2.5. Estruturalismo de Recursos**

A premissa do estruturalismo de recursos baseia-se, essencialmente, segundo Milner (1994) no facto de os seres humanos terem "(...) *agência, mas apenas na medida em que têm poder e recursos para fazer a diferença nos resultados sociais*" (1994: 6). Esta abordagem incide na conceptualização dos capitais propostos por Bourdieu (1986), bem como nas suas teorias do espaço social e do *habitus*. Para Bourdieu:

*A estrutura da distribuição dos diferentes tipos e subtipos de capital num dado momento representa a estrutura imanente do mundo social, ou seja, o conjunto de constrangimentos, inscritos na própria realidade desse mundo, que regem o seu funcionamento*

*de forma duradoura, determinando as possibilidades de sucesso das práticas.* (1986: 242)

Ao conhecer o valor de cada capital, as ações individuais possibilitam a “energia social” necessária para agir em conformidade. Contudo, o leque de ações é sempre limitado face aos capitais individuais disponíveis. Tal como foi referido anteriormente acerca dos valores de cada capital, o estatuto do capital simbólico em contexto prisional adquire uma maior relevância. Isto porque, os recursos económicos neste contexto são menos proeminentes, ou seja, torna-se mais fácil adquirir estatuto através de ações reconhecidas e valorizadas pelos demais do que qualquer outra forma de capital. Mais uma vez, ao transpor esta lógica para um contexto prisional, o argumento central é que o estatuto, representa a “chave” de acesso para o poder e conseqüentemente o privilégio. Apesar do capital simbólico não ser o único capital que pesa na obtenção de estatuto, pretende-se então descobrir que dimensões contribuem de facto para uma boa posição na hierarquia informal dos reclusos. Para tal, é igualmente necessário compreender o valor e a aplicação do “código dos reclusos” (Trammell, 2009). Num espaço, em que os reclusos se sentem impotentes devido às suas limitações no que toca à tomada de decisão e autonomia, o “código de reclusos” é algo que lhes permite algum controlo, sendo que na grande maioria das vezes quem se encontra controlado são eles próprios. Num lugar, onde são mantidos contra a sua própria vontade sujeitos às regras normas e valores da instituição, segundo Michalski:

*O Estado mantém o monopólio do uso legítimo da força, com poderes para sancionar severamente aqueles que se comportam mal ou desafiam a sua autoridade institucional através da força física, sendo enviados para "o buraco" e tendo o seu tempo na prisão prolongado.* (Michalski, 2019: 47)

Uma vez que existe todo este controlo em volta dos reclusos, é necessário a criação de um código interno que lhes permita ter algum controlo sobre as suas vidas. Segundo Michalski “*como em qualquer subcultura, o conteúdo simbólico ou o que os diferentes grupos valorizam varia consideravelmente*” (2019: 47). Deste modo, como varia dependentemente do contexto, o mesmo é obtido através das apreciações dos outros, e não através de escolhas individuais a não ser que essas escolhas sejam consentidas pelos pares:

*Sendo um recurso que os outros conferem à pessoa ou ao objeto em questão, o estatuto não pode ser apropriado arbitrariamente ou simplesmente reivindicado em nome próprio. Pelo contrário, o estatuto depende da soma total das avaliações positivas e negativas que os outros fazem. Para alterar o estatuto de uma pessoa, é necessária uma mudança significativa no equilíbrio entre aprovações e desaprovações. (Michalski, 2019: 47)*

O estatuto enquanto símbolo permite assegurar a sua desejabilidade como um recurso valioso, sendo que este apenas se acumula ou perde consoante a opinião dos restantes reclusos.

De modo a transpor a teoria de Bourdieu (1979) das diversas formas de capital para um contexto prisional, foi necessário fazer uma investigação, relativamente aos diversos fatores que poderiam condicionar a ascensão ou o declínio na estrutura informal dos reclusos de modo a encaixar cada um desses fatores nas quatro formas de capital apresentados anteriormente.

### **2.3. A Importância de Ser “Homem” na Prisão: Masculinidade Hegemónica**

*A prisão é um mundo ultra masculino onde ninguém fala sobre masculinidade. (Sabo, Kupers, & London, 2001: 3)*

Um aspeto caracterizador do ambiente prisional é a sua natureza masculina. Considerando que a maioria dos atores são homens, a masculinidade molda a vida quotidiana na prisão. Esta condição estabelece à partida normas de conduta, desde a forma como os reclusos interagem entre si, até à forma como andam, como falam e como se expressam, por exemplo. Após serem institucionalizados, o “ser homem” é uma das poucas fontes de identidade destes indivíduos. Que por sua vez cria um critério normativo da subcultura que é exatamente o “ser homem”. Juříček esclarece que:

*O código penitenciário baseia-se no ideal de um homem macho que domina ativamente o seu espaço e é capaz de utilizar uma variedade de recursos para manter o seu estatuto superior. Um indivíduo bem-sucedido e “poderoso” é, portanto, a pessoa que mais se aproxima deste ideal na prática real e que pode coagir ativamente os outros à obediência. (Juříček, 2015: 561)*

Contudo, se o “ser homem” é uma das poucas fontes de identidade no interior destas instituições, o facto de um recluso mostrar sinais considerados pouco masculinos, ou até associados ao género feminino, é motivo para considerar que o mesmo pode encontrar-se numa posição vulnerável e ser remetido, pelos outros reclusos, para uma posição inferior na hierarquia informal.

A estrutura social entre os reclusos assume uma dimensão simbólica na construção do mundo institucionalizado, concebendo o espaço social como um espaço de lutas e mudanças do qual a dimensão simbólica reproduz a realidade. Ou seja, *“a estratificação social entre os reclusos é encarada, numa perspetiva construtivista e interacionista, como um processo de (re)construção do ideal de masculinidade e como uma tentativa subsequente de concretizar esse ideal”* (Juříček, 2015: 561).

O ideal retratado no interior da prisão refere-se a uma masculinidade hegemónica, caracterizada pela capacidade de exercer violência sobre o outro, pela heterossexualidade, pela autoridade, pela independência e pelo controlo. Neste sentido, Connel define a masculinidade hegemónica *“como a configuração da prática de género que incorpora a resposta atualmente aceite ao problema da legitimidade do patriarcado que garante a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres”* (1995: 77).

Mosher (1991) descreve este tipo de masculinidade como “hipermasculinidade” onde o domínio, a violência e o perigo constituem a sua essência. Tal como a hierarquização, o “ser homem” por sua vez também necessita de respeitar certos valores reclamados pela população de reclusos. Como sublinham Sabo, Kupers e London:

*Sofrer em silêncio. Nunca admitir que se tem medo.... Não se chibar não faça nada que leve os outros prisioneiros a pensar que é gay, efeminado ou maricas. Seja duro.... Não ajudar as autoridades de forma alguma. Não confies em ninguém. Esteja sempre pronto para lutar, especialmente quando a sua masculinidade for posta em causa. Uma forma de evitar uma luta é parecer que se está disposto a lutar. Como resultado, os prisioneiros levantam pesos compulsivamente, adoptam o olhar mais malvado que conseguem reunir, e mantêm os seus medos e a sua dor, cuidadosamente escondidos, sob uma postura de durão bem ensaiada. (Sabo, Kupers & London, 2001: 10-11)*

No interior do estabelecimento prisional os meios que definem a masculinidade são bastante escassos pois não possuem emprego, ou seja, não possuem rendimentos para

além do que a família lhes possa fornecer; têm incapacidade de exprimir a sua heterossexualidade através da associação ao alguém do sexo feminino (excluindo os casos onde se possa receber visitas conjugais); e a falta de autonomia e de liberdade muitas vezes refletida na ausência de vestuário distintivo, por exemplo. A ausência de marcadores culturais que estabelecem o padrão da masculinidade hegemónica, dificulta a confirmação por parte dos restantes reclusos. De modo a colmatar esta situação, “(...) *os homens na prisão são forçados a reconstituir a sua identidade e estatuto usando os recursos limitados disponíveis*” (Phillips, 2001: 13). Tal como já foi referido, Bourdieu (1986) o espaço social é caracterizado por um espaço de competição, conflito e de consequentes mudanças que obrigam o indivíduo a adotar determinadas estratégias de modo a garantir a sua subsistência. Deste modo, é fundamental que os reclusos, adotem estratégias para superar a falta de marcadores culturais da masculinidade hegemónica. Bourdieu afirma que:

*A estrutura dos campos, a cada momento, pode ser definida como o estado da relação de força entre os agentes ou entre as instituições engajadas na luta pela apropriação de um determinado capital que, acumulado no curso de lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores. (Bourdieu, 1983: 90).*

Apesar de não existir um documento oficial de estratégias para atenuar a ausência da designada masculinidade hegemónica, existe sim, estratégias provenientes de relatos etnográficos que permitem ganhar estatuto neste tipo de instituições. Jewkes afirma que os reclusos de modo a sobreviverem no contexto híper masculino da prisão "*têm de negociar a sua posição dentro de uma hierarquia prisional que se baseia em demonstrações excessivas de masculinidade, construindo uma identidade pública que lhes permita "encaixar-se" na cultura dominante*" (2005: 46).

#### **2.4. Guia para o Topo da Micro-Sociedade-Marginal**

Sendo a prisão um universo altamente masculinizado torna-se fundamental abordar as estratégias existentes para colmatar a ausência de marcadores da masculinidade hegemónica. No sentido em que, o “ser homem” assim como todas as dimensões que englobam essa caracterização são extremamente importantes na

hierarquização informal dos reclusos. Contudo, não é a única dimensão existente na corrida ao topo e várias estratégias podem ser adotadas. Segundo Toch “(...), *cada uma destas estratégias intensifica a expressão hegemónica do género numa forma de hipermasculinidade, de tal modo que se aproxima de uma "caricatura da masculinidade"* (1998: 172).

De modo a colmatar os marcadores de masculinidade, foram identificados três tipos de estratégias: o uso de uma “máscara”, a capacidade de exercer violência e o crime vs. masculinidade, que serão detalhadas de seguida.

### ***O Uso de uma “Máscara”***

Quando se fala em “máscaras”, no sentido da manipulação da identidade para com os outros, é fundamental abordar os contributos teóricos de Erving Goffman no seu livro “A representação do Eu na vida cotidiana” (1975). Segundo Janeiro:

*(...) quando um individuo chega diante de outros suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar. Às vezes, agirá de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhes interessa obter. (Janeiro, 2002: 15)*

Muito sucintamente é nesta premissa que se baseia a teoria de Goffman que concebe o espaço social e as interações sociais como um palco, onde a luz do holofote se encontra sempre direcionada aos atores sociais. Para além de o indivíduo se encontrar sempre em “representação” assume, simultaneamente, diversas “máscaras” consoante o contexto, representando os papéis desempenhados nas diferentes esferas sociais. No contexto da prisão, onde prevalecem características muito distintivas, Jewkes esclarece que:

*A persona pública que os indivíduos apresentam quando interagem com os outros dentro da prisão pode ser um disfarce familiar, construído e refinado através de um longo processo de socialização em subculturas dominadas pelos homens enquanto criança, adolescente e adulto. (Jewkes, 2005: 54)*

Ao assumir-se uma determinada máscara, neste caso específico para demonstrar uma masculinidade hegemónica, a mesma protege o recluso da exposição das suas vulnerabilidades que possam colocar em causa a visão que o outro tem de si, comprometendo assim a sua masculinidade, bem como a sua posição na hierarquia informal dos reclusos.

### ***Capacidade de Exercer Violência***

Uma outra forma que os reclusos usam como recurso para demonstrar e assegurar a sua masculinidade no contexto da prisão é através da agressão física contra alguém que lhes tenha feito algo de mal. De modo a contextualizar o significado da violência na prisão como uma forma indispensável para a sobrevivência, Carceral sublinha que:

*Há certas ações e estados de espírito que temos de projetar (...) os homens ameaçam-se uns aos outros diariamente. Um homem desrespeita-nos e, em troca, ameaçamo-lo. Alguém fura a fila à sua frente, por isso tem de o ameaçar (...) Para salvar a face e, portanto, a tua futura existência na prisão, tens de lutar. A bondade é uma fraqueza, a gentileza é uma fraqueza. O cuidado é fraqueza, a tristeza é fraqueza e o amor é fraqueza. (Carceral, 2004: 28, 35, 36)*

A adoção de uma postura mais ameaçadora, através do desenvolvimento do corpo físico bem como o aperfeiçoamento das técnicas de luta, permitem ao indivíduo capacidades úteis no campo da violência. Todo o comportamento fora dos valores da masculinidade hegemónica é considerado um comportamento submisso, traduzindo-se numa posição menor na hierarquia informal dos reclusos. Assim, a violência constitui um aspeto chave na demonstração e no reforço da hipermasculinidade. Porém, para que os reclusos melhorem o seu estatuto através da violência, não podem envolver-se em qualquer tipo de luta. Como explica Jewkes “o infrator volátil tem mais probabilidades de ser marginalizado do que respeitado” (2005: 52). Ou seja, para agir com violência, deve os reclusos têm de respeitar o “código do recluso”. Dentro desse código, como afirmam Brookman, Bennett, Hochstetler e Copes, o uso legítimo da violência inclui “(1) punir o desrespeito; (2) usar a violência como autodefesa ou para se proteger contra a vitimização; (3) como uma forma de autoajuda para resolver conflitos interpessoais; e (4) manter uma reputação de dureza ou temeridade” (2011: 27).

### ***Crime versus Masculinidade***

Massey e Denton (1993) afirmam que as questões étnicas, a estratificação e a segregação social estão inerentemente interligadas nas sociedades atuais. Por sua vez, na prisão também se encontra esse tipo de tensões, onde a maioria dos homens apresentam baixos rendimentos ou pertencem a uma minoria. Tal como referido, a adoção de uma hipermasculinidade remete para a compensação de algo, neste contexto particular, a compensação de rendimentos baixos ou pelo facto de pertencerem a uma minoria racial. Gibbs e Merighi a adoção afirmam que adoção de uma estratégia de hipermasculinidade é "*defensiva para contrariar os seus sentimentos de marginalidade*" (1994: 80). A etnia constitui muito frequentemente um dos critérios de estratificação no contexto prisional, bem como o tipo de crimes cometidos e que conduziram ao cumprimento de uma sentença na prisão. Neste sentido, existem crimes considerados mais masculinos e outros mais passivos. Mais uma vez, tudo gira em torno do significado que é atribuído a cada ação, ainda mais em contexto prisional, onde os recursos são limitados e o valor reside no significado que lhe é atribuído e reconhecido pelos reclusos coletivamente. Os crimes reconhecidos como mais masculinos envolvem, segundo Karp, "*dureza ou rebeldia, como ser um "assassino de polícias", são um recurso masculino que pode aumentar o estatuto. Apesar de todos os crimes serem exploratórios, quanto mais fraca ou vulnerável for a vítima, menor é o estatuto que lhe é atribuído*" (2010: 72).

Um exemplo de um crime considerado mais passivo é a violação ou assassinato de mulheres e menores. Ao cometer um crime deste nível, o recluso automaticamente terá uma posição de baixo estatuto na hierarquia, pois não corresponde aos ideais respeitados no "código dos reclusos". Segundo Bandyopadhyay "*era como se a fraqueza da vítima habitasse o criminoso e o tornasse fraco (...) matar uma. A pessoa mais fraca era vista pelos reclusos como uma emasculação do eu masculino*" (2006: 190).

As reflexões abordadas refletem a forma como o contexto prisional reflete e intensifica as dinâmicas de segregação social e étnica presentes na sociedade, exacerbando a marginalização de indivíduos de minorias raciais e de classes sociais mais baixas. A hiper masculinidade emerge também neste contexto como uma estratégia de defesa para lidar com sentimentos de vulnerabilidade e de marginalidade. O tipo de crime cometido também se torna um marcador de *status* dentro da hierarquia prisional, podendo elevar ou reduzir o prestígio de cada recluso. Assim, o "código dos reclusos" é

profundamente influenciado pelas percepções coletivas de masculinidade, poder e fraqueza, refletindo as tensões e valores da sociedade numa escala micro.

## **2.5. Redes Sociais no Contexto das Prisões**

A importância das relações sociais para o bem-estar individual e coletivo tem sido sobejamente demonstrada ao longo do tempo por diversos autores (e.g. Bourdieu, 1986; Coleman, 1993; Portes, 1998; Putnam, 1995). A necessidade de pertença é considerada uma motivação fundamental em diferentes contextos geracionais, culturais e territoriais. No contexto prisional, esta questão ganha uma ênfase particular, já que os reclusos são desconectados dos seus laços sociais anteriores à prisão (Bronson, 2008). Ao mesmo tempo que os outros reclusos constituem as únicas fontes diretas de conectividade social, também se torna desafiador criar e manter novos laços, uma vez que o contexto prisional se caracteriza pela forte vigilância e pela concentração de indivíduos considerados perigosos para a sociedade (Wakefield & Uggen, 2010).

As relações sociais na prisão são, por isso, essenciais para garantir apoio instrumental (prático) ou emocional, através do qual os reclusos procuram conforto e bem-estar durante o tempo que ficam confinados à prisão. Deste modo, as estruturas sociais dentro da prisão tendem a reproduzir as que prevalecem no seu exterior, com relações muitas vezes baseadas com características comuns partilhadas pelos reclusos, tais como a idade, a etnia, a religião ou a escolaridade, entre outros (Bronson, 2008; Liebling & Arnold, 2012; Sykes, 1958).

Vale e pena sublinhar, que os reclusos entram na prisão contra a sua vontade, apenas com uma noção geral de quando serão libertados (ou seja, datas mínimas e máximas de libertação) e, muitas vezes, não conhecem ninguém na prisão. A composição da população prisional significa que as escolhas dos reclusos são limitadas a pares sancionados criminalmente, muitos dos quais ter um historial violento, o que torna a afiliação social arriscada. Adicionalmente, há que reforçar que o contexto social da prisão é um ambiente altamente fluído, com um fluxo constante de reclusos libertados, transferidos ou recém-chegados (De Viggiani, 2006). A sobrevivência num contexto social com estas características requer um controlo constante dos outros e da avaliação das suas relações (Crewe, 2009).

Estas reflexões atestam sobre a validade e a mais-valia de estudar a forma como os padrões de afiliação social se desenvolvem no contexto prisional, podendo encontrar-se tipos de relações sociais variadas (Kraeger et al., 2016). A abordagem da análise de redes sociais revela-se particularmente útil para estudar estes aspetos de um determinado contexto social, tendo nas últimas décadas registado um rápido crescimento na área disciplinar da Sociologia (Borgatti, Everett & Johnson, 2013; Scott, 2013).

O principal objetivo de utilizar a análise de redes sociais em contexto prisional, remete para a compreensão da formação dos laços e das relações sociais e simultaneamente a forma como são mantidas essas relações, permitindo estudar a interdependência entre os indivíduos nos seus respetivos contextos sociais (Borgatti, Mehra, Brass, & Labianca, 2009; Veenstra, Dijkstra, & Kreager, 2018). A perspectiva de Mark Granovetter para contextualizar a abordagem das redes sociais parte de duas premissas: “(a) a ação económica é socialmente situada e não pode ser explicada apenas por motivos individuais; (b) as instituições económicas são socialmente construídas” (2007: 28). Granovetter, identifica os modelos de inserção social das ações económicas, assim como, a influência destas ações sociais nos resultados económicos, revelando que

*(...), os atores não se comportam como átomos fora de um dado contexto social, nem aderem, como escravos, a um guia determinado por uma interseção específica das categorias sociais que, por acaso ocupam. As suas tentativas de realizar ações com finalidades estão, pelo contrário, incrustadas em sistemas concretos e continuados de relações sociais. (Granovetter, 2003: 75)*

Este argumento, destaca o papel das relações pessoais e das estruturas dessas relações, dando um particular destaque ao capital social. Quando se fala de redes sociais, fala-se de um conjunto de indivíduos interligados por uma relação, ou como refere Sousa Brandão “(...) uma rede caracteriza, assim, o sistema formado pelos vínculos diretos e indiretos entre os atores”. (2015: 5) Além disso, a análise de redes sociais, também se dedica a compreender os fluxos de informação e por sua vez, como afirma Sousa Brandão (2015):

*(...) as próprias redes instituídas, assim como as construções sociais e simbólicas dos grupos estudados. Deste modo, ao pensar em redes, busca-se um instrumental teórico-metodológico que permita melhor compreender a sociedade ou um grupo social por sua estrutura, seus “nós” e suas ramificações. (Sousa Brandão, 2015: 5)*

Além dos nós e das ramificações, a discussão das redes (*networks*) sob a perspectiva de Marteleto engloba um, “*sistemas de nós e elos; uma estrutura sem fronteiras; uma comunidade não geográfica; um sistema de apoio ou um sistema prático que se pareça com uma árvore ou uma rede*” (2001: 72). Conseqüentemente, essa mesma rede conecta-se a um combinado de participantes independentes, juntando ideias e recursos em torno de valores e interesses comuns. Como afirmou Vilsante “(...) *em cada grupo local, como em cada pessoa, há relações em redes que nos ligam cotidianamente com realidades muito complexas*” (2002: 71).

Para terminar o capítulo de enquadramento teórico resume-se na tabela seguinte, os atributos/aspetos valorizados pelos reclusos em cada forma de capital, em contexto prisional.

**Tabela 1. Resumo das Dimensões Valorizadas em cada Forma de Capital**

| <b>C. Económico</b>  | <b>C. Cultural</b>   | <b>C. Social</b>   | <b>C. Simbólico</b>  |
|--|--|--|--|
| <b>Formas de capital económico valorizadas:</b>  | <b>Profissões valorizadas pelos reclusos:</b>  | <b>Interações sociais com benefícios:</b>  | <b>Comportamentos valorizados por outros reclusos:</b>   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Posse de dinheiro</li> <li>• Proveniência familiar (classe social)</li> <li>• Posse de bens imobiliários</li> <li>• Posse de bens mobiliário</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Professor</li> <li>• Barbeiro</li> <li>• Tatuador</li> <li>• Mecânico</li> <li>• Construtor civil</li> <li>• Cozinheiro</li> <li>• Prostituição</li> <li>• <i>Personal trainer</i></li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Rede de apoio</li> <li>• Afiliação a um gangue</li> <li>• Pertença a grupos religiosos</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Ser homem”</li> <li>• Violência /Violação</li> <li>• Forma física</li> <li>• Tatuagens</li> <li>• Tipo de crime</li> <li>• Duração da pena</li> <li>• Participações em motins</li> </ul> |

Fonte: Elaboração própria

### ***Em Síntese***

O Capítulo 2 consubstanciou uma revisão teórica abrangente sobre o desenvolvimento das punições e a evolução das instituições prisionais, destacando a transição do castigo público para a reabilitação e o papel das prisões como instituições totais. A discussão teórica centrou-se nas contribuições de autores como Michel Foucault e Erving Goffman, que fornecem perspectivas críticas fundamentais sobre a natureza do poder, vigilância e controlo dentro do ambiente prisional.

A análise estendeu-se à Teoria dos Capitais de Pierre Bourdieu, que é utilizada como estrutura para entender como diferentes formas de capital (económico, cultural, social e simbólico) influenciam a posição dos reclusos na hierarquia informal que se estabelece entre eles no interior das prisões. Este capítulo discutiu ainda a Teoria da Subcultura prisional e o "código dos reclusos", que regula e medeia as interações sociais e a manutenção da ordem dentro da prisão. Estas noções revelaram-se essenciais para compreender como a masculinidade hegemónica e outros fatores culturais influenciam as dinâmicas de poder e de *status* entre os reclusos.

Desta forma, este capítulo forneceu uma base teórica sólida que fundamentou a análise empírica subsequente, destacando a complexidade das relações sociais e de poder nas prisões. A abordagem teórica adotada permitiu uma compreensão mais profunda das forças que moldam a hierarquia informal entre os reclusos, como forma de preparação para a exploração empírica destas dinâmicas nos capítulos seguintes.

## Capítulo 3. Metodologia

### 3.1. Motivação, Problema e Objetivos de Investigação

A motivação para a realização desta dissertação de mestrado resulta em primeira análise do interesse no estudo e nas contribuições teóricas do sociólogo Erving Goffman, em particular sobre a problemática das instituições totalitárias.

No âmbito do estudo da hierarquização informal sob a ótica dos reclusos destaca-se a obra de Goffman intitulada “Manicómios, prisões e conventos” (1961), cuja análise se baseia na observação participante de modo a relatar a vida nesse tipo de instituições. No entanto, sublinha-se a escassez de informação relativa à vida social no interior da prisão suscitando interesse devido à complexidade do ambiente social do estabelecimento prisional. Cada instituição detém as suas regras formais e informais, estrutura social e padrões de interação específicos (Schmid, 2000). Deste modo, o estabelecimento prisional, segundo Goffman (1961), pode ser perspectivado como uma organização estruturada, traduzindo-se na separação rigorosa entre o papel dos funcionários da instituição e o papel dos reclusos.

O problema de investigação deste trabalho está, portanto, ancorado na necessidade de explorar o modo como se forma a estrutura informal dos reclusos (com identificação de mecanismos e atributos específicos que a promovam), como é composta e quais as dimensões que contribuem para a mobilidade dentro dessa mesma estrutura.

Estas questões motivaram o estabelecimento da seguinte pergunta de partida: **Que mecanismos e atributos atuam na formação da hierarquia informal dos reclusos em contexto prisional, como se compõe esta estrutura e que fatores influenciam a mobilidade social dentro dessa estrutura?**

Deste modo, o objetivo geral desta dissertação consiste em estudar a formação da hierarquização informal entre os reclusos de modo a identificar e compreender concretamente os mecanismos e atributos que atuam na formação desta estrutura, bem como analisar a dinâmica interna da mesma para perceber quais as dimensões que condicionam a ascensão ou descida dessa mesma estrutura. Para responder a este objetivo geral foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Analisar e rever a literatura especializada sobre as dinâmicas dos reclusos em contextos prisionais no contexto da Sociologia;
- Identificar mecanismos e atributos que promovem a formação de uma hierarquia informal entre reclusos, em contexto prisional;
- Mapear a rede social dos reclusos em contexto prisional para compreender a composição e dinâmica interna dessa estrutura;
- Refletir sobre os resultados obtidos para a elaboração de recomendações com vista à melhoria do ambiente social em que se inserem os reclusos em contexto prisional.

### 3.2. Definição do Quadro Teórico de Análise

Para responder à pergunta de investigação colocada e ao conjunto de objetivos definidos em sua função (geral e específicos), foi necessário identificar um conjunto de abordagens teóricas na área disciplinar da Sociologia, que permitisse compreender de que forma se tem estudado o contexto prisional e quais as dimensões que devem ser equacionadas neste contexto de investigação.

A Tabela 2 apresenta uma síntese das abordagens teóricas mobilizadas tendo em conta os objetivos propostos. Além das abordagens teóricas são ainda identificados os autores associados a cada uma delas, bem como os conceitos ou noções chave usados.

**Tabela 1. Resumo das Abordagens Teóricas Mobilizadas**

| ABORDAGENS TEÓRICAS                   | AUTORES   | CONCEITOS CHAVE   |
|---------------------------------------|---|---|
| <b>Doxa e Panoptismo</b>              | Bourdieu (1977), Foucault (1979)  | Estruturas de crenças, conformidade, vigilância, poder disciplinar, panoptismo                            |
| <b>Origem do Poder</b>                | Goffman (1961), Foucault (1979)   | Manifestações de poder, controlo social, instituições totais, panóptico                                   |
| <b>Estrutura Hierárquica</b>          | Sykes (1958), Goffman (1961)  | Estrutura de poder formal, regras e normas prisionais, papel dos guardas e reclusos, subcultura           |
| <b>Interacionismo Simbólico</b>       | Goffman (1961), Blumer (1980)   | Identidade, interações simbólicas, significados atribuídos, teoria da rotulação                           |
| <b>Capitais de Bourdieu</b>           | Bourdieu (1989), Trigo (1998), Olinto (1995)                                | Capital económico, capital cultural (incorporado e institucionalizado), capital social, capital simbólico |
| <b>Ser Homem na Prisão</b>            | Sabo, Kupers & London (2001), Juříček (2015), Connell (1995), Mosher (1991) | Masculinidade, hipermasculinidade, estrutura social, masculinidade hegemónica                             |
| <b>Redes Sociais dentro da Prisão</b> | Granovetter (1973, 2007), Borgatti et al. (2009), Kraeger et al. (2016)     | Relações sociais, capital social, análise de redes sociais  |

Fonte: Elaboração própria

Para responder à complexidade do contexto prisional e compreender as dinâmicas da hierarquia informal entre os reclusos do Estabelecimento Prisional de Faro, nesta dissertação foi dado particular ênfase à abordagem teórica de Pierre Bourdieu, mais concretamente a sua obra *“The forms of Capital”* (1986).

Tal como foi apresentado previamente no capítulo 2, Enquadramento Teórico, Bourdieu (1986) alargou a noção de "capital" para além do capital económico, identificando a existência de diferentes formas de capital: cultural, social e o simbólico. Através deste referencial teórico foi possível explorar a influência destas quatro formas de capital e do modo como estas se manifestam e interagem dentro da micro-sociedade prisional. Além disso, Bourdieu afirma que a posição social dos indivíduos é influenciada diretamente pela acumulação e combinação dessas diferentes formas de capital, o que sugere a pertinência da sua utilização para estudar a hierarquia informal dos reclusos em contexto prisional.

Concretamente, a utilização deste referencial teórico constitui uma ferramenta essencial para analisar e mapear as possíveis dinâmicas de mobilidade da hierarquia informal dos estabelecimentos prisionais, facilitando a identificação dos atributos e mecanismos específicos que contribuem para a mobilidade social dentro da hierarquia informal que se estabelece entre dos reclusos. Esta análise, além de fornecer uma perceção pormenorizada das dimensões mais e menos valorizadas pelos reclusos, é reveladora de aspetos marcantes acerca das dinâmicas de poder e das estratégias adotadas pelos reclusos para “sobreviver” à vida na prisão.

Deste modo, o quadro teórico aqui evidenciado torna-se indispensável para a compreensão de como as diferentes formas de capital são usadas pelos reclusos no contexto prisional, revelando a sua hierarquia informal e influenciando a mobilidade social dos reclusos. Assim, a utilização da teoria de Bourdieu consubstancia um modelo escrupuloso que permitiu uma análise detalhada acerca da complexidade das relações sociais emergentes nos estabelecimentos prisionais.

### **3.3. Métodos e Técnicas de Investigação**

Para investigar a hierarquização dos reclusos, adotou-se a abordagem do estudo de caso, que permite enfatizar a importância do contexto real, o uso de múltiplas fontes

de evidência e uma abordagem holística e rigorosa para investigar fenómenos complexos (Yin, 2014). Deste modo, selecionou-se um contexto prisional específico para fazer o estudo aprofundado do caso e produzir conhecimento sobre a hierarquia informal de reclusos, eventualmente generalizável para outros contextos prisionais com as mesmas características. O Estabelecimento Prisional de Faro (EPF) foi a prisão escolhida para elaborar o estudo de caso, com os objetivos propostos. Esta seleção justifica-se, sobretudo pelo facto de esta prisão possuir uma dimensão considerável, em termos de lotação, por ter carácter distrital e também pela conveniência de proximidade geográfica.

Tendo conta os objetivos propostos optou-se também pela metodologia de investigação mista para estudar empiricamente a hierarquização informal dos reclusos em contexto prisional. A utilização de abordagens metodológicas mistas no contexto da análise sociológica revela-se uma opção vantajosa uma vez que promove uma compreensão mais profunda e detalhada sobre a complexidade dos processos sociais (Pearce, 2012; Small, 2011). A abordagem metodológica mista pressupõe a combinação de métodos qualitativos e métodos quantitativos de forma complementar (Bryman, 2016).

A investigação qualitativa consubstancia-se na realização de entrevistas aos reclusos do EPF, com recurso a um guião semiestruturado. O guião de entrevistas semiestruturado (ver apêndice A), foi construído com o intuito de recolher, junto dos reclusos do EPF, dados para o cumprimento dos objetivos propostos, sendo composto por 35 questões. A primeira parte do guião é introdutória e tem como função a caracterização do perfil do recluso. A segunda, terceira, quarta e quinta partes do guião referem-se, respetivamente, à análise de cada tipo de capital (na conceção de Bourdieu), com o intuito de identificar a valorização de cada um para os reclusos, bem como que atributos se destacam dentro de cada forma de capital. A sexta parte do guião refere-se à hierarquia e poder dentro da prisão e contém questões que visam captar a essência da hierarquia informal, bem como questões para alimentar o mapeamento da rede social do EPF. A última parte do guião tem como objetivo identificar as motivações e competições existentes para alcançar uma boa posição na hierarquia informal dos reclusos.

A investigação quantitativa consubstancia-se na elaboração de uma análise de redes sociais, com base na informação recolhida através das entrevistas aos reclusos, com o objetivo de mapear a rede social dos reclusos do EPF, de modo a compreender a composição e dinâmica interna da hierarquia informal dos mesmos. Esta abordagem

metodológica tem ganhado destaque na investigação sociológica e criminológica nas últimas décadas (McGloin e Kirk, 2010; Papachristos, 2015), referindo-se ao conceito de sistemas sociais compostos por indivíduos, cada um com características e comportamentos distintos e à rede de ligações que os agrega numa estrutura social.

Este método estuda habitualmente a estrutura social e as suas consequências, destacando os comportamentos e os processos de difusão (Smith e Christakis 2008). Isto inclui a identificação e a compreensão dos padrões de ligações entre indivíduos e grupos e a intensidade e natureza dessas ligações.

A perspetiva de rede descreve o estatuto não como uma característica individual, mas como um processo que decorre das interações individuais (Gould, 2002). Isto significa que o estatuto não é estático, mas algo atribuído e reconhecido em contextos específicos, como a prisão. Além disso, a importância tanto da pessoa que recebe o estatuto como da pessoa que atribui é enfatizada (Sauder, Lynn e Podolny 2012).

De notar o facto de esta constituir a primeira investigação em Portugal a aplicar a abordagem das redes sociais ao contexto prisional, seguindo estudos recentes nos Estados Unidos da América (Kreager et al., 2017; Schaefer et al, 2017), numa unidade prisional de segurança média com 205 prisioneiros do sexo masculino; nos Países Baixos (Sentse et al. 2021), para estudar a qualidade da vida prisional, tendo incluído o universo de detidos provisórios e prisioneiros (masculinos e femininos), alojados em todas as instituições penitenciárias dos Países Baixos (num total de 28).

### **3.4. Recolha, Tratamento e Análise de Dados**

A fase de recolha de dados consistiu na aplicação de entrevistas aos reclusos do EPF, com recurso a um guião semiestruturado, tal como foi referido na secção 3.3. Contudo, a aplicação de entrevistas a reclusos no interior de um estabelecimento prisional tem de considerar a vulnerabilidade do público-alvo. Por este motivo foi necessário obter a autorização do EPF e da Comissão de Ética da Universidade do Algarve (ver anexos I e II) para a realização do trabalho de campo. Em cumprimento com as recomendações do Gabinete de Proteção de Dados da Universidade do Algarve, e para garantir o anonimato dos participantes, foi disponibilizado a cada participante um formulário sobre os termos e condições da proteção de dados e com o pedido de consentimento para o tratamento dos

dados obtidos no decurso das entrevistas (ver anexo III). A assinatura deste formulário autorizava a participação na investigação e gravação áudio da entrevista (para fins únicos e exclusivos de análise dos dados no contexto desta investigação).

Para melhor captar a dinâmica entre reclusos optou-se por entrevistar reclusos com diferentes tipos de perfis em termos de “antiguidade” na prisão:

- Reclusos recém-chegados (entre 6 meses e 1 ano);
- Reclusos “residentes” (entre 1 ano e 5 anos);
- Reclusos reincidentes (que já cumpriram pena de prisão antes).

O número de entrevistas realizadas foi estabelecido à posteriori de acordo com o princípio de saturação da informação, alcançada quando é verificada a repetição de temas, a ausência de novas informações relevantes e a confirmação dos padrões ou categorias emergentes identificadas nos dados recolhidos nas entrevistas já realizadas (Bryman, 2016; Francis et al., 2010). As entrevistas foram realizadas ao longo do período de quatro semanas, entre os meses de março e abril, no interior do EPF, numa sala disponibilizada para o efeito. No total 30 reclusos foram entrevistados entre os diferentes perfis de “antiguidade”: 15 recém-chegados, 10 “residentes” e 5 reincidentes. Cada entrevistas teve uma duração aproximada de 1 hora. Considerando a lotação máxima do EPF (103 lugares) e um total de 30 entrevistas efetuadas, esta amostra representa uma percentagem de aproximadamente 29% do universo de estudo.

As entrevistas foram transcritas na íntegra e os dados qualitativos resultantes das mesmas foram objeto de uma análise de conteúdo categórica com recurso ao *software QualCoder*. As categorias da análise de conteúdo emergiram quase na íntegra da revisão de literatura, tendo sido identificadas na tabela 1. As restantes emergiram diretamente do discurso dos entrevistados. As categorias de análise, organizadas por dimensões e subdimensões, podem ser consultadas nos apêndices B, C, D, E, F e G.

Relativamente à análise de redes sociais, esta foi implementada com recurso aos dados provenientes das entrevistas e elaborada com recurso ao *software Gephi* (Bastien, Heymann e Jacomy, 2009). Esta análise (método de investigação quantitativo) visou aprofundar o conhecimento informal da hierarquia estabelecida entre os reclusos. Os resultados foram interpretados à luz das teorias sociológicas do capital social para caracterizar as interações sociais estabelecidas, a natureza dessas relações, e como se

estabelece a centralidade dos atores, usando essencialmente dois critérios: grau (*degree*) e intermediação (*betweenness*).

Os resultados da investigação são apresentados na secção seguinte.

### ***Em síntese***

Este capítulo detalhou a metodologia utilizada na investigação, explicando as motivações, o problema de investigação, os objetivos e o quadro teórico adotado.

O problema de investigação é apresentado como a necessidade de compreender os mecanismos e atributos que formam essa hierarquia e as dimensões que influenciam a mobilidade social dentro dela. O objetivo geral do estudo propõe investigar a formação desta hierarquia, identificando os fatores que contribuem para a ascensão ou declínio dos reclusos na estrutura social prisional. Este objetivo permitiu definir também os objetivos específicos.

Com base nos objetivos propostos definiu-se o quadro teórico, utilizando como contributo principal a teoria dos capitais de Pierre Bourdieu para explorar o modo como as diferentes formas de capital (económico, cultural, social e simbólico) influenciam a hierarquização informal entre os reclusos.

A parte final do capítulo detalhou os métodos e técnicas de investigação selecionados e usados. O estudo adotou uma abordagem metodológica mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos. A investigação qualitativa incluiu entrevistas semiestruturadas com os reclusos do EPF para recolher dados sobre os capitais valorizados na hierarquia informal. A investigação quantitativa é conduzida através da implementação de uma análise de redes sociais, que mapeou as conexões entre os reclusos e explorou a dinâmica interna da hierarquia. O capítulo justificou a escolha do Estabelecimento Prisional de Faro como estudo de caso e detalha as etapas da recolha e análise dos dados.

Desta forma, este capítulo forneceu uma descrição detalhada da metodologia adotada para investigar a hierarquia informal entre os reclusos, explicando o quadro teórico e os métodos utilizados para alcançar os objetivos de investigação propostos.

## Capítulo 4. Quem Manda na Prisão? Análise de Resultados

### 4.1. Caracterização Geral do Estabelecimento Prisional de Faro

O Estabelecimento Prisional de Faro (EPF) (figura 1) localiza-se na cidade de Faro, na região do Algarve, em Portugal. Foi inaugurado em 1972 e foi alvo de obras de renovação em 1997, com o objetivo de diminuir a sobrelotação e melhorar as instalações para reclusos e funcionários.

**Figura 1. Estabelecimento Prisional de Faro**



Fonte: Jornal do Algarve / MapCarta

Atualmente este estabelecimento prisional conta com três edifícios: o bloco prisional e serviços de apoio, pavilhão exterior e portaria. No pavilhão exterior estão instalados os Serviços Administrativos e as instalações para o pessoal de vigilância. Neste pavilhão foram também criadas, uma zona para receber reclusas, que se deslocam para diligências judiciais, uma camarata para reclusos em Regime Aberto e uma sala de espera para visitas. Existem ainda dois blocos pré-fabricados para a formação profissional (Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, 2023).

Estando atualmente instalado no edifício da antiga Cadeia Comarcã. Possui uma capacidade oficial de 103 lugares, considerado um estabelecimento prisional de alta segurança obtendo um grau de complexidade de gestão médio (Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, 2023).

O estabelecimento é designado essencialmente para reclusos condenados residentes no Algarve, com sentenças até 5 anos, assim como, para reclusos preventivos à ordem do Tribunal da Comarca de Faro (Comissão dos Direitos Humanos da Ordem dos Advogados, 2022). Deste modo, este estabelecimento prisional serve todo o distrito de Faro.

A população prisional é demograficamente diversificada, evidenciando uma percentagem elevada de reclusos de nacionalidade estrangeira, mais concretamente oriundos de países lusófonos. Por fim, salienta-se o aumento de reclusos a cumprir penas associadas a crimes relacionados com estupefacientes (Direção-Geral de Reinscrição e Serviços Prisionais, 2003).

#### 4.2. Perfil dos Reclusos Entrevistados

Tal como previamente detalhado no capítulo 3, Metodologia, a componente empírica desta dissertação baseia-se na recolha de dados primários qualitativos, através de entrevistas semiestruturadas aos reclusos do EPF. A tabela 3 apresenta sumariamente a caracterização dos reclusos entrevistados neste estabelecimento prisional. Os dados são apresentados de forma agregada para proteger a identidade dos participantes na investigação.

**Tabela 3. Caracterização do Perfil dos Reclusos**

|                              |    |                                       |    |
|------------------------------|----|---------------------------------------|----|
| <b>Idade</b>                 |    | <b>Nacionalidade</b>                  |    |
| >22                          | 2  | Portuguesa                            | 19 |
| 22-31                        | 10 | Estrangeira                           | 11 |
| 32-41                        | 6  |                                       |    |
| 42-51                        | 9  | <b>Reincidência</b>                   |    |
| 52-61                        | 1  | Sim                                   | 14 |
| 62-71                        | 2  | Não                                   | 16 |
| <b>Nível de Escolaridade</b> |    | <b>Tipo de Crime</b>                  |    |
| 1º Ciclo                     | 1  | Crimes contra as pessoas              | 8  |
| 2º e 3º Ciclo                | 19 | Crimes contra a vida em sociedade     | 1  |
| Secundário                   | 9  | Crimes contra o património            | 9  |
| Ensino Superior              | 1  | Crimes respeitantes a estupefacientes | 10 |
|                              |    | Não Responde                          | 2  |

Fonte: Elaboração própria

A análise da tabela revela que a maioria dos reclusos possui entre 22 e 31 anos de idade, com uma disposição destacável nas faixas etárias seguintes, até os 51 anos de idade. Relativamente à nacionalidade, existe uma predominância de reclusos portugueses, no entanto, o número de reclusos estrangeiros é também significativo. A reincidência destaca-se como um aspeto importante nesta análise, pois a mesma pode determinar a posição dos reclusos na denominada hierarquia informal. Neste caso em específico, notou-se um equilíbrio entre reclusos reincidentes e aqueles que estão a cumprir uma sentença pela primeira vez. O nível de escolaridade dos reclusos é maioritariamente baixo, apresentando o 2º ou 3º ciclo de escolaridade. Por fim, pode-se observar uma maior incidência de crimes cometidos e sentenciados relacionados a estupefacientes (que incluem tráfico e também consumo) e crimes contra o património.

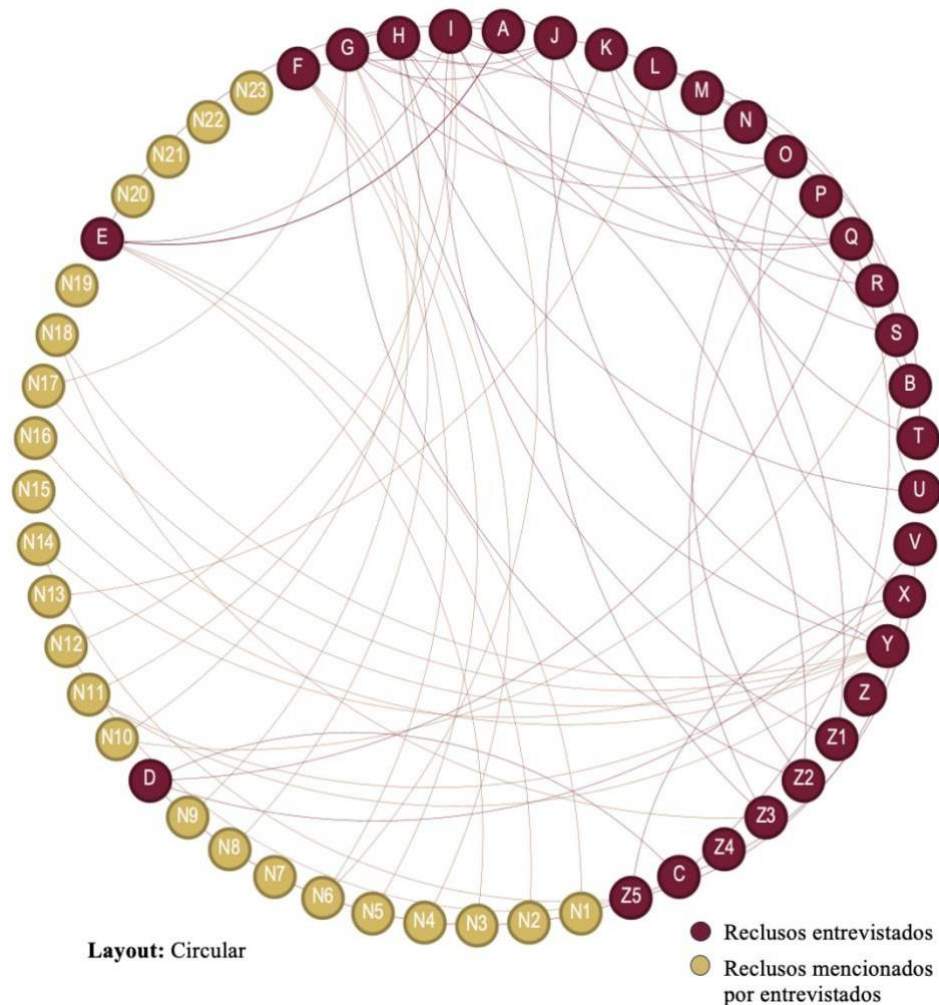
#### **4.3. A Hierarquia Informal dos Reclusos: A Rede Social dos Reclusos do Estabelecimento Prisional de Faro**

As entrevistas semiestruturadas realizadas aos reclusos do EPF permitiram recolher informação relacional para estruturar uma análise de redes sociais, com o objetivo de mapear a rede social dos mesmos dentro deste estabelecimento prisional e compreender a composição e dinâmica interna da sua hierarquia informal. A figura 2 constitui uma representação genérica da rede social de reclusos do EPF.

Os reclusos entrevistados, os nós, são representados pelos círculos coloridos a grená (n=30). Os restantes nós (n=24) representam outros reclusos que, não tendo sido entrevistados, foram mencionados pelos entrevistados durante as entrevistas, como fazendo parte da rede. Todos os nós são identificados com uma codificação de modo a proteger a sua identidade. Os nós encontram-se ligados por 70 laços, o que confere à rede uma densidade de 0,024, apresentando-se assim pouco coesa. A conectividade é especialmente densa entre os nós grená. Nós como "G", "H", "I", "J" e "Y" reúnem muitos laços com os restantes nós da rede, apresentando-se particularmente dinâmicos. O diâmetro da rede, calculado em função da maior distância geodésica entre quaisquer dois nós (indivíduos) dentro da rede, é de apenas 6. Isto significa que o caminho mais longo, em termos de laços, entre dois indivíduos é relativamente curto. Já o comprimento médio entre dois indivíduos é de apenas 2,167 laços. Em média cada nó da rede possui 1,296

laços (*degree* médio). O coeficiente médio de aglomeração constitui uma medida da tendência de formação de grupos ou *clusters* dentro de uma rede social, variando entre 0 e 1. Nesta rede o coeficiente de aglomeração apresenta-se baixo (0,083), indicando que a rede é mais dispersa e que possui menos agrupamentos locais.

**Figura 2. Rede Social dos Reclusos do EPF**

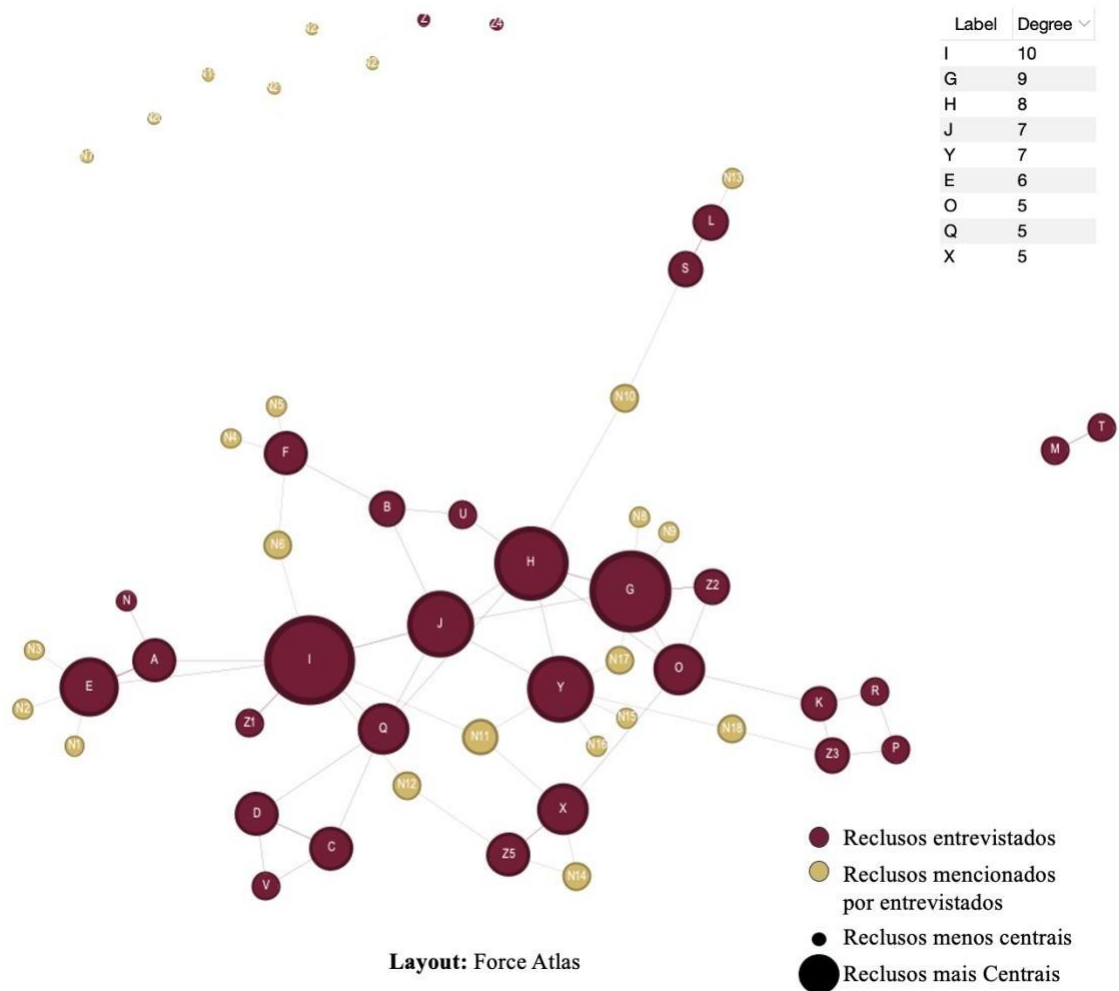


Fonte: Elaboração própria

A análise da centralidade dos nós da rede é fundamental para entender a importância relativa de cada nó, neste caso de cada recluso, dentro da rede. A centralidade ajuda a identificar nós que desempenham papéis críticos na estrutura, na disseminação de informações ou recursos e na coesão da rede (Borgatti, Everett e Johnson, 2013; Scott, 2013). Existem diferentes tipos de centralidades que fornecem perspectivas diferenciadas sobre o papel de cada nó. Nesta investigação, e dado o seu contexto particular, optou-se

pela análise das centralidades de grau e de intermediação. A figura 3 representa a centralidade de grau dos nós da rede reclusos do EPF. A centralidade de grau mede o número de conexões diretas que um nó possui, o que significa que nós com maior centralidade de grau são mais conectados e podem influenciar diretamente um grande número de outros nós.

**Figura 3. Centralidade de Grau**



Fonte: Elaboração própria

A análise da centralidade de grau está representada através da dimensão dos nós, sendo os maiores aqueles que detêm maior centralidade de grau, ou seja, possuem maior número de laços com outros reclusos. A figura evidencia uma estrutura hierárquica informal entre os reclusos, com alguns nós centrais a aparecerem com os atores mais populares, que provavelmente detêm a maior parte da informação ou que podem ligar-se

rapidamente à rede mais alargada. O nó 'I' é o ator mais central, reunindo o maior número de ligações. Outros nós com elevada centralidade são 'J', 'H', 'G' e 'Y', que também ocupam posições relevantes e criam um núcleo influente.

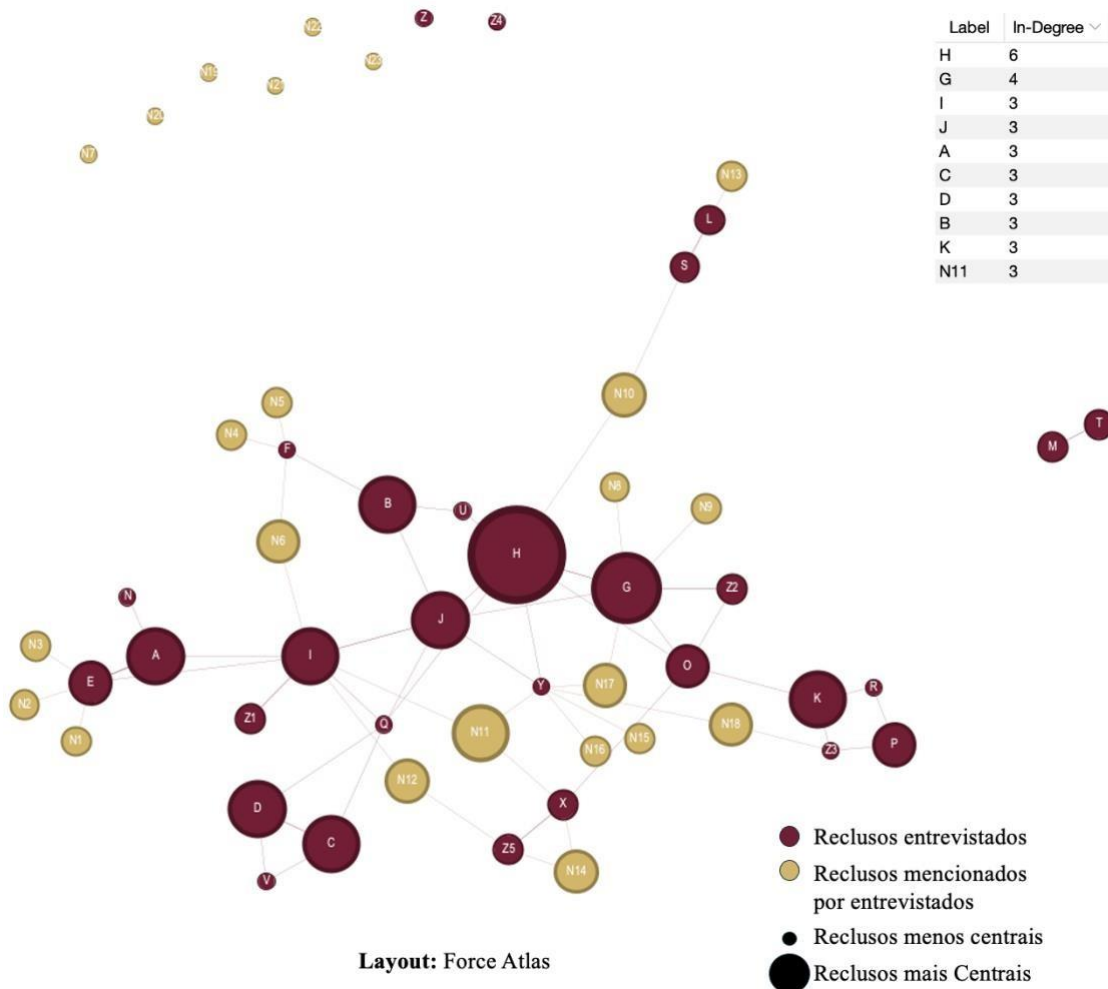
A centralidade do recluso 'I' é explicada pelo seu forte capital social dentro da prisão, adquirido através da pertença a um grupo religioso, do qual se intitula líder, facilitando as suas interações sociais através da religião. Por outro lado, os nós 'J', 'H' e 'G' possuem várias das dimensões das várias formas de capital consideradas importantes pelos reclusos para uma boa posição na hierarquia informal. Relativamente ao nó 'Y', apesar de ter um número significativo de ligações na rede, foi muitas vezes referido como um "cachico", um termo utilizado na gíria prisional para melhor descrever um "criado". Este recluso foi preso por posse de estupefacientes e é caracterizado como toxicod dependente, ocupando uma das posições mais baixas na hierarquia informal do EPF. No entanto, tem várias ligações que lhe permitem efetuar vários pequenos "trabalhos" para sobreviver dentro da prisão, o que lhe confere elevada centralidade de grau.

Esta imagem da rede está representada com um layout diferenciado da figura anterior (2). Neste caso foi usado o *layout Force Atlas*, um algoritmo de visualização que serve para representar visualmente a distribuição e as ligações entre os nós de uma rede. Concretamente, o *Force Atlas* inspira-se em modelos de forças físicas (como gravidade e repulsão), onde os nós da rede se comportam como partículas que exercem forças de atração e repulsão entre si, forçando uma disposição espacial dos nós que reflete de forma mais clara as relações entre eles. Os *clusters* ou comunidades tornam-se visíveis uma vez que os nós fortemente conectados se aproximam. No caso particular da rede de reclusos do EPF, a figura 3 revela vários nós representados com menor dimensão a formar subgrupos na periferia da zona mais central da rede, indicando a existência de alguns subgrupos que gravitam à volta dos atores do núcleo da rede. Estes atores estão completamente isolados, representando indivíduos marginalizados com pouca ou nenhuma influência na rede.

Uma variação da centralidade de grau é o *in-degree*, uma medida utilizada em redes diretas como esta e que indica o número de laços que apontam para um determinado nó. Ou seja, o *in-degree* de um nó refere-se ao número de outros nós que se conectam a si. Deste modo, no contexto prisional, o *in-degree* pode ser uma métrica valiosa para

avaliar o estatuto ou a influência de um preso dentro da rede social da prisão. A figura 4 apresenta o *in-degree* da rede de reclusos do EPF.

**Figura 4. In-degree (Variação da Centralidade de Grau)**



Fonte: Elaboração própria

A análise da figura 4, que à semelhança da anterior também usa o *layout Force Atlas* para melhor visualizar os subgrupos de reclusos, revela que os atores 'H' e 'G' se destacam como os reclusos que reúnem o maior número de contactos iniciados pelos restantes nós, o que sugere que são os reclusos mais prestigiados da rede. Com recurso às informações resultantes das entrevistas, é possível verificar que os nós 'H' e 'G' possuem várias das dimensões das várias formas de capital valorizadas pelos reclusos como importantes para uma boa posição na hierarquia informal, tais como: ser humilde, ser

forte, ter dinheiro, ser "homem", entre outras. Além disso, todos estes atores foram presos por crimes considerados masculinos, reforçando a sua posição na hierarquia e sublinhando, simultaneamente, a masculinidade hegemónica.

Os atores 'I', 'J', 'A', 'C', 'D', 'B', 'K' e 'N11', embora com menor grau que os dois referidos anteriormente, representam também nós com prestígio nesta rede, indicando que estes reclusos são figuras influentes.

Encontram-se na rede vários atores de menor dimensão que são os menos prestigiados - aqueles a quem os outros reclusos atribuem menos estatuto na hierarquia informal desta prisão. Um dos reclusos é o 'Y' que o *in-degree* evidencia possuir pouco estatuto relativamente aos restantes. Aparecia com centralidade de grau justificada, portanto, pelo *out-degree* (ele próprio a procurar conectar-se aos restantes reclusos), e não pelo *in-degree*.

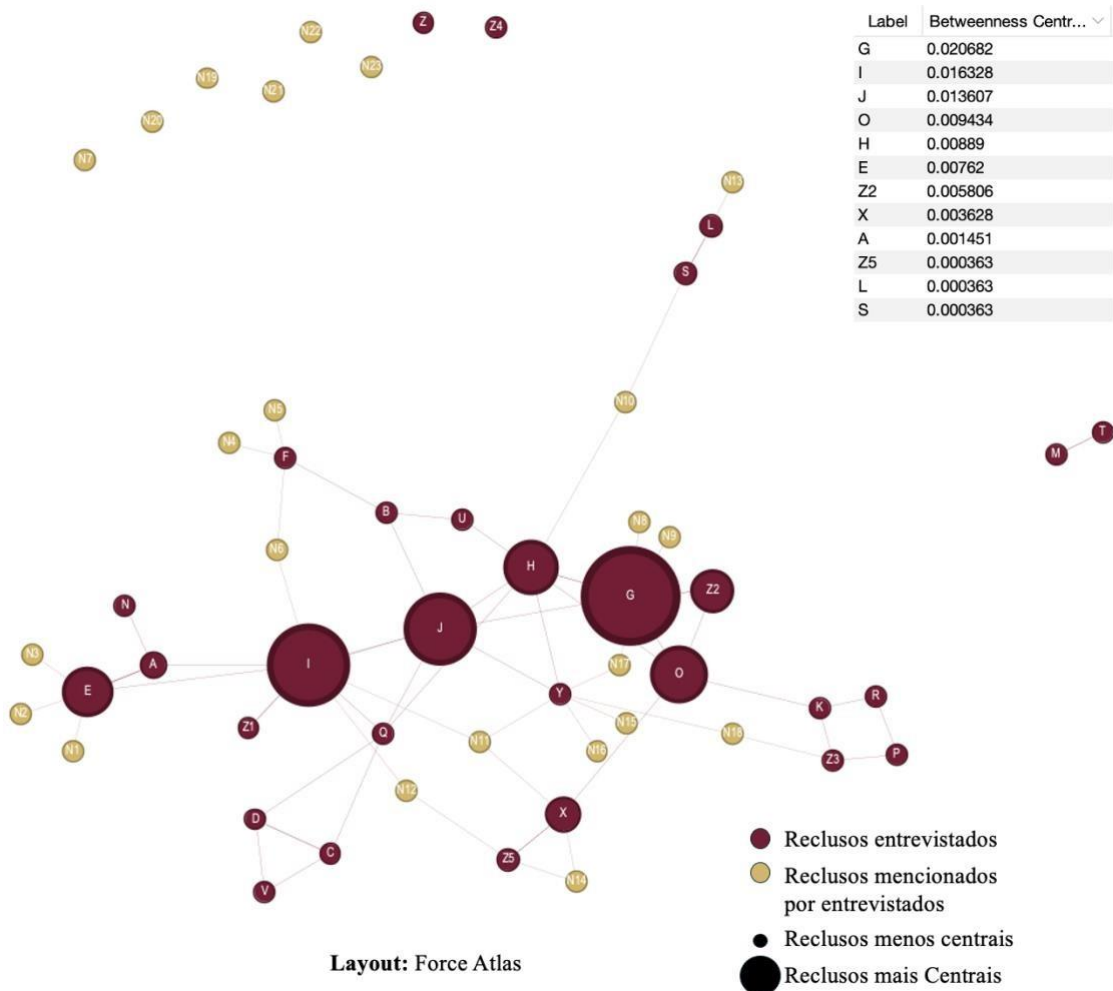
Grande parte dos reclusos que aqui são representados com menor estatuto estão associados à toxicod dependência e à zona de proteção (cela, separada da população prisional em geral). Estas características estão associadas a uma posição baixa na hierarquia informal. Além disso, a maioria destes atores tem nacionalidade portuguesa e foi detida por crimes associados à posse e distribuição de estupefacientes.

A figura seguinte (5) representa a centralidade de intermediação, uma medida de importância de um nó numa rede, baseada na quantidade de vezes que o nó atua como intermediário no caminho mais curto (geodésico) entre dois outros nós. Deste modo, um nó com elevada centralidade de intermediação é considerado influente uma vez que atua como uma espécie de "ponte" entre diferentes partes da rede.

A análise da figura revela que os reclusos 'G', 'I', 'J', 'O' e 'H' se destacam como os mais centrais na capacidade de funcionarem como intermediários entre os reclusos do EPF, tendo uma influência significativa sobre a existência ou a frequência das interações que se estabelecem entre eles. Estes reclusos são essenciais para a conexão entre diferentes partes da rede e este aspeto garante-lhes maior controlo sobre o fluxo de informações ou sobre recursos dentro da rede. Constituem, portanto, os líderes, facilitadores ou mediadores dentro da rede e, na eventualidade de alguns destes reclusos ser removido da rede (por libertação, isolamento ou transferência de estabelecimento prisional, por exemplo), pode fragmentar a rede ou dificultar a comunicação entre nós

que antes dependiam dele como intermediário. Esta situação pode conduzir ao aparecimento de novos subgrupos.

**Figura 5. Centralidade de Intermediação**



Fonte: Elaboração própria

Com menor centralidade de intermediação que os nós referidos anteriormente, distinguem-se os reclusos ‘E’ e ‘X’. Estes destacam-se como principais intermediários nos subgrupos em que se inserem, no exterior do núcleo da rede. Deste modo, estes reclusos controlam subgrupos específicos da rede do EPF. Vale a pena referir que o recluso ‘X’ se encontra isolado da população geral reclusa, devido ao tipo de crime pelo qual cumpre uma sentença (pedofilia). No entanto, mantém algumas ligações com outros reclusos da população geral, fazendo a ponte entre os reclusos isolados e os reclusos da população geral. Tanto quanto foi possível aferir, os reclusos da população reclusa geral

desconhecem a verdadeira razão pelo qual o nó 'X' foi sentenciado e preso, o que facilita a sua interação com os outros.

O recluso 'E', por outro lado, é um cidadão brasileiro, detido por fraude. É o responsável pelo bar dos reclusos. Trata-se de um cargo muito cobiçado e difícil de obter. Através desta posição, este ator medeia frequentemente conflitos, ligando-se e interligando-se com outros atores.

A análise de redes sociais elaborada para o contexto do EPF revela uma estrutura hierárquica complexa e sublinha a importância de certos indivíduos na dinâmica social da prisão. Desta análise resultam três aspectos fundamentais:

- I. O primeiro relaciona-se com a **hierarquia e a influencia informais**, evidenciadas pela centralidade de determinados reclusos, sugerindo que a dinâmica social dentro da prisão é fortemente influenciada por poucos indivíduos. Estes indivíduos possuem mais poder e controlo sobre o fluxo de informações e interações, o que pode afetar o comportamento dos restantes reclusos e a estabilidade social coletiva dentro da prisão.
- II. Em segundo, a centralidade do recluso "I" devido ao seu papel como líder religioso sublinha a importância das **redes religiosas dentro da prisão**. Estas redes podem ser um mecanismo crucial para a coesão social e a manutenção da ordem, mas também podem potencialmente fortalecer certas figuras de poder de forma desproporcional.
- III. E em terceiro, a presença de reclusos **isolados ou marginalizados** na periferia da rede, em particular aqueles associados a crimes de menor prestígio, como o uso de drogas, aponta para uma possível necessidade de intervenções específicas para integrar esses indivíduos na vida social da prisão, a fim de reduzir o isolamento e suas possíveis consequências negativas, como o aumento da vulnerabilidade à violência ou à exploração.

#### **4.4. As Formas de Capital de Bourdieu no Estabelecimento Prisional de Faro**

##### **4.4.1. Análise de Ocorrências da Valorização dos Diferentes Tipos de Capital**

Através da transcrição e da posterior análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos reclusos foi criada a categorização das perspetivas dos reclusos do EPF sobre os diferentes atributos valorizados pelos mesmos dentro do contexto da prisão. Recorrendo à revisão de literatura efetuada foi possível integrar estas categorias referentes aos atributos valorizados pelos reclusos nas quatro formas de capital de Bourdieu e no que se refere às questões de hierarquia e poder e competições/ motivações para a procura de posições elevadas na hierarquia informal. A tabela 4 apresenta as categorias criadas por dimensão e subdimensão, assim organizadas de acordo com a revisão de literatura apresentada no capítulo 2, do enquadramento teórico.

Deste modo, com base na perspetiva dos reclusos foi possível aferir qual destas dimensões e subdimensões tem maior peso na obtenção de uma boa posição na hierarquia informal dos reclusos.

**Tabela 4. Categorias da Análise de Conteúdo**

| Dimensão   | Subdimensão  | Categoria   |  |  |
|--|--|---|--|--|
| Capital Cultural   | Atividades mais valorizadas pelos reclusos                                     |   |  |  |
|  | Participação dos reclusos em atividades profissionais e os seus impactos       | Perceções e impactos<br>Benefícios e vantagens<br>Desafios e limitações   |  |  |
| Capital Económico  | Dinâmica das trocas monetárias entre reclusos                                  | Transferências bancárias<br>Troca por troca<br>Tudo o que se pode comprar dentro do EPF                             |  |  |
|  | Estratégias económicas adotadas pelos reclusos                                 | Estratégias económicas relacionadas com as relações sociais<br>Recursos e atividades                                |  |  |
|  | Influência do poder económico na experiência prisional                         | Recursos económicos e os seus impactos<br>Acesso a bens e serviços essenciais                                       |  |  |
| Capital Simbólico  | Atributos de destaque e a sua valorização                                      | Recursos e status<br>Atitude e personalidade<br>Aparência e estilo  |  |  |
|  |  | Competências ou conhecimentos percebidos como valiosos  | Competências pessoais<br>Competências sociais<br>Competências éticas   |  |
|  |  |   | Reputação do tipo de crime   | Crime é crime<br>Crimes com reputação<br>Crimes de má reputação                                  |
|  | Influência da idade, nacionalidade e histórico criminal na hierarquia informal |   |  | Integração e comunicação<br>Respeito e status  |
|  |  | Papel da violência na estrutura de poder  | Violência como ferramenta de controlo e status<br>Manifestações e perceções de violência<br>Impacto da vigilância e mudanças |  |
|  | Perceções da homossexualidade e impacto na hierarquia informal                 |   | Preconceito e discriminação<br>Aceitação e integração  |  |
|  |  | Ser "Homem" na Prisão   | Características e valores<br>Comportamento e atitude<br>Perceções e expectativas   |  |
|  | Capital Social   |   | Existência e características de grupos ou subculturas entre os reclusos  | Formação por nacionalidades e zonas<br>Formação por Interesses e gostos<br>Formação por religião |
|  |  |   |  | Formação e função de alianças ou redes sociais informais   |
|  |  | Hierarquia e importância percebida entre diferentes grupos ou subculturas   |  |  |
| Impacto da afiliação a gangues ou grupos religiosos na hierarquia informal |  |   | Ausência de gangues no EPF<br>Conflitos entre gangues do exterior para o interior<br>Facilidade em entrar num grupo          |  |
|  |  | Influência das relações familiares e conexões externas na hierarquia informal                                       | Rede de conexões e integração social<br>Apoio económico e emocional<br>Benefícios adicionais e facilidades                   |  |
| Processo de integração em grupos ou subculturas específicas                |  |   | Conexões e relações prévias<br>Integração iniciação e aceitação  |  |
|  |  | Redes informais de Apoio Económico  | Ninguém ajuda ninguém<br>Práticas de empréstimo<br>Práticas de solidariedade   |  |
| Hierarquia e Poder na Prisão   |  |   | Características associadas a reclusos com menor destaque   | Características de vulnerabilidade<br>Desnutrição e toxicodependência<br>Má Higiene              |
|  | Dinâmicas de influência e poder entre os reclusos                              | Domínio do capital económico<br>Domínio do capital social<br>Reafirmação do poder por parte dos reclusos mais novos |  |  |
|  |  | Competições/<br>Motivações para a procura de posições elevadas na hierarquia informal                               | Competições dentro da hierarquia informal  | Interferência nas negociações<br>Poder e influência<br>Risco e conflito                          |
| Motivações para a procura de posições elevadas na hierarquia informal      | Proteção, segurança e poder<br>Vendas e reconhecimento<br>Aparência            |   |  |  |

Fonte: Elaboração própria

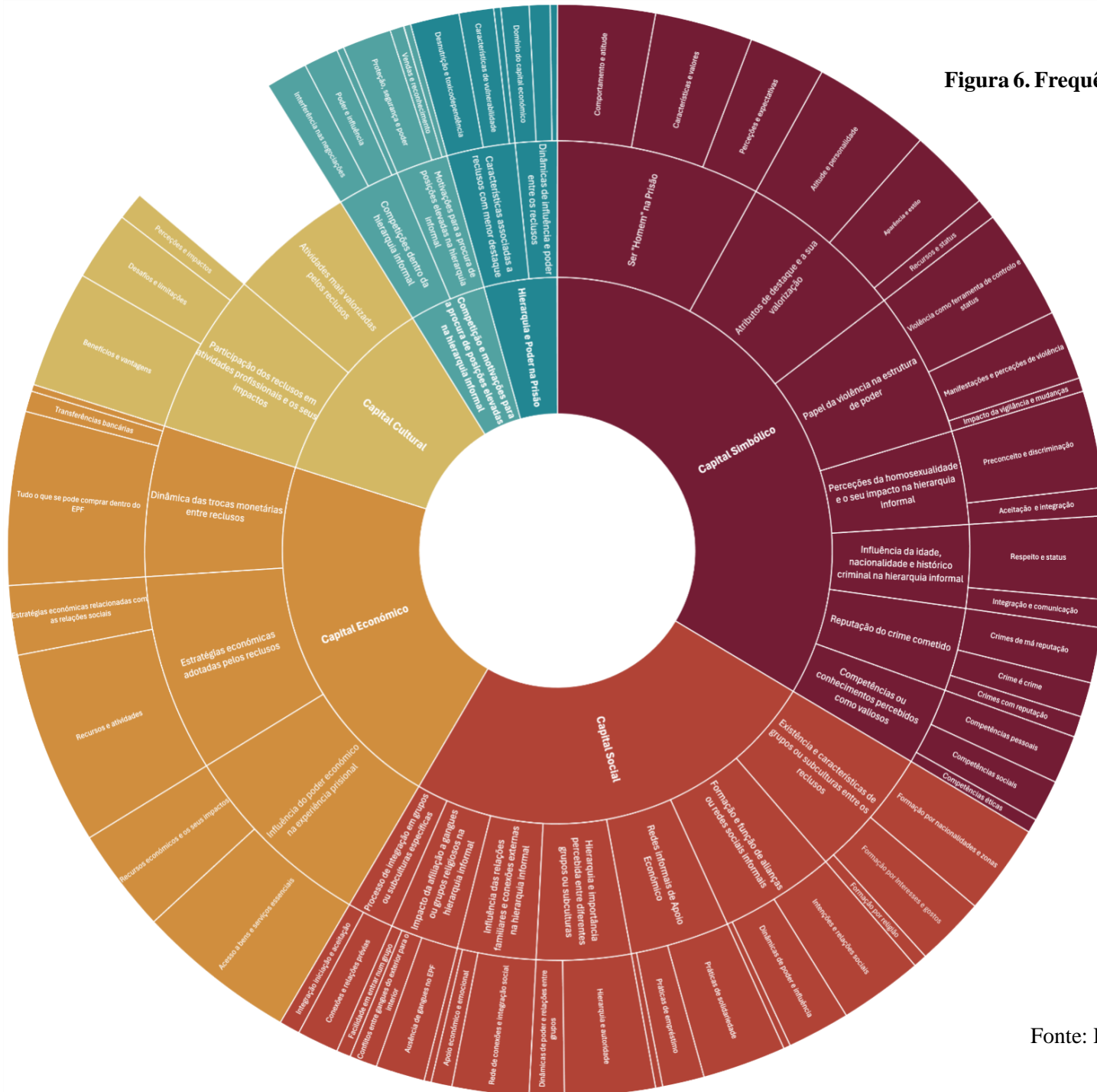
A análise que se apresenta de seguida baseia-se nos resultados da frequência de ocorrências de cada uma destas categorias e que permitiu identificar quais são as que se destacam neste contexto prisional específico do EPF.

Deste modo, a figura 6 apresenta a distribuição das ocorrências pelas categorias da análise de conteúdo e fornece uma visão de conjunto sobre a análise da contagem de ocorrências. Na figura, cada dimensão de análise está representada por uma cor diferenciada, sendo que quando maior é a mancha ocupada pela dimensão de análise maior será a sua valorização pelos reclusos do EPF. Como é possível verificar, existem discrepâncias entre as seis dimensões, sendo que as dimensões do **Capital Simbólico**, do **Capital Social** perfazem mais de metade, constituindo as duas formas de capital mais importantes para a obtenção de uma boa posição na hierarquia informal no caso do EPF.

Segue-se o **Capital Económico**, com uma diferença ligeira relativamente ao capital social, e o cultural aparecem como os menos valorizados para a obtenção de posições mais elevadas na hierarquia informal de reclusos do EPF. As figuras seguintes irão mostrar em detalhe as subdimensões valorizadas em cada dimensão.

Vale a pena sublinhar que na dimensão do capital simbólico são as subdimensões “ser ‘homem’ na prisão”, “atributos de destaque e sua valorização”, bem como “papel da violência da estrutura de poder” as mais predominantes em termos de ocorrências. Já no que se refere ao capital social são as subdimensões “existência e características de grupos ou subculturas entre os reclusos”, “formação e função de alianças ou redes sociais informais”, bem como “redes informais de apoio económicos” que se destacam.

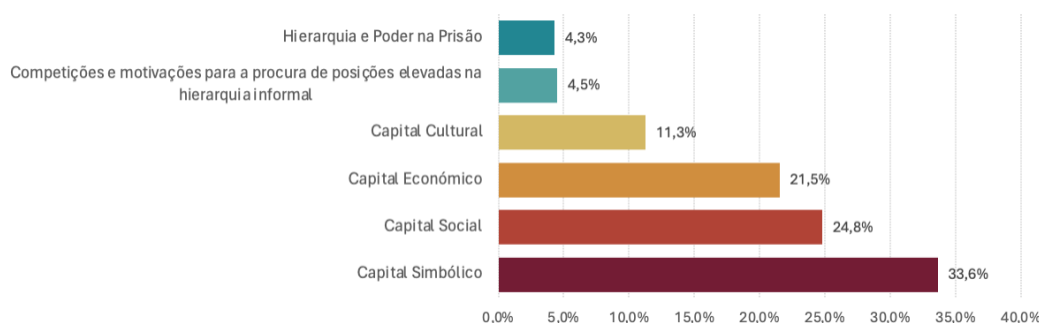
Figura 6. Frequência de Ocorrências por Dimensão de Análise



Fonte: Elaboração própria

A figura 7 representa as frequências de ocorrências por dimensão de análise, corroborando as conclusões previamente apresentadas relativamente à figura 6.

**Figura 7. Frequência de Ocorrências por Dimensão de Análise**

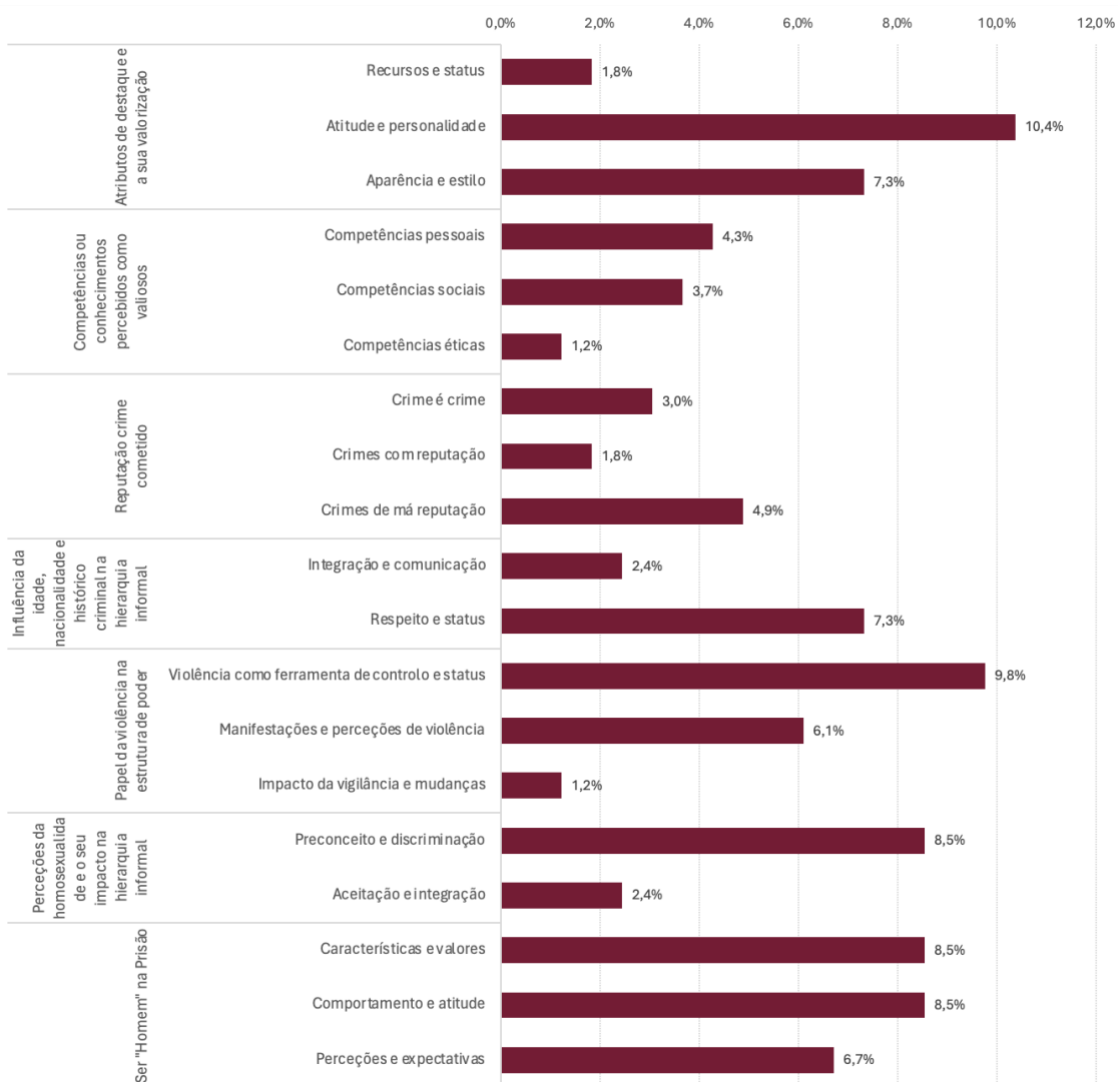


Fonte: Elaboração própria

O Capital simbólico (33,6%) é a dimensão com maior número de ocorrências, traduzindo o poder do valor simbólico em contexto prisional. Segue-se o Capital Social (24,8%) demonstrando a importância das relações sociais em contexto prisional. Já o capital económico (21,5%) contém uma frequência significativa de ocorrências, evidenciando o impacto dos recursos financeiros num contexto onde a circulação de dinheiro físico é proibida e os métodos rudimentares de trocas ganham destaque. O Capital Cultural (11,3%), equivale ao valor da educação e ao reconhecimento de certas competências e profissões, apresenta uma frequência relativamente baixa de ocorrências, não constituindo um fator decisivo no que toca à mobilidade social na estrutura informal dos reclusos. Por fim, encontram-se as Competições e Motivações para a procura de Posições Elevadas na Hierarquia Informal (4,5%) e a Hierarquia e Poder na Prisão (4,3%) com baixa frequência de ocorrências, pois apesar de estarem presentes na cultura prisional, encontram-se associadas às outras dimensões.

A figura 8 apresenta a desagregação da análise de ocorrências na dimensão particular do capital simbólico.

**Figura 8. Frequência de Ocorrências na Dimensão de Análise “Capital Simbólico”**



Fonte: Elaboração própria

A figura 6, revelou que no **capital simbólico** as subdimensões com maior expressão eram “ser ‘homem’ na prisão”, “Atributos de destaque e sua valorização” e “Papel da violência na estrutura de poder informal”. A análise da figura 8 revela que dentro da subdimensão “**Ser ‘Homem’ na Prisão**” as categorias mais destacadas pelos reclusos relacionam-se com as **características e valores** individuais (8,5%) e o **comportamento e atitude** (8,5%) que cada recluso apresenta. Estas categoriais são, assim, componentes cruciais na construção do estatuto dentro da prisão e que irá determinar a sua posição na hierarquia informal do EPF. A categoria **percepções e expectativas** (6,7%) tem também um peso significativo. Na subdimensão “**atributos de destaque e sua valorização**”, a categoria **atitude e personalidade** (10,4%) é muito

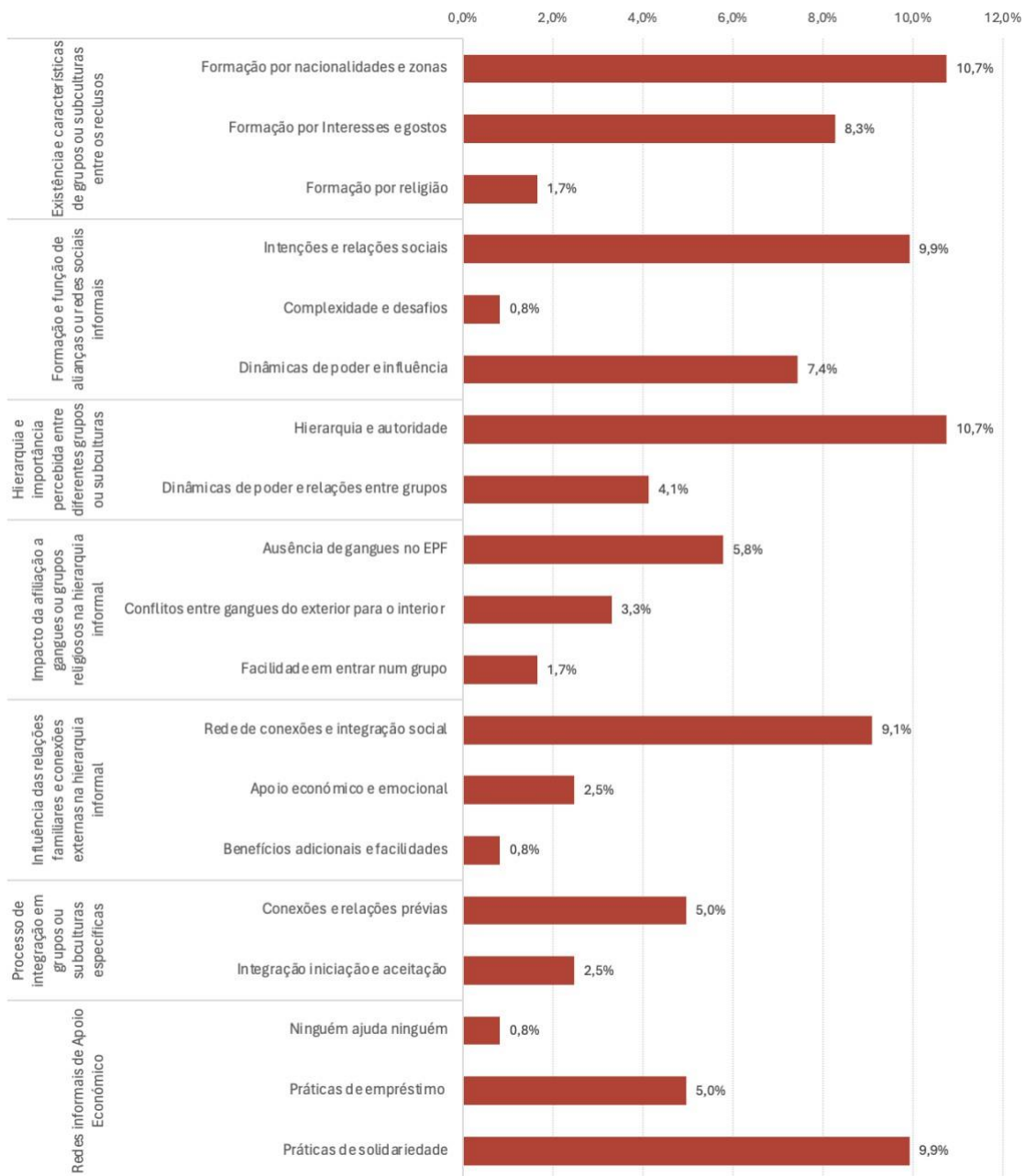
valorizada e crucial para a obtenção de estatuto, bem como a categoria **aparência e estilo** (7,3%). Na subdimensão “**Papel da violência na estrutura de poder informal**” **percebe-se** claramente a importância da violência em contexto prisional, como uma “ferramenta chave” de manutenção e de obtenção de poder (**violência como ferramenta de controle e status**, 9,8%; **manifestações e percepções de violência**, 6,1%). Outras categorias que se destacam de entre as restantes subdimensões são o preconceito e discriminação (8,5%), relacionado em particular com a questão da homossexualidade e com a masculinidade hegemónica, respeito e status (7,3%), os crimes de má reputação (4,9%) e as competências pessoais (4,3%).

Deste modo, confirma-se a existência e a necessidade da violência de modo a ganhar e manter o estatuto dentro da prisão, assim como a necessidade de uma atitude e personalidade específicas valorizadas e reconhecidas pelos restantes reclusos. Em oposição, as duas categorias que apresentaram um menor número de ocorrências são: competências éticas (1,2%), sugerindo um menor impacto na formação da hierarquia informal, e a categoria impacto da vigilância e mudanças (1,2%), indicando que a vigilância por enquanto ainda possui pouca influência no comportamento dos reclusos.

A figura 9 apresenta a desagregação da análise de ocorrências na dimensão particular do capital social, o segundo mais valorizado pelos reclusos do EPF para a aquisição de uma posição de destaque na hierarquia informal. A análise da figura confirma que a **nacionalidade e zonas** (10,7%) e os **interesses e gostos** pessoais (8,3%) constituem fatores determinantes para formação de grupos ou subculturas. Cada grupo que se forma na prisão também tem uma posição e autoridade específicas na hierarquia informal (**hierarquia e autoridade**, 10,7%). Deste modo, confirma-se a existência de grupos, com diferentes graus de importância no EPF. Estes grupos são essenciais para que existam também **relações sociais** (9,9%), **práticas de solidariedade** (9,9%) e **dinâmicas de poder e influência** (7,4%) dentro da prisão. Também o capital social prévio dos reclusos se revela um fator importante para determinar a sua pertença aos

grupos da prisão e a sua posição na hierarquia informal (rede de conexões e integração social, 9,1%).

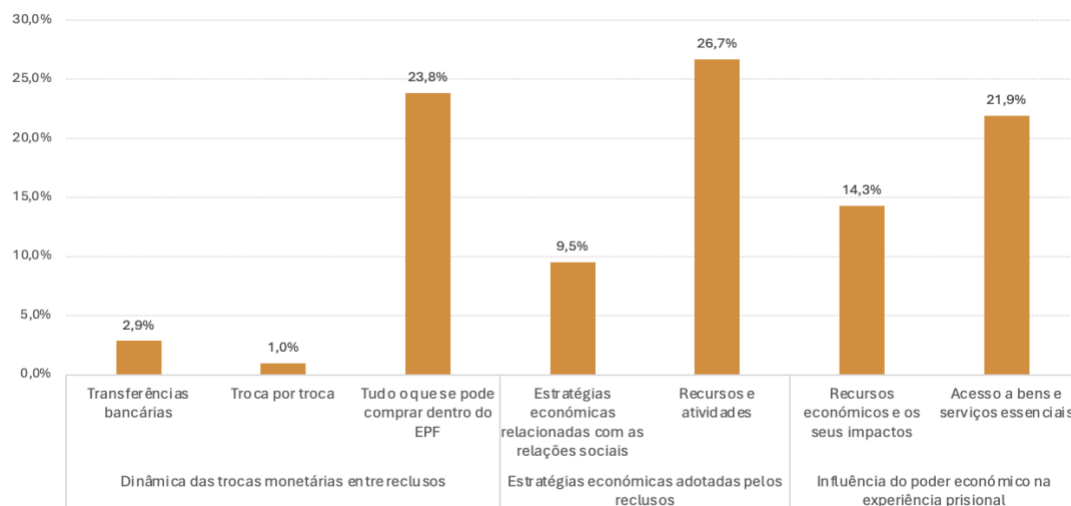
**Figura 9. Frequência de Ocorrências na Dimensão de Análise “Capital Social”**



Fonte: Elaboração própria

A figura 10 apresenta a desagregação da análise de ocorrências na dimensão particular do capital económico.

**Figura 10. Frequência de Ocorrências na Dimensão de Análise “Capital Económico”**

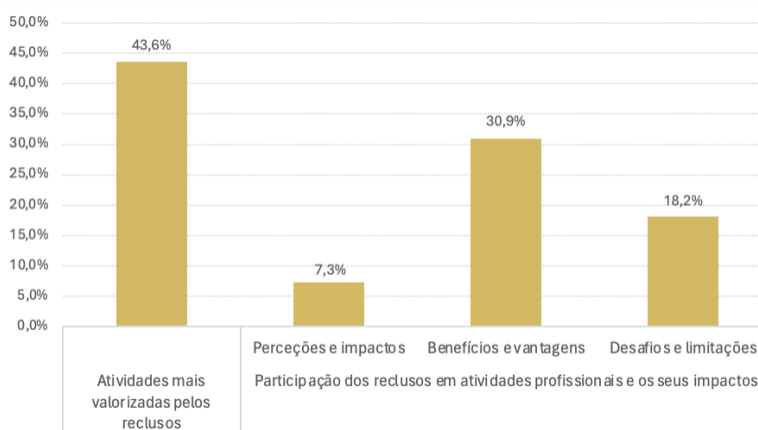


Fonte: Elaboração própria

Através da análise da figura é possível concluir que na perceção dos reclusos o acesso a **bens e serviços essenciais** (21,9%) é essencial para garantir capital económico dentro do EPF e que **os recursos económicos (14,3%)** possuem um papel fundamental na experiência prisional dos reclusos. As estratégias que os reclusos usam para tentar obter mais capital económico relacionam-se com **recursos e atividades** (26,7%) e **tudo o que se pode comprar dentro EPF** (23,8%), evidenciando o impacto da participação em atividades (profissionais, por exemplo). Não sendo permitida a circulação de dinheiro dentro do estabelecimento prisional a **troca por troca** e a **transferência bancária** são dois mecanismos usados como alternativas.

A próxima figura (11) apresenta a desagregação da análise de ocorrências na dimensão particular do capital cultural e revela as **atividades mais valorizadas pelos reclusos** (43,6%), ou seja, o conjunto de atividades profissionais valorizadas pelos reclusos e que podem também determinar a sua posição na hierarquia informal, por exemplo, trabalhar no bar dos reclusos, no barbeiro ou na cozinha (cf. apêndice C).

**Figura 11. Frequência de Ocorrências na Dimensão de Análise “Capital Cultural”**



Fonte: Elaboração própria

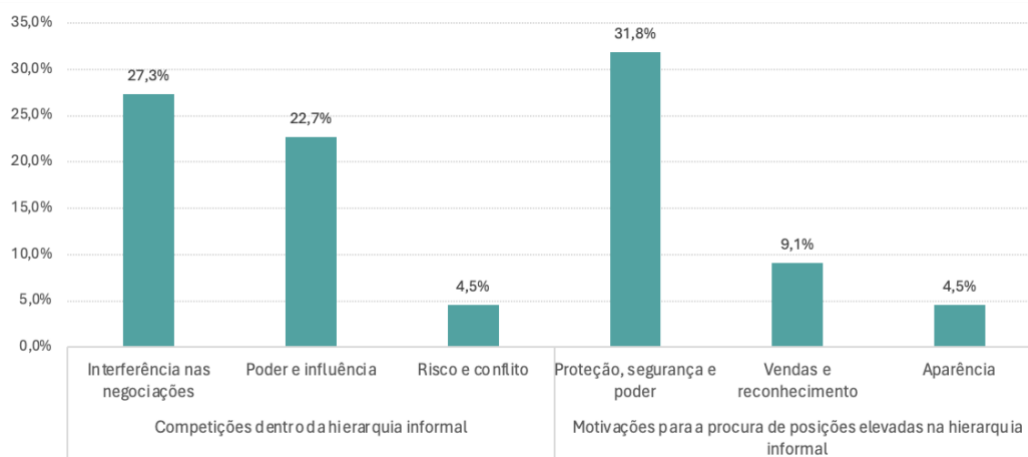
A segunda categoria com maior destaque relaciona-se com os **benefícios e vantagens** (30,9%) da participação dos reclusos em atividades profissionais dentro da prisão, como por exemplo, maior liberdade de movimentação dentro do EPF, obtenção de competências e escolaridade formal para maior empregabilidade após a libertação, a possibilidade de ter uma remuneração económica ou outros benefícios em termos de redução do tempo de cumprimento da sentença (cf. apêndice C).

A próxima figura 12 apresenta a desagregação da análise de ocorrências na dimensão particular da Competição e Motivações para a Procura de Posições Elevadas na Hierarquia Informal. A primeira subdimensão analisa as “**Competições dentro da hierarquia informal**”. Após a análise foi possível dividi-la em três categorias: a primeira refere-se às **interferências nas negociações** (27,3%), indicando ser um aspeto significativo da competição entre reclusos; o **poder e influência** (22,7%) tal como a categoria anterior, possui um papel bastante significativo na competição entre reclusos, sugerindo a importância do poder e influência como objetivos relevantes na competição da hierarquia informal; por outro lado, a categoria **risco e conflito** (4,5%) apresenta menos ocorrências em comparação às anteriores, apesar de os riscos e conflitos fazerem parte da cultura prisional, assim como da dinâmica de competição.

A segunda subdimensão retrata as “**Motivações para a procura de posições elevadas na hierarquia informal**”, a qual foi igualmente possível dividir em três categorias: a que mais se destaca é a **proteção, segurança e poder** (31,8%),

constituindo uma motivação e uma das formas de obtenção de posições elevadas; em segundo aparecem as **vendas e reconhecimento** (9,1%).

**Figura 12. Frequência de Ocorrências na Dimensão de Análise “Competição e Motivações para a Procura de Posições Elevadas na Hierarquia Informal”**



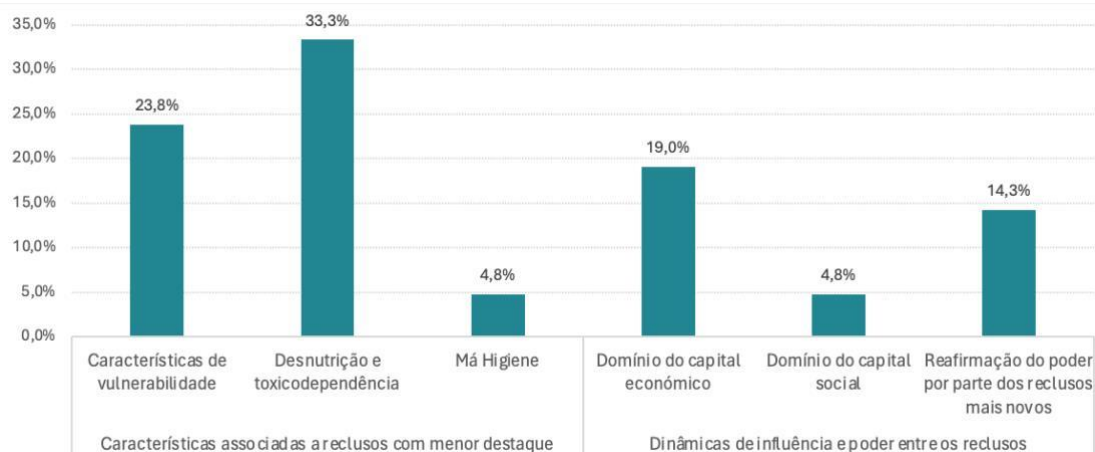
Fonte: Elaboração própria

Concluindo a análise da dimensão “**Competição e Motivações para a Procura de Posições Elevadas na Hierarquia Informal**”, entendeu-se que a competição é altamente marcada por **interferências nas negociações** (27,3%), assim como pelo **poder e influência**. Já na análise das motivações, percebeu-se que a **proteção, segurança e poder** é a categoria mais significativa.

Finalmente, a figura 13 mostra a desagregação da frequência das ocorrências da análise de conteúdo na dimensão “**Hierarquia e Poder na Prisão**”. A primeira subdimensão encontra-se associada às **características associadas a reclusos com menor destaque**, abrangendo três categorias. As duas que mais se destacam referem-se à **desnutrição e toxicodependência** (33,3%) e às **características de vulnerabilidade** (23,8%). A segunda subdimensão relaciona-se com as dinâmicas de influência e poder entre os reclusos, onde o **domínio do capital económico** (19,0%) aparece como a categoria com o maior número de ocorrências e a **reafirmação do poder por parte dos reclusos mais**

**novos** (14,3%) também, indicando uma alteração na cultura prisional que se conhece na literatura.

**Figura 13. Frequência de Ocorrências na Dimensão de Análise “Hierarquia e Poder na Prisão”**



Fonte: Elaboração própria

Deste modo, a dimensão de análise “**Hierarquia e Poder na Prisão**” permite destacar a **desnutrição e a toxicodependência** como uma das características proeminentes entre reclusos com menor estatuto dentro do EPF, o que lhes confere posições inferiores na hierarquia informal. O domínio do capital económico, como sendo o mais importante nas dinâmicas de influência e poder entre os reclusos, é a reafirmação do poder por parte dos reclusos mais novos, evidenciando uma dinâmica ativa de poder entre diferentes faixas etárias.

#### 4.4.2. A Perspetiva dos Reclusos na Valorização dos Diferentes Tipos de Capital

Esta secção da apresentação dos resultados resulta da análise qualitativa de conteúdo das entrevistas realizadas aos reclusos do EPF, para determinar as formas de capital valorizados dentro deste estabelecimento prisional, para garantir maior estatuto social e melhor posição na hierarquia informal que se estabelece entre eles. Esta análise está organizada de acordo com as dimensões, subdimensões e categorias de análise da secção anterior e apresentadas na tabela 4. Deste modo, estes resultados percorrem as dimensões de análise referentes às quatro formas de capital (simbólico, social, económico e cultural), bem como à competição e motivações para a procura de posições elevadas na hierarquia informal e à hierarquia e poder na prisão.

##### *Capital Simbólico*

Esta forma de capital, tal como se previu na revisão de literatura, é considerada pelos reclusos do EPF como o mais importante na determinação da sua posição na hierarquia informal. Na ausência de um forte capital económico, social e cultural, o capital simbólico, ganha destaque no contexto prisional. Isto acontece, pois, os reclusos encontram-se privados de diversas atividades e itens que estão disponíveis na sociedade, como por exemplo, o dinheiro. De modo a colmatar a ausência deste, os reclusos adaptaram-se e criaram a sua própria “economia” com os recursos que lhes disponibilizam. Ou seja, atribuem significados e valor específico a certos objetos, recursos e atividades, sendo por esse motivo que o capital simbólico possui tanto impacto na vida dos reclusos. No apêndice E é possível consultar detalhadamente todos os atributos contidos dentro da dimensão capital simbólico.

A apresentação de resultados está estruturada de acordo com as categorias de análise do capital simbólico que mais se destacam de modo a justificá-las qualitativamente.

A subdimensão “Atributos de Destaque e a sua Valorização” desagrega-se em três categorias: **Atitude e Personalidade**; **Aparência e Estilo**; **Recursos e Status**. A categoria **Atitude e Personalidade** refere-se aos valores de um indivíduo, que definem

a forma como este se relaciona e interage com outros no seu contexto. Sendo o ambiente prisional bastante diferenciado torna-se necessário adotar uma atitude e personalidade afirmativa e assertiva, se a intenção for subir na hierarquia informal. Como é possível verificar nos seguintes exemplos:

*Olha, mesmo, eu tenho uma lei mesmo, saber que eu vou apanhar porrada, mano, eu nunca vou baixar a guarda nem nada, 'tás a ver? Imagina, quando estás a falar disso, tipo, ter atitude. Atitude conta. Aqui dentro atitude conta muita coisa, viu? (Entrevistado G)*

*E com uma postura tranquila, mas com uma voz assente para... Para que a outra pessoa sinta segurança. Isso é... Prontos, é isso, por exemplo, aqueles cotas que já estão nisto há muitos anos. Eh pá, já sabem como lidar com certas situações. (Entrevistado D)*

*E se calhar agressiva ou assim, para manter a rigidez, acho que isso ajuda. (Entrevistado X)*

Como se pode observar, a violência faz de facto parte da vida na prisão. Como afirma Ricciardelli (2015: 175), "*a violência e a agressão continuam a ser qualidades valorizadas nos reclusos que podem reforçar ou redefinir as masculinidades*". Na mesma linha de pensamento, Stowell e Byrne (2008) perspetivam que a violência deve ser começada quando a identidade-respeito de um recluso é posta em jogo, de modo a garantir que o mesmo não perca o respeito dos pares. Além, destes fatores condicionantes descritos pelos reclusos, alguns ainda afirmaram que ser humilde e ter uma boa **aparência e estilo** contribuem significativamente para uma posição de destaque:

*Ser humilde, poder ajudar e não ser falso. Prontos, isto aqui é difícil. (Entrevistado C)*

*Isso aí é possível reparar quem tem mais dinheiro e quem que tem menos dinheiro. Porque através da roupa tu vês logo que se tens pouco dinheiro eles vão te roubar e se apareces com alguns sapatos fixes ou algo assim, eles vão te roubar. Os outros que aparecem com ténis de marca ou coisas de marca não vão ser roubados. Se calhar tens já mais respeito entre os outros e depois se roubarem logo vai lá quem roubou é logo um alerta, vão ver o que é que se faz por aí. (Entrevistado X)*

Os reclusos consideram também importante um corpo musculado e o uso de determinadas tatuagens, como estratégia para obtenção de estatuto e, conseqüentemente, uma boa posição na hierarquia informal:

*Chega e vejo um gajo, imagina, sei lá, o dobro do teu tamanho. Chega e eh pá, tu se calhar vais olhar para ele, pá, deixa lá ver o que é que tu podes investigar. Porque acaba por ameaçar um bocado, tipo... Pronto, é normal. Nós somos pessoas, somos territoriais. Os cães mijam, a gente não mija, mas faz outras coisas. (Entrevistado H)*

*Ah sim, se eu for grande e tiver certas tatuagens, que indiquem ao grupo que pertencem, ou algumas tatuagens que indicam se já matou alguém, ou se já cumpriu penas grandes, isso sim demonstra respeito. (Entrevistado G)*

Vale a pena sublinhar ainda, que para alguns reclusos o facto de o indivíduo possuir um corpo considerado musculado e o facto de possuir determinadas tatuagens pode não trazer vantagens:

*É claro. Imagina, já vi gajos assim, grandes... Já vi gajos grandes a caírem, com fraquinhos, baixinhos, pequeninhos, lá... (Entrevistado K)*

A categoria **Recursos e Status** refere-se à importância de possuir determinados itens ou acesso a determinados serviços valorizados pelos pares, o que, em geral, parece estar associado a um estatuto aumentado e maior respeito dos restantes reclusos:

*Se uma pessoa tiver sempre tabaco, sempre um bocadinho, o pessoal vem chegar ao perto. E acho que também pode dar problemas, como também pode ser dinheiro. Ok. Acho que isso sobe-se logo na estratosfera social. (Entrevistado X)*

No que se refere às **competências ou conhecimentos percebidos como valiosos**, existem três categorias de análise: Competências sociais, Competências pessoais e Competências éticas. Ao contrário dos atributos, que podem ser perspectivados como um fator influenciador da posição do recluso na estrutura informal, as competências podem ser vistas como aptidões que podem ser trabalhadas no sentido de melhorar a sua posição. As **competências sociais** estão essencialmente com a capacidade de criar e manter redes sociais dentro do EPF para manter o respeito mútuo e facilitar determinadas atividades que garantem melhores posições na hierarquia

informal, como por exemplo o tráfego interno: para implementar o tráfego interno, que facilitam a criação uma boa rede social dentro do EPF.

*A minha opinião principal é respeitarmos o próximo e o espaço. Sim. É muito importante. Se nós queremos respeito, também temos que dar o respeito. Apesar de aqui, o respeito aqui isso é uma palavra muito cara e difícil de encontrar, mas, essencialmente, respeitar o espaço. (Entrevistado A)*

*Conseguir fazer tráfego interno. É logo o primeiro, acho eu. Porque se tivermos isso, toda a gente começa a bater na porta, a querer arranjar ou querer assim, que é logo na boca de toda a gente. Porque é, há muita procura e pouca oferta. (Entrevistado X)*

Relativamente às **competências éticas** os reclusos destacam a importância de não andar metido em problemas e de não faltar com a verdade:

*Na minha opinião, acho que só se andar aí tranquilo, Não ser mentiroso, sei lá, não andar aí a contar histórias que não são verdade. (Entrevistado L)*

As **competências pessoais** estão diretamente relacionadas com o código de conduta dos reclusos. Ou seja, às competências pessoais que um recluso deve reunir para o cumprir, devendo, por exemplo, ocultar sentimentos, não se rebaixar perante os pares ou a necessidade de adotar um bom comportamento:

*Não podes vacilar naquela hora. Tens que me dar logo na cara. Mostrar logo... Não ficar com medo. Mesmo que leves na boca, não me mostres medo. (Entrevistado G)*

*Portar-se bem na linha, não haver castigos, não haver porradas, não haver nada. (Entrevistado K)*

*E também não mostrar muitos sentimentos. (Entrevistado B)*

Relativamente à **reputação do crime cometido**, as entrevistas aos reclusos permitiram identificar, de acordo com as suas perceções, aqueles que reúnem boa e má reputação e que se encontram resumidos na tabela 5. Os crimes considerados de má reputação são percebidos pelos reclusos como “menos masculinos”, sendo perceptível, também a este nível, a influência da masculinidade hegemónica. Tal como se observou na revisão de literatura, os crimes mais masculinos estão associados a crimes que estejam associados segundo Karp (2010) a “ser duro” ou “rebelde”.

**Tabela 5. Percepção dos Vários Tipos de Crime**

| <b>Crimes com reputação</b> | <b>Crimes de má reputação</b> |
|-----------------------------|-------------------------------|
| Grandes assaltos            | Violência doméstica           |
| Matar alguém                | Pedofilia                     |
| Tráfico de armas            | Roubar idosos                 |
|                             | Violação                      |

Fonte: Elaboração própria

Deste modo, esta análise confirma a influência do tipo de crime cometido na determinação da posição do recluso na hierarquia informal:

*Imagina, como já fizeste tráfico de armas ou roubos, agora já tens... em termos históricos, isso se calhar já te mete numa posição, se calhar, um pouco mais superior. Mais superior. Do que, por exemplo... Roubos. Simples. Simples. Drogas, tráficos de um quilo ou dois. (Entrevistado U)*

Contudo, crimes contra mulheres ou crianças, são desprezados pela maioria dos reclusos. Ou seja, quem está condenado por causa de um crime desta ordem, será automaticamente segregado, assim como todos os que estiverem associados aos mesmos:

*Também respeitamos conforme o crime da pessoa. O único crime que a gente aqui não respeita é a pedofilia. Isso a gente... Isso é uma traça para cima deles, Pronto. E mesmo, até... e, por exemplo, os drogados, coisas assim, também... Eu prefiro lidar com um drogado do que com uma pessoa dessas assim. (Entrevistado B)*

*Houve para aí um caso. O chavalo apanhou a rapariga a, a masturbar-se com o outro. E, entretanto, o gajo deu umas facadas na namorada. E depois entrou aí e estava a dizer que também a violou. E depois meteram o pau no cú e rasgaram-lhe o cú todo. (Entrevistado J)*

Ainda nesta análise da reputação do crime foi possível identificar reclusos com uma perspetiva mais neutra, que não reconhecem uma distinção positiva ou negativa do tipo de crime cometido:

*Não. Crime é crime. Só muda a cultura penal, de resto estamos todos no mesmo barco. (Entrevistado A)*

Através das entrevistas tentou-se perceber a **influência da idade, nacionalidade e histórico criminal** na hierarquia informal dos reclusos, tendo desagregado a análise em duas categorias: **Integração e Comunicação; Respeito e Status**.

Tal como se perspetivou na revisão de literatura, existe um respeito pela idade e antiguidade dos pares no EPF. Minoritariamente, alguns reclusos consideram que a idade não constitui um fator vantajoso:

*Por seres mais velho? Eh pá, se fores mais velho, normalmente estás sempre tranquilo. (Entrevistado C)*

*Os anos de reclusão, isso, sim. Olhamos para eles de outra perspetiva. (Entrevistado A)*

*Já conhecem muito, já estão aqui há muito tempo, já batizam isto, já sabem tudo de cor. Mas, por exemplo, esse gajo entrava na minha cela. o pai dele era um traficante muito antigo então já tem já muito respeito entre as pessoas. Mal entrou já sabia onde é que podia arranjar-te as cenas, já conhecia as pessoas, onde é que precisava meter aqui ou ali. As conexões são tudo. (Entrevistado X)*

*Olha, eu sou mais novo e sou mais fodido. Não tem nada a ver com idade. É só aquele respeito. (Entrevistado G)*

Também se verificou que os reclusos com mais experiência de reclusão têm mais facilidade em reunir **respeito e status** dos pares, muitas vezes através da capacidade de orientação e de integração dos recém-chegados ao EPF. Aquilo que Johnson (1987) caracteriza como “*coping* maduro”, referindo-se aos indivíduos que acabam por reconhecer os seus erros, aceitar a sua situação e procurar uma vida pacata dentro da prisão, cuidando de si próprios e elucidando os reclusos mais novos com as suas experiências de vida:

*Eh pá, quem me dera que me tivessem orientado como eu oriento esses putos aí. Entro e saio da prisão desde os meus 20 anos. Já tenho quase 50. ‘Tás a ver. Não quero que ninguém passe pelo que eu já passei. Hoje sou um homem novo. Deus fez-me um homem novo, mas o mal já está feito. Tenho que pagar pelos meus pecados e seguir em frente. (Entrevistado J)*

Relativamente ao impacto que a nacionalidade possui na hierarquia informal, verificou-se alguma facilidade para aqueles que são da “Zona”, ou seja, que são portugueses ou que são oriundos da região do Algarve:

*A nacionalidade. Também. Eu acho que sendo daqui, é mais fácil... Por exemplo, eu que sou espanhol, chegar aqui e fazer-me poderoso, eu acho que seria mais complicado. (Entrevistado S)*

Reclusos estrangeiros possuem em alguns casos dificuldade em criar relações sociais com os restantes reclusos por não dominarem o idioma. Ou seja, as minorias raciais e étnicas possuem menor facilidade em aceder tão facilmente a relações sociais com outros reclusos que não falem o seu idioma:

*Está muito espanhol e está muito marroquino. Sim. E nós convivemos para falar com os marroquinos que não sabem falar português. Sim. Ou para falar, é muito difícil falar com eles. (Entrevistado R)*

O **papel da violência na estrutura de poder** no EPF foi outra das subdimensões analisadas através das entrevistas aos reclusos, fazendo uma desagregação em três categorias: **Violência como ferramenta de Controlo e Status; Impacto da Vigilância e Mudanças; Manifestações e Perceções de Violência.**

Relativamente à **violência como ferramenta de controlo e status**, percebe-se que de facto é exercida alguma forma de violência com o propósito de afirmar/reafirmar uma posição na hierarquia informal. Este comportamento está claramente associado à masculinidade hegemónica (Bourdieu,1980):

*É como eu estou-te a dizer: há gajos violentos, há gajos não violentos; há gajos respeitadores e há outros não respeitadores. (Entrevistado K)*

*Há outros gozões, há outros que não gozam. Há outros que brincam, outros não brincam. Porque as brincadeiras há sempre merda. É utilizada a violência para também atingir um certo lugar... Há rapazes que matam patrões mesmo, patrões que mexem com carregamentos, com droga, mesmo a sério. Batucar, tentar fazer-se-lhe alguma merda, uma assinada, estás a ver? Para teres, ou andar com respeito, estás a ver? (Entrevistado G)*

*Mas, pronto, as pessoas que acabam por ter uma posição de destaque, para ter aquela posição, têm que estar sempre ali... E ser firmes. E mostrar. (Entrevistado B)*

Além de ser uma forma de demonstrar estatuto, a violência nesta prisão é utilizada frequentemente, para cobrar dívidas que não são pagas:

*Está tudo relacionado com isso. Lá está, as dívidas, depois leva às cobranças difíceis e as cobranças difíceis para nós levam à violência. Isso é tudo uma escada. Eu peço uma onça. Tenho até quinta, nós na quinta-feira carregamos um cartão. Se na quinta-feira carregamos o cartão e envolvemos essa onça, dobra para 3 ou 4. Porque não paga uma, muito menos consegue pagar 4. E depois vai assim rolando até que chega a um ponto que... É com a violência que se resolve, mas pensam que é assim que se resolve.*  
**(Entrevistado A)**

Relativamente à categoria **Manifestações e Percepções de Violência**, percebeu-se de que modo se manifesta a violência dentro do EPF. Apesar de os reclusos não mencionarem as agressões graves como a violação, por exemplo, as agressões estão presentes como uma das constituintes da cultura prisional. Além disso, verificou-se que a demonstração da capacidade de violência é uma das formas de integração dos recém-chegados:

*Ah, é aqueles mais atrevidos andam aí. Os putos querem-se afirmar à frente dos outros.* **(Entrevistado U)**

Não obstante, regista-se uma ligeira redução da violência, devido ao reforço das medidas de segurança por parte do EPF, como por exemplo a colocação de câmaras de vigilância no interior, contribuindo para a segurança dos reclusos:

*Não há menos, na verdade. Com as câmaras, estamos mais controlados.* **(Entrevistado S)**

*Eles mantêm o respeito, mas depois, alguém daqui mais forte usa a parte inteira, assim, mas isso pode levar a tribunal, levar mais condenação por essas coisas, assim, e isso... E agrava. E agrava a situação dele, porque já está agravada pela condenação inicial e ainda ganha outra por essas coisas. E, pronto, a pessoa quer evitar quando é possível.* **(Entrevistado B)**

A subdimensão de análise **percepções da homossexualidade e o seu impacto na hierarquia informal** foi desagregada em duas categorias: **Preconceito e Discriminação, Aceitação e integração**. Relativamente à primeira foi possível

confirmar um ambiente altamente desfavorável para àqueles que possuem uma orientação sexual diferente. Esta situação acarreta implicações diretas no bem-estar destes reclusos, que muitas vezes acabam por sofrer maus-tratos, por exemplo, violência verbal e física e abusos de poder:

*Já sabes que a malta gosta sempre de se meter e depois quando uma pessoa tem outros gostos ou outras preferências acabam sempre por implicar. Mas no fundo é tipo brincadeiras que eu vejo da perspectiva deles. Apesar que para mim acho que são brincadeiras estúpidas tipo nada a ver. (Entrevistado X)*

*Sim, brincamos. Não é? Sim, é... Bom, às vezes, também acaba por alegrar o dia à gente com essas coisas assim, porque, às vezes, uma pessoa está a pensar mais na família e vê aquilo e começamos a brincar. Sim, sim, nós brincamos às vezes, tocamos assim, no rabo, brincando. (Entrevistado B)*

*Ah, nós brincamos com eles, aqueles gays. Sim. Nós brincamos com eles. (Entrevistado J)*

*Normalmente lá em cima vem os gajos para me lavar a roupa e limpar a cela. E o cú de aluguer, que é para guardar as merdas. O cú é de aluguer (Entrevistado Z)*

*Mas, regra geral, acontece... Não, não. É maltratado. São maltratados. (Entrevistado E)*

Não obstante, através das entrevistas também foi possível verificar alguns comportamentos mais associados a uma atitude de **aceitação e integração**, principalmente quando os reclusos homossexuais se assumem como tal perante a população reclusa geral:

*Temos aqui um caso de um rapaz que é brasileiro, que é gay assumido. Foi bem recebido. Porque ele assumiu-se como tal. À frente dos outros. Era fácil de perceber e ele assumiu-se como tal e então toda a gente o respeita. Sabemos quem ele é e tal. Por acaso, há aqui um brasileiro, e é bem-vindo ao pé da gente está sempre com as coisinhas dele. Mas sim, essas pessoas, por acaso, são bem-vindas. (Entrevistado A)*

*Quando assumem logo, se calhar... É difícil. São pessoas educadas também. Não faltam ao respeito. (Entrevistado B)*

*E eu conheci já dois ou três, que são mais homens do que muitos homens. (Entrevistado J)*

No que se refere à subdimensão “**Ser Homem**” na **Prisão** a revisão de literatura revelou a importância para obtenção de uma boa posição na hierarquia informal dos reclusos. Tratando-se de um contexto altamente masculinizado e privado da vida exterior a manifestação do “ser homem” é uma das poucas fontes de identidade dos indivíduos em reclusão. A análise de conteúdo aos reclusos do EPF conduziu à desagregação desta subdimensão em três categorias: **Comportamento e atitude, Características e valores, Percepções e Expectativas**. Na primeira, Comportamento e atitude, foram incluídos testemunhos de comportamentos e atitudes associados a “Ser Homem” na Prisão, tais como o uso da violência ou não demonstrar emotividade para manifestar masculinidade, o que confirma a relevância da masculinidade hegemónica no contexto prisional:

*Agora, ser homem pode ser agredir colegas, colegas que têm milhões de motivos para mostrar que é superior, que manda aqui, que é o rei do negócio. É um bocadinho ter duas perspetivas, sabe? Cada cabeça a sua sentença. Cada uma trilha aquele caminho que quer para ele, aqui dentro. E então é um bocadinho subjetivo. (Entrevistado A)*

*O homem, quando diz a verdade, não pode, caralho, aqui, o gajo é tipo um cadeado, tem que ser fechado. (Entrevistado Z)*

Relativamente às **características e valores** associados ao “Ser Homem” na Prisão, a análise também vai ao encontro da definição de masculinidade hegemónica descrita na revisão de literatura. Como por exemplo: ser forte, ser humilde, não mostrar emoções, entre outras:

*No fundo é não ter emoções. Ser forte, firmeza. Acho que é por aí. (Entrevistado X)*

*Tem que se ter sempre aquele respeito. Se não tiveres aquele respeito, não podes ser homem. Porque aqui há homens e crianças, ‘tás a ver? (Entrevistado B)*

Relativamente às **percepções e expectativas de “Ser Homem” na Prisão** a análise conduzida não permitiu associar o carácter hegemónico encontrado nas duas categorias anteriores, relacionando-se com a categoria o “ser homem” mudou na prisão, sugerindo uma pequena mudança neste aspeto. Por um lado, a mudança parece estar associada à permissão de emotividade em certos casos, principalmente aos reclusos mais antigos. Por outro nota-se algum descontentamento relativamente à alteração da cultura prisional levada a cabo pelos reclusos mais jovens:

*Eu também chorei um monte no início porque foi um choque. Agora vejo aquele moço também que acabou de entrar apesar do pai, ser traficante etc. Ter-me tido já em certos conflitos com armas e tudo também chorou no início. Então fico a pensar: ok, acho que é normal de um ser humano, mas também outros depois estão a olhar numa de... Por exemplo, lembro-me do velho até cair no chão e ficar a chorar depois de um telefonema. Eu fui o único que o levantei. O resto ficou simplesmente a olhar. Ninguém lhe foi dar uma batida nas costas ou qualquer coisa. Só mais aquelas palavras simpáticas e para o poio. Mas pelo menos fui o único que cheguei lá tipo olha a força mano, isso passa tipo firmeza. (Entrevistado X)*

*Precárias, as precárias, as condicionais. Antigamente o homem, quando entrava, sabia que ia sair aos 5 sextos. A mentalidade já estava, eh pá, fui condenado, eu vou sair aos 5 sextos. Ah, se se portar bem, posso sair mais cedo. Não tinha essa merda. Eu sabia: aos 5 sextos vou sair. Ninguém pensava ser ao 2 terço ou ao meio da pena. Mas os putos, agora hoje em dia, entregam-se uns aos outros por uma precária. Porque estava mentalizado que era para sair no fim. Não é para sair ao meio, não é para sair aos 2 terços. Não pensava na precária. Se acontecer, aconteceu. Se não acontecer, que se foda. Mas sou homem, saio daqui de cabeça levantada. Aqui, a mentalidade já é precária, precária, precária. Ainda não estão condenados. Já estão a pensar na precária. (Entrevistado Z)*

### **Capital Social**

A análise de conteúdo elaborada aos discursos dos reclusos do EPF revelou que o capital social constitui a segunda forma de capital que mais influência a estrutura da hierarquia informal que se estabelece entre os mesmos. Relativamente às subdimensões de análise, vale a pena recordar que a dimensão do capital social inclui: Existência e

características de grupos ou subculturas entre os reclusos, Formação e função de alianças ou redes sociais informais, Hierarquia e importância percebida entre diferentes grupos ou subculturas, Impacto da afiliação a gangues ou grupos religiosos na hierarquia informal, Influência das relações familiares e conexões externas na hierarquia informal, Processo de integração em grupos ou subculturas específicas e Redes informais de Apoio Económico. A apresentação de resultados está estruturada de acordo com estas subdimensões do capital social, e as categorias correspondentes, que podem ser consultadas no apêndice D, onde se detalham os atributos específicos contidos em cada uma.

As entrevistas aos reclusos permitiram perceber a **dinâmica de grupos existentes dentro do EPF**, que se formam, maioritariamente, por nacionalidades, pelas zonas geográficas de onde os reclusos são oriundos e também pela partilha interesses comuns ou a pertença a grupos religiosos:

*Imagina, tipo, os marroquinos, os espanhóis. Imagina, aqui não há gangs, mas há os portugueses também. (Entrevistado Q)*

*Os pretos com os pretos. Os brancos com os brancos. Aqui não há muitos pretos, há poucos. Juntam-se todos. (Entrevistado U)*

*Sim. Existem grupos, também depende muito daquilo que tu imaginas. Aqueles que fumam, normalmente, estão mais num grupo. Aqueles que não fumam, normalmente, estão mais num outro grupo. Mas aqui tem uma questão muito de personalidades. Nós aqui temos que lidar com várias personalidades. (Entrevistado A)*

*Cada um tem o seu grupo. Sim. Por exemplo, na minha, se for preciso, o pessoal gosta mais de estar no ginásio. Na outra, gostam mais de jogar à bola. Depende. (Entrevistado H)*

*Geralmente, quem tem mais dinheiro, junta-se com outras pessoas que também tenham dinheiro. (Entrevistado O)*

*Depois temos aqui outras pessoas com outras religiões, como marroquinos. Andam sempre no grupo deles. (Entrevistado A)*

*É tudo interesse e há interesses que coincidem. Se eu tiver o cartão e tu tiveres no telefone, claro que a gente vai-te juntar que é para aquilo trabalhar. (Entrevistado O)*

Não obstante, a relação de cumplicidade entre reclusos, esta pode também tornar-se hostil. O contexto prisional caracteriza-se pela volatilidade e rapidez das

mudanças, como demonstrou a revisão de literatura, carecendo de uma capacidade de julgamento e de decisão bastante elevada:

*Porque há uns que querem a tua amizade, mas para saber o que é que tens lá fora e essas coisas, que é para depois irem tentar a fazer mal e coisas assim. Ou seja, querem, depois, continuar o negócio ou coisas assim com... Isso então é para ter super cuidado, depois estar a dar informações dessas e depois atacarem... Depois quando saírem, já sabe de onde é que tu és, e isso, e depois vão perseguir e coisas assim. (Entrevistado B)*

No contexto prisional perpetua-se um sentimento de desconfiança constante nos reclusos, que prejudica as redes informais entre os reclusos. Não obstante, a análise confirmou a importância das **alianças ou redes sociais informais**, uma vez que vários reclusos em isolamento afirmam que sentem falta de falar com alguém. Portanto, a interação é valorizada, tanto quanto calculada e muito bem examinada em prol da segurança. Por outro lado, existe a consciência do meio fechado em que vivem, o que requer a existência de laços sociais que promovam relações sociais positivas e promotoras de solidariedade de modo a garantir a integração e, acima de tudo, evitar conflitos:

*É que aqui nós temos de ver-nos todos os dias. Convém dar-mo-nos todos bem. (Entrevistado D)*

Outro fator que favorece a procura por este tipo de relações sociais é a procura pela segurança e pelo poder. O contexto prisional é um espaço onde as estratégias pessoais ganham destaque, devido à volatilidade do ambiente:

*Sim. Imagina, dão-se com pessoal para ter mais moral, e mais poder e proteção. (Entrevistado C)*

*A gente, nesse sentido, é mais de proteção. Essencialmente, é mais de proteção. (Entrevistado F)*

Existem outras formas de ganhar a atenção dos restantes reclusos, como por exemplo, a posse de certos itens valorizados pelos pares. Além disso, foi mencionado por alguns reclusos que na ausência de posses materiais, alguns reclusos roubam ou escutam conversas de modo a serem bem vistos por um determinado grupo que tenha interesse nos objetos roubados ou na informação recolhida:

*Portanto, pelo facto de ter tabaco, as pessoas também começam a tratar um bocadinho melhor. É o que eu penso. Porque depois, quando não tem, vão estar sempre a pedir tipo a quem tem. Normalmente tentam ser simpáticos, tentam não desagradar, que é para também conseguirem o tabaco. Vou sempre tentar ter uma amizade com X ou Y, para também conseguir-se dar melhor. Mas, na realidade, sei que às vezes as pessoas só se dão comigo, se calhar, pelo cafezinho ou pelo tabaco. Claro. Também não me importa muito, desde que não seja abusivo, e se eu dou, está tudo bem. (Entrevistado X)*

*Às vezes, se calhar, para ficar bem visto, é roubar outro ou dizer alguma coisa para ficar bem visto no meio dos outros. (Entrevistado L)*

As **diferenças percebidas entre grupos ou subculturas** é muito evidente nos discursos dos reclusos do EPF, revelando a existência de uma hierarquia entre grupos, motivado por diversos motivos, como por exemplo nacionalidade, antiguidade na prisão, idade, acesso privilegiado a determinados bens ou serviços ou até rivalidades entre grupos exteriores à prisão:

*Sim, vou-te ser sincero, Existe. Porque são aqueles que têm mais atividade, têm mais movimento. E que metem mais movimento na cadeia. (Entrevistado G)*

*Em termos de negócio, em termos de estar aqui na cadeia, as pessoas acabam por ser mais respeitadas umas que outras. (Entrevistado A)*

*Sim. Os espanhóis marroquinos. São os mais importantes? Sim, porque são eles que fazem o narcotráfico. Não há muito de Marrocos para Portugal ou para Espanha, principalmente Portugal, que é aqui que estão presos. Então, esses, quando são presos, os patrões continuam a dar um bom montante. Então, todas as semanas, têm, por exemplo, os 90 euros do cartão. Então, chegam a comprar tudo no bar, se for preciso. E até acabam com o estoque na prisão, por terem tanto poder de compra. Então, a sala deles é... montanhas de, sei lá, de batatas, sei lá, de Coca-Cola, de tudo o que é preciso. E têm no bar, eles têm. Mas, assim, em grandes quantidades, tipo, um armário, se for preciso. Mas têm mesmo 90 euros. Portanto, aí já não dá cana. No momento, se fossem traficantes mesmo, que estivessem a vender, está ali 90 euros, tem justificação, porque tem tanta coisa na sala. Agora, é mais cana quando uma pessoa tem zero dinheiro e depois do nada tem a sala cheia de tabaco. Aí não dá. Aí já dá. Assim, eles... Mas eles traficam drogas e tudo mais. (Entrevistado X)*

*Tipo, a minha zona Almancil tem muito bife<sup>1</sup> com Quarteira. Sim. Por isso que, tipo, seja em qualquer lado, onde for, vai sempre, tipo, haver aqueles conflitos. Mesmo aqui na... Mesmo aqui na... Na cadeia. É, faz sentido. (Entrevistado C)*

*Não é tanto. Porque isto já vem, tipo, o de lá de fora, cá para dentro. Muitos trazem confusões de lá de fora, cá para dentro. (Entrevistado D)*

Da análise também é evidente a desvalorização de um grupo específico, associado aos toxicodependentes:

*Os 'carochos'<sup>2</sup> são um grupo de 'merda' mesmo. (Entrevistado G)*

*São os carochos. É quem não tem dinheiro. Fazem favores aos homens. (Entrevistado L)*

*Outros apanham do chão o resto dos cigarros. Acho humilhante para alguns. (Entrevistado E)*

Embora todos os reclusos corroborem a ideia da existência de grupos bastante demarcados no EPF, houve alguns que recusaram a ideia de que os grupos têm posições muito diversas na hierarquia informal:

*Desde que se respeitem uns aos outros. Hoje não me faltam respeito nem a mim, nem aos meus colegas. Para mim é tudo igual. (Entrevistado B)*

*Aqui ninguém é mais que ninguém. (Entrevistado Z2)*

*Ah, há uns que são mais brincalhões que outros, isso sim. (Entrevistado R)*

Um fator mencionado inúmeras vezes como caracterizador da posição na hierarquia foi o facto de os reclusos possuírem e usarem roupas de marca como garantia de melhor posição. No entanto, percebeu-se, em simultâneo, que aqueles que têm mais poder, furtam muitas vezes os bens, neste caso vestuário de marca, de reclusos que possuem estes bens, mas que ainda não detêm estatuto dentro da prisão. Esta situação

---

<sup>1</sup> Termo usado em calão para se referir a conflitos.

<sup>2</sup> Termo em calão usado para se referir aos toxicodependentes.

revela que possuir um determinado capital económico não garante automaticamente poder na prisão:

*Você pode distingui-los através da roupa. Sim, sempre com roupas de marca. Eu tenho algumas posses, mas pedi para não me trazerem boas roupas. Não quero problemas com a malta.*  
**(Entrevistado S)**

Relativamente ao **impacto da afiliação a gangues ou grupos religiosos na hierarquia informal**, e caracterizando-se o EPF por ser uma prisão pequena e com elevada mobilidade dos presos, confirmou-se a não existência de gangues. De facto, nem todas as prisões possuem grupos criminosos altamente estruturados, tal como revelam os reclusos entrevistados:

*E aqui não há gangues, aqui não. Há grupos, como falamos, mais importantes do que outros, mas não necessariamente gangues.*  
**(Entrevistado S)**

*É um grupinho, já. Eles separam-se. E não é uma coisa tão... Aqui ficam a um momento de sete meses e vão-se embora.*  
**(Entrevistado F)**

*Esta cadeia não há. É, é pequenina, é pequenina.*  
**(Entrevistado O)**

A **influência das relações familiares e conexões externas na hierarquia informal** é um fator muito valorizado pelos reclusos, pois sentem que através delas acedem a conforto emocional e apoios para tornar a sua estadia na prisão menos negativa. Ou seja, ao possuir algum capital social prévio à reclusão proporciona acesso a recursos materiais e emocionais (Duncan & Balbar, 2008). Comumente, as redes sociais mais íntimas melhoram a saúde emocional e o bem-estar psicológico (Haslam et al., 2009; Sixsmith & Boneham, 2007). Deste modo, o capital social é perspectivado como um "amortecedor" para as "dores da prisão" (Cohen & Wills, 1985).

Por exemplo, um dos grandes benefícios em possuir uma boa rede social do exterior para o interior é a integração automática num determinado grupo, que por sua vez trará outros benefícios, como segurança, bens essenciais ou até mesmo um determinado estatuto:

*Por exemplo, esse rapaz que entrou agora... a mim disseram logo que ele ia entrar para dar um olho nele. Acaba-se por chegar aqui*

*e já ficar um bocado mais à vontade e já respirar melhor. Tirando isso, pode acontecer as famílias conhecerem-se. Por exemplo, o pai do (?), a gente conhece o pai do (?). Eu já tenho muita gente, conheço muita gente. Por isso, és uma pessoa que estás aqui, estás à vontade. (Entrevistado H)*

*Mas, por exemplo, esse gajo entrava na minha cela o pai dele era um traficante muito antigo então já tem já muito respeito entre as pessoas. Mal entrou já sabia onde é que podia arranjar-te as cenas e já conhecia as pessoas onde é que precisava meter aqui ou ali e tinha acabado de chegar. As conexões são aqui tudo. (Entrevistado X)*

*Sim, tem muito. Porque se a gente não tiver visitas, nem apoio, andamos mais stressados, andamos um dia todo com a cabeça na rua, o que é que se passa, o que é que não se passa. E assim, também sempre acabam por virem à visita e trazer alguma informação, olha, este familiar está bem, este amigo também está bem, anda trabalhando, não sei o quê. (Entrevistado B)*

Porém, em alguns casos, a associação a alguém que possua crimes desprezados pela maioria da cultura prisional, pode sofrer do estigma, apenas por estar associado a esse recluso, tal como havia revelado a revisão de literatura (Irwin & Cressey, 1962), que sublinhou que a vida dos indivíduos antes da prisão afeta o que acontece na prisão. Ou seja, pode existir uma importação positiva assim como uma importação negativa:

*Agora, se o teu irmão fosse um pedófilo e saísse e tu entrasses, claro que estarias em má situação. Não, se calhar não apanharias porrada, mas também não ias ficar numa boa posição. (Entrevistado O)*

Além disso, as relações familiares também influenciam o capital económico detido pelos reclusos, pois são os seus familiares, ou outros contactos externos, que têm possibilidade de carregar o cartão da prisão para que possam comprar os seus bens essenciais no seu interior. Ou mandar comida, roupa, entre outros objetos permitidos pelo EPF:

*Portanto, sempre que tem uma família e que está bem na vida, às vezes também consegue fazer sempre carregamentos... é mais fácil carregar o telefone, porque temos carregamentos. Ok. Portanto, o dinheiro, no fundo, nos ajuda sempre. Dá sempre algum conforto, mesmo cá dentro. Puxa, o dinheiro. O dinheiro manda em todo lado. (Entrevistado X)*

*Mas pronto, a quem as possa ter. Agora, em relação às visitas, podem trazer, podem-nos trazer comida até ao máximo de 1 kg.*  
**(Entrevistado A)**

Para aqueles que não possuem fortes ligações sociais do exterior para o interior, o **processo de integração num dos grupos ou subculturas específicas** torna-se mais difícil. Embora muitos dos reclusos entrevistados sentiram relutância a responder sobre este tema, foi possível aferir que esta integração está em grande parte associada à troca de favores, como ritual de iniciação dos recém-chegados (Jewkes, 2005):

*É mais ou menos assim. Chegas a algum grupo e dizes se queres entrar e tens de esconder o que eles queiram que tu escondas. Então, só para pertencer a algum grupo, leva com as culpas de todos.* **(Entrevistado E)**

*Agora, ser abordado de maneira normal, quando entras na cadeia... Ninguém se livra, não é? Tens de ser abordado daquela maneira. Então... O que é que tens para a gente? O que é que trouxeste para nós? Ah, dizem isso, dizem isso. É normal.*  
**(Entrevistado Z2)**

Ou seja, com esta designada entrada simbólica, pretende-se distinguir e excluir aqueles que são avaliados como “homens de verdade” dos “reclusos fracos” (Jewkes 2005; Clark 2010). No geral, os reclusos afirmam que grande parte dos grupos no EPF, já possuía ligações com outras pessoas lá fora:

*Então, pronto, os grupos acabam-se já por conhecer lá de fora e depois cá para dentro, basicamente. Esse um ou outro já tem alguma ligação com outros. Eh pá, já vais convivendo, estás a ver? Já ligas. Já interligas.* **(Entrevistado D)**

Outra questão fundamental para entender a importância do capital social na hierarquia informal do recluso é conhecer a **formação das redes informais de apoio económico** no interior da prisão. Verificou-se que a maioria das redes informais de apoio económico dentro da prisão se formam através das dívidas, havendo também reclusos a recusar a existência deste tipo de apoio:

*Aqui é basicamente por dívidas. Chega sempre aquele dia... Tem de pagar. Se não paga, é cobrado. Depois vai sempre cobrando. Não é 10, 20, 30... Não. 10, 20, 40, 80, 160 e vai sempre cobrando.*

*Vai sempre cobrando. E se não paga, chora. Se não paga, passa mal. (Entrevistado D)*

*Aqui ninguém empresta nada a ninguém. Aqui tudo é pago. (Entrevistado A)*

Contudo, existem reclusos que afirmam que se ajudam mutuamente:

*Eh pá, se tu tiveres um amigo, um amigo mesmo que tem dinheiro, sabendo que o teu amigo sabe que tu estás a passar dificuldades, é que os rapazes ajudam um ao outro. Aqui tu não passas fome, brother. (Entrevistado G)*

*Eu, por exemplo, sei que não posso ajudar muito, mas os cafés que eu pago, eu pago às pessoas mais próximas. (Entrevistado S)*

Estes casos acontecem entre reclusos que possuem laços mais fortes e, como foi visto anteriormente na subdimensão **existência e características de grupos ou subculturas entre os reclusos**, os reclusos agrupam-se também consoante o capital económico. Deste modo, se todos os que possuem mais dinheiro se encontram num grupo, apenas vão auxiliar os seus, por outro lado, o grupo com menos destaque, composto maioritariamente pelos toxicodependentes, como não possui um elevado capital económico não se consegue entreajudar pois alguns passam dificuldades. Torna-se importante sublinhar esta contradição de resultados, em que uns afirmam que ajudam e outros apenas dizem que é tudo cobrado. Alguns reclusos referem ainda que este tipo de apoio depende muitas das vezes da pessoa a quem pedem, afirmando também que existem pessoas com bom coração:

*Pois isso aí depende da pessoa. Eu posso chegar e fazer alguma coisa e a pessoa mandar-me para a 'merda' e no outro dia pode chegar outra pessoa que eu não estou à espera que me vá ajudar, mas ajuda. (Entrevistado C)*

*Não digo dinheiro, porque não há dinheiro, não é. Mas, por exemplo, dão um cigarrinho para a noite, ou dão uma almofada para a noite, pronto, são as formas de ajudar. Ou dão um café, ou dão um sumo, pronto, são as formas de ajudar. (Entrevistado R)*

*Há pessoas com bom coração. As pessoas que estão... Que estão bem, que sabem que aqueles que têm fé em Deus e que estão bem na vida, que já estão bem, quando saírem já não precisam fazer nada. Esses é que ajudam, porque sabem que Deus dá em dobro. Dás com uma mão, Deus dá-te com as duas. (Entrevistado J)*

Em suma, percebeu-se a importância que o capital social possui num contexto prisional. Além das relações prévias à reclusão serem fundamentais para a obtenção tanto de apoio material como emocional, as relações sociais que se desenvolvem dentro da prisão demonstraram ser também importantes para a obtenção de uma boa posição na hierarquia informal dos reclusos. Contudo, deve-se sublinhar a importância das outras formas de capital e o modo como elas auxiliam e fortificam o capital social.

### ***Capital Económico***

Como se perspetivou na revisão de literatura, a análise de conteúdo elaborada aos discursos dos reclusos do EPF revelou que o capital económico, em contexto prisional, assume um papel bastante significativo na formação das dinâmicas de poder entre os reclusos. Algumas opiniões por parte dos reclusos indicam que a posse do mesmo se torna inválida ou mais difícil face à ausência de alguns atributos reconhecidos do capital simbólico:

*Já vi muitos com muito dinheiro, mas eram uns 'conas' não saíam da cela não falavam com ninguém, basicamente eram roubados, por isso em alguns casos ter dinheiro não é tudo, principalmente quando te falta atitude. Atitude é tudo. (Entrevistado H)*

É importante voltar a sublinhar o nível de interdependência entre capitais. Sem um, o outro pode não funcionar como garantia de acesso a boas posições na hierarquia informal. Ou seja, um recluso pode possuir um capital económico elevado, mas a sua posição na hierarquia informal poderá não ser tão alta, pois carece de atributos considerados importantes na maneira como os outros perspetivam (capital simbólico). O “parecer” tem mais força que o “ser”, daí a função das “máscaras” em dar credibilidade às estratégias adotadas pelos reclusos.

A subdimensão de análise do capital económico referente às **estratégias económicas adotadas pelos reclusos** permitiu identificar as técnicas adotadas pelos reclusos que possuem um menor poder económico para obterem mais respeito dos pares. Entre elas podemos destacar atividades que indicam e separam o dominador do dominado, como por exemplo: bater em alguém em troca de algo, coser a roupa danificada, fazer a limpeza da cela dos outros, guardar ou esconder coisas dos outros

reclusos, lavar a roupa dos outros, são ‘tarefeiros’ dos outros reclusos. Todas estas atividades demonstram o poder económico de quem contrata este tipo de tarefas e a ausência de poder económico por parte de quem as realiza:

*Podem receber eles algum tabaco. Assim, uma onça logo, ou duas ou três. E eles dizem em quem é que tens de bater ou fazer qualquer coisa assim. (Entrevistado X)*

*Fazem as faxinas, eles saem e fazem as faxinas e aí recebem dinheiro. (Entrevistado Q)*

*Há gajos que são tipo as lavadeiras, lavam roupa a vida deles lá dentro é lavar roupa então um saco de roupa é 10 euros ou 5 euros. (Entrevistado Z)*

*Olha, vai buscar um cigarro. Olha, vai buscar um café e compras um para ti. (Entrevistado X)*

Em alternativa, existem outras atividades no interior da prisão para se obter algum poder económico, tal como a venda de determinados itens:

*Eles nem usam a roupa para ganhar dinheiro. Vendem a roupa para ganhar dinheiro. (Entrevistado L)*

*Quando vem alguma família e lhe trazem, por exemplo, algo de comida. Vendem para comprar outras coisas. (Entrevistado S)*

Outra estratégia conduzida pelos reclusos com menor poder económico é solicitar auxílio dos restantes reclusos ou aos próprios familiares. Contudo, sobreviver com a ajuda dos outros é algo bastante complexo e perigoso e encontra-se intrinsecamente ligado à violência:

*Por vezes podem sobreviver com a ajuda de outros, mas aqui é um meio em que a ajuda é sempre cobrada ou dobrada. (Entrevistado A)*

*Pede um cigarro aqui, pede um cigarro ali. Ou seja, é a situação. Mas a merda é sempre a dobrar depois. (Entrevistado P)*

Relativamente às **dinâmicas das trocas monetárias entre reclusos**, como se pode observar no apêndice B, existem outras exceções que não foram identificadas na revisão de literatura. Foi identificado o tabaco como o principal meio de troca, apesar de ter sido o mais evidenciado pelos reclusos, não se pode negligenciar as restantes

“moedas de transação”. Ocorreu várias vezes durante as entrevistas, os reclusos olharem para o caderno utilizado para tirar notas, ou alguma peça de vestuário ou calçado e mencionarem a quantidade de cafés ou tabaco que eles “pagariam” pelo mesmo. Tudo isso reforça a questão do valor do capital simbólico em contexto prisional.

*Até mesmo com café. Sim, podemos. Eu posso agora, para comprar este caderno, posso dar dez cafés. (Entrevistado H)*

Visto que as trocas monetárias entre reclusos não são propriamente permitidas pela instituição, as mesmas acabam por ser um pouco primitivas ou rudimentares, sobretudo com a troca de coisas que não precisam por outras consoante as necessidades. Ainda que sejam técnicas simples, demonstra a urgência da manutenção deste sistema de trocas, reforçando a ideia de que a prisão é de facto uma micro-sociedade. Perante esta linha de raciocínio, a análise permitiu identificar diversos atributos que evidenciam a importância do poder económico na posição ocupada na hierarquia informal dos reclusos. A obtenção de uma boa posição na estrutura hierárquica passa por comprar tabaco, sendo este item considerado uma das principais “moedas de transação”, ou a posse de um telemóvel:

*Porque temos acesso, por exemplo, ao tabaco. O tabaco é uma das maiores economias aqui. (Entrevistado X)*

*Imagina um telemóvel com teclas aqui dentro custa-te cerca de 500 euros, mas já vi um telemóvel aquele da maça comida pelo preço de 1500 euros. É de loucos. Agora tu tinhas um telemóvel, mas não tinhas um carregador porque isso vende-se à parte. Eu ia ter contigo e tu utilizavas o carregador e eu fazia umas chamadas numa espécie de aliança. (Entrevistado J)*

Além de influenciar numa melhor posição, o capital económico é referido pela maioria dos reclusos em prol da sobrevivência, ou até mesmo para não passar fome. O capital económico possibilita a compra de bens essenciais, como por exemplo, comida, água, café, drogas, entre outros produtos vendidos no bar dos reclusos:

*Temos que ter dinheiro para comprar os bens essenciais, higiene. (Entrevistado A)*

*Alguns que têm problemas com drogas vão, se ainda não estão concentrados com objetivos, vão consumir drogas. (Entrevistado J)*

*Queres ter alguma coisa tens de comprar. Sim. Água temos de comprar, porque a água da torneira não é boa para beber. Se não tiver dinheiro na cadeia, como lá fora. É como em qualquer lado, se não tiver dinheiro estás lixado. (Entrevistado O)*

*O dinheiro aqui facilita, que é assim para o gajo não passar fome. Aqui ainda se come mais ou menos nesta cadeia... há cadeias lá para cima um gajo come mal para 'caralho', come mal mesmo. (Entrevistado Z)*

No desenvolvimento da discussão de dados acerca do capital económico, mobilizaram-se outras subdimensões associadas aos outros capitais. Em particular, com o capital simbólico e o capital social para fortalecer o capital económico. As ligações intrínsecas destas formas de capital demonstram de forma inicial uma correlação entre elas, ou seja, é necessário possuir um conjunto de diferentes tipos de capital para poder obter uma posição favorável na hierarquia. Através das evidências empíricas, detetam-se as limitações do conceito de capital económico quando este opera de forma isolada.

### ***Capital Cultural***

Mesmo que os capitais de Bourdieu (1986) possuam uma ligação interdependente entre eles, o capital cultural apresenta poucas subdimensões percebidas como importantes para a ascensão na hierarquia informal dos reclusos, quando comparado com outras formas de capital aqui investigadas. Esta situação pode ser facilmente explicada segundo o estado jurídico do recluso. Acontece que o EPF é considerado como uma prisão de “passagem”, albergando um maior número de reclusos em prisão preventiva, que apenas aguardam julgamento, e não reclusos condenados. Sendo este fator determinante nas estratégias levadas a cabo pelos próprios reclusos. Ou seja, em vez de desenvolverem estratégias a longo prazo, devido à sua situação de incerteza limitam-se a estratégias de curto prazo. Isto resulta em algumas respostas pouco motivadas, no que toca ao trabalho dentro do EPF:

*Pela experiência de estar aqui, que já vi, normalmente diziam, ah, vai para a cadeia, depois trabalha, isso vai ser benefício de meias-penas e precários. Eu vejo aqui pessoas que não tiveram problemas, que comportaram-se sempre bem e isso, e nenhuma precária tiveram, nenhuma meia-pena, nem dois terços. (Entrevistado L)*

*Imagina, tu trabalhas ali fora, não tens benefícios. Não vejo benefício nenhum. Não... Em nada. (Entrevistado F)*

Apesar de alguns reclusos não perspetivarem nenhum benefício, na sua maioria os reclusos apontam vantagens que se podem retirar do facto de trabalhar dentro da prisão, tais como a renumeração dos trabalhos efetuados para o EPF, passar o tempo, mais possibilidades de movimentação e acesso a mais coisas e zonas dentro da prisão:

*O único benefício é que tu tens o dinheiro no fim do mês. E nem isso é, porque tu estás a trabalhar o mês inteiro, a trabalhar para 60 euros. (Entrevistado G)*

*Por exemplo, nós na cozinha, o nosso reforço é uma sandwich, um sumo e uma bolacha. E, por exemplo, nós quando trabalhávamos na cozinha, o nosso reforço era sempre dois iogurtes, duas sandwiches, dois sumos e uma bolacha. É um pequeno benefício. (Entrevistado A)*

*Permite, porque eu recebo sempre um salariozinho, mas é de miséria, tipo, não é nada. Dois euros por dia. (...) E mais coisas é que achas, imagina, ao pé da cozinha, tipo, tens acesso, se calhar, a mais coisas, e podes movimentar, podes criar mais... Não é o mesmo, por exemplo, quem está a trabalhar na jardinagem, pode sempre fazer negócios, entre celas, já trazer de um sítio para o outro, já sabes que tem mesmo mais contacto com as coisas, se calhar consegue ser intermediário de algum negócio, pode surgir alguma coisinha. (Entrevistado X)*

*Eh pá, é mais uma forma de passar o tempo e conseguires ter os teus bens necessários, e sair da cela um pouco. (Entrevistado D)*

Sublinha-se a importância do acesso concedido às celas dos restantes reclusos, como uma forma de aumentar o capital social, como refere Morin (2001: 14) o trabalho que tem sentido possibilita ao trabalhador: “*relacionar-se com os outros e ter o sentimento de vinculação: trabalhar permite ter contatos interessantes com os outros, possibilita fazer parte de um grupo*”. Segundo Bitencourt (2008), o contexto prisional em geral ostenta inúmeros problemas como a insalubridade, a luminosidade, a circulação de ar e a superpopulação, que conseqüentemente, origina numa diminuição da privacidade do recluso, facilitando situações de conflito.

Outros reconhecem que a sua única motivação para trabalhar na prisão tem a ver com a imagem que querem transmitir aos guardas prisionais e para o/a juiz/a. De facto,

o capital cultural nesta perspectiva é utilizado como uma ferramenta para a obtenção de um “bom currículo”, mediante a participação dos reclusos na “escola” e em outras atividades profissionais. De modo geral, pode-se afirmar que existe uma tentativa de manipulação da identidade face a percepção que o agente de autoridade tem sobre estes indivíduos, de modo a ganharem precárias, liberdades condicionais, entre outros benefícios, que lhes permitem a libertação mais cedo do que o previsto:

*Para a juíza ver que a gente está a entregar-se mesmo para a escola. Estão a ver mesmo que a gente quer mesmo se entregar bem para a sociedade, quando a gente sai para fora. É uma coisa boa, está a ver? E já vê a gente de uma forma diferente, está a ver? Não vê como a gente de vilões ou assassinos, assim, está a ver? Sim, estão a ver. Veem-se mais educados também, prontos, a mudar e a crer. (Entrevistado G)*

*Acredito que tudo o que a gente faz aqui em termos de trabalho, formação, até a própria leitura na biblioteca, tem dois sentidos. Na maneira dos guardas nos verem, porque isso é importante. (Entrevistado E)*

*O que é fixe. Tens o curso de pintor. Estás aqui, tens um cursozinho, podes trabalhar num meio profissional lá fora. (Entrevistado D)*

Na revisão de literatura foi mencionado que, em alguns casos, os reclusos poderiam utilizar “máscaras” de modo a realçar a sua masculinidade hegemónica e assegurar a sua posição na hierarquia informal. Contudo neste caso em específico, é visível que a utilização das “máscaras”, assumem um papel e um objetivo completamente antagónico. Por outras palavras, reconhece-se a existência de uma “manipulação de identidade” constante, tanto com os colegas reclusos, como aos agentes de autoridade. Apesar de agirem com objetivos distintos, por um lado para sobreviver, mas por outro, fazem-no para sair o mais cedo possível da prisão.

Relativamente às **atividades mais valorizadas pelos reclusos do EPF**, que podem ser consultadas em detalhe no apêndice C, existem diferenças face à tabela proposta na revisão de literatura. Esta diferença resume-se pelo estado jurídico do recluso e pela ausência de profissões além das que o EPF oferece aos seus reclusos. Contudo, dentro de cada uma delas existem certos fatores que favorecem os reclusos consoante o seu comportamento e confiança que transmitem às forças de autoridade dentro do EPF. O bar dos reclusos é um lugar que requer bastante responsabilidade e

confiança na pessoa que trabalha, daí ser um lugar cobiçado. É um local onde é necessária uma pessoa firme, porque implica interação e assertividade com outros reclusos. No bar existem todos os itens valorizados pelos reclusos, logo é preciso contratar alguém com confiança e controle sobre os inventários e os pagamentos:

*É trabalhar no bar dos reclusos, porque é um lugar que exige muita responsabilidade. E por exigir muita responsabilidade os guardas... Eu e mais dois ou três teria a responsabilidade. Às vezes pedem-me coisas simples, como um café ou algo para comer, mas eu não posso, e tento mostrar à pessoa que não posso dar coisas, porque se não sou eu que sofro as consequências. É tudo uma questão de saber falar com as pessoas. (Entrevistado E)*

Trabalhar na barbearia, por sua vez, não confere estatuto especial aos reclusos no EPF, não existindo sequer um espaço específico para o efeito:

*Sou o único que corto cabelo nesta prisão, estou cheio de trabalho e não tenho condições, dão-me acesso a uma máquina para cortar cabelo e é isso. Alguns pagam-me uns cafés outros com tabaco, depende da pessoa. A merda é que não posso ter muitas onças de tabaco na minha cela, senão é suspeito. (Entrevistado Z5)*

Esta profissão exige muito trabalho e compete a um único recluso, tendo na maior parte das vezes de recusar trabalho, colocando-se em posições desagradáveis ao ponto de seleccionar os seus clientes consoante a sua posição na hierarquia:

*A mim todas as semanas me cortam o cabelo, tenho sempre prioridade, agora os outros já não é bem assim, torna-se mais complicado para quem não tem tantas posses, se é que me percebes. (Entrevistado H)*

O trabalho na cozinha e no refeitório também oferece alguns benefícios, como por exemplo, o reforço redobrado e até mesmo a confeção de outras comidas, dependendo dos gostos de quem lá trabalha. Além desses benefícios, a comida também serve como “moeda de troca” na prisão. A comida permite ao recluso, trocar o reforço por outras coisas:

*Posso ir à cozinha, posso fazer um macarrão assado, ou posso fazer uma batata frita. Coisas assim, nesses dias. Coisas assim. O reforço também é melhor, eles levam um sumo e um pão e um pacote de bolachas. O nosso não. É dois pães, dois ovos, dois sumos, e dois pacotes de bolachas. Temos de levar para a cela. E*

*isso também pode servir como troca para alguma coisa.*  
**(Entrevistado U)**

Outra função não referida na revisão de literatura é o trabalho nas obras e na lavanderia do EPF. Esta última função apresenta uma dualidade de significados. Apresenta benefícios em termos de estar separados da população geral, numa ala constituída por 10 reclusos de confiança onde os mesmos ocupam funções de jardinagem, obras, lavanderia e bar dos guardas. Ao estarem separados dos restantes reclusos possuem acesso a recursos não permitidos na ala principal, de modo a não haver transações com os restantes reclusos. Em simultâneo, facilita a mobilidade e o contrabando dentro da prisão, isto é, transmite a imagem de pessoas de confiança, distanciada das restantes e apresenta benefícios em termos de oportunidades de contrabando:

*Por exemplo, atualmente, como estou na lavanderia, já não estou junto com outros reclusos.* **(Entrevistado A)**

*Para movimentar coisas, por exemplo, seria o mais fácil. Para movimentar coisas acho que não tem mais nenhum trabalho com essa força de mobilidade. Só mesmo quem está a trabalhar já lá fora. Não é. Mas, obviamente, é difícil.* **(Entrevistado Z2)**

O interesse dos reclusos pela escola é notável, sendo considerada uma boa forma de passar o tempo e de aumentar o nível de escolaridade na prisão:

*Podes tirar o décimo segundo ano. Para aproveitar os meses que estiveres aqui. Fazer alguma coisa de útil, como na tropa.* **(Entrevistado D)**

*Por exemplo, eu estou a tirar o 12º benefício, tirar o 12º ano é bom para mim,* **(Entrevistado R)**

*Normalmente o que dá mais valor é a escola, o estudo, uma pessoa que se prepara e aproveitar bem aqui o tempo sim.* **(Entrevistado Z)**

A análise revela que os reclusos atribuem importância à escolaridade, não só para passar o tempo, mas, essencialmente, para benefício próprio. Como afirma Morin *et al.* (2007: 52) “trabalho com sentido passa a ser aquele que proporciona a aquisição de

*habilidades e conhecimentos, que permite o aprimoramento de competências do indivíduo”.*

#### **4.2.3. Hierarquia e Poder entre Reclusos**

Através das entrevistas dos reclusos procurou-se ainda perceber a importância da hierarquia e poder no Estabelecimento Prisional de Faro. A análise de conteúdo efetuada permitiu dividir esta dimensão de análise em duas subdimensões, tal como se pode verificar em detalhe no apêndice G: **características associadas a reclusos com menor destaque; e dinâmicas de influência e poder entre os reclusos.**

As **características associadas a reclusos com menor destaque** na hierarquia informal relacionam-se com determinadas vulnerabilidades, toxicodependência e falta de higiene dos reclusos, como se percebe pelos discursos dos entrevistados:

*Está a pegar beatas no chão, está a guardar as beatas no bolso. Depois estás a juntar as beatas e fuma, mas vou-te já te ser sincero. Esses carochos que apanham essas beatas no chão, mano, é um dos que duram mais na vida. É sério? Nós morremos mais rápido que eles. (Entrevistado G)*

*É as coisas que se sujeitam, para ter algumas coisas. São aqueles que não têm nada. Não têm muito dinheiro. São aqueles mais fraquinhos. (Entrevistado E)*

*Sim, claro que sim. Por exemplo, vamos falar dos toxicodependentes. Eles chegam aí aquilo é só a roupa. Eu costumo dizer que eles se meteram um papo seco numa carcaça dentro do bolso, que as calças caem com o pé, assim. Já vi muitos casos assim, onde às vezes não tinham força para falar. (...) O pessoal que chega aí desnutrido, completamente viciado, ouve-se alguns gritos na cela, quando estão lá atrás na cela de isolamento. Apesar de terem dormido lá um dia quase todo. A aparência deles... às vezes vêm cheios de feridas, mas olhamos para essa malta, não é com menos respeito, mas ficamos de pé atrás. Até porque temos medo que tenham algo contagioso. É o mundo que é. Temos que nos sujeitar ao que há. E um dia de cada vez. (Entrevistado A)*

*Ninguém quer estar perto deles. Vêm todos, todos os drogados ainda da rua a ressarcar todos tortos. A cheirar mal. (Entrevistado H)*

Ao analisar as **dinâmicas de influência e poder entre os reclusos** verificou-se uma associação direta a lógicas de reafirmação do poder por parte dos reclusos mais novos, ao domínio do capital social e domínio do capital económico. A **reafirmação do poder por parte dos reclusos mais novos** refere-se a uma alteração do código do recluso. Anteriormente, quando se analisou o que é “Ser Homem” na prisão, houve uma subcategoria que fazia menção a esta mudança, isto dito por um recluso que já cumpriu várias sentenças. Como afirma este jovem recluso:

*Os mais novos. Os mais novos têm o maior poder e influência. Antes eram os mais velhos, que tinham, tipo, todo o poder e não sei o quê, porque eram respeitados, que eram os mais velhos. Mas agora isso parece que está tudo a mudar. Agora é a estrutura que está a mudar. (...) E é verdade, tipo, os mais novos, de certa forma, já nem acabam por respeitar tanto os mais velhos, porque eles também já têm ideias muito parvas ou muito ultrapassadas, e que acabam por dar lugar aos mais novos. (Entrevistado G)*

*Não sei. Só há aí dois ou três que são mais espertos. Tentam ser mais perigosos que os outros, mas são putos (...) com 20 anos, tentam ser mais perigosos que os outros. É isso. (Entrevistado R)*

Relativamente às **dinâmicas de influência e poder** entre os reclusos, estas referem-se, essencialmente, aquilo que é preciso ter ou conquistar para obter esse lugar tão desejado. Apesar de os reclusos apenas terem mencionado dimensões associadas ao domínio do capital económico e social, torna-se necessário de destacar, o porquê de não terem referido a importância do capital simbólico. Tanto o capital económico como o capital social, são “coisas” palpáveis por assim dizer, ou seja, podemos ver e tocar em dinheiro ou em amigos, agora por exemplo, não podemos tocar em atitudes e comportamentos. Apesar de ter sido mencionado como importante certos comportamentos e atitudes para uma boa posição na hierarquia informal, em momento algum nesta subcategoria foi mencionado como obrigatório para conquistar uma posição elevada. Ou seja, com base nos resultados, o capital simbólico revelou ser um dos capitais responsáveis para uma boa posição na hierarquia, contudo não foi reconhecido pelos reclusos como um dos principais atributos.

*Para já, pode ser o grupo que tem mais poder económico. Logo, pode dispensar mais produtos aos outros que não têm, com mais facilidade. Logo, aí dá-lhes o poder todo ou total. Quando há um subgrupo, aí o pessoal já se divide mais. Mas o poder, a parte económica, é mais importante. Podem ter mais coisas ilícitas para*

*distribuir para os outros reclusos. O dinheiro manda em todo o lado. (Entrevistado A)*

#### **4.2.4. Competição e Motivações para a Procura de Posições Superiores na Hierarquia Informal dos Reclusos**

A análise das entrevistas aos reclusos permitiu ainda aferir sobre as motivações e competições na hierarquia informal que se estabelece entre os reclusos do EPF, dividindo esta dimensão em duas: **competições dentro da hierarquia informal e motivações para a procura de posições elevadas na hierarquia informal.**

A análise das **competições dentro da hierarquia informal** revela comportamentos variados que são usados para tentar romper a ordem de poder estabelecida e que, regra geral, são motivadores de conflito, pois não cumprem o código dos reclusos:

*Sim, acho que, por exemplo, houve chibaria para ter um monopólio da droga. Vou dizer quem é que vem. Eu também já fiz isso lá fora. Vais chibar a tua influência nos teus contactos. E aí eliminas a tua concorrência de uma forma natural. E ficas com o domínio do mercado. (Entrevistado X)*

*Até mais, se mostrares que tens mais poder que ele. Meteres-te com ele. Imagina que alguém no bar está a passar-te à frente. Por exemplo, é uma fila com 5, 10 pessoas. Eu sempre passo à frente para ir buscar um café. E então o desafio nível máximo era passar à frente e dar-te uma cachaçada. Isso, então, é uma falta de respeito. (Entrevistado Z2)*

As **interferências nas negociações** originam também comportamentos desafiadores, pois quem possui estupefacientes ou contrabando no interior dentro da prisão, estará sempre sujeito ao risco de os possuir, uma vez que são itens bastante cobiçados levando muitas das vezes a conflitos violentos:

*Haver algum negócio em que sejas tu a transportar e a dar, ou a dar, não sei quem, e depois estar a faltar as coisas. (Entrevistado X)*

*Havia reclusos aí a vender tipo mais barato. Depois já dava confusão com os outros. Sim, é por causa da droga e coisas assim.*  
**(Entrevistado F)**

*Por exemplo, pedir as cenas e não pagar, por exemplo, sim.*  
**(Entrevistado X)**

*Rapazes que têm telemóveis, aqueles que têm mais droga, bambambam. Rapazes que querem comer um dia e dizem, ah, aquele gajo tem telemóvel, então vamos lá e batemos nele.*  
**(Entrevistado G)**

Relativamente às principais **motivações** para ter uma posição elevada na hierarquia informal no Estabelecimento Prisional de Faro, a análise evidenciou que estas estão, sobretudo, associadas à necessidade e desejo de proteção, segurança e poder, dentro da prisão:

*Então se calhar é isso que é compensado, que é proteção. Embora não precise.* **(Entrevistado E)**

*E há essas coisas todas assim. E eu também sou uma pessoa, não sou um parvinho sem ver as coisas, onde devo meter, onde não devo meter. Também, de certa forma, é só para a segurança, a tua segurança e tudo mais.* **(Entrevistado B)**

*Ser mais poderoso que ninguém.* **(Entrevistado S)**

### ***Em Síntese***

O Capítulo 4 apresentou os principais resultados da investigação, com enfoque nas análises empíricas realizadas para compreender a hierarquia informal entre os reclusos no Estabelecimento Prisional de Faro. O capítulo dividiu-se em duas partes principais: a análise de conteúdo das entrevistas em profundidade realizadas aos reclusos e a análise de redes sociais.

Relativamente à primeira, os resultados da análise das entrevistas aos reclusos evidenciaram as dimensões que influenciam a mobilidade social dentro da hierarquia informal da prisão. Os reclusos identificaram diferentes formas de capital — económico, cultural, social e simbólico — que são valorizadas no ambiente prisional e que

determinam a posição de um indivíduo na hierarquia. O capital simbólico, especialmente ligado à masculinidade hegemónica, foi destacado como um dos principais determinantes do *status* entre os reclusos. A posse de capital económico, embora importante, não é suficiente para garantir uma posição elevada na hierarquia sem o apoio de outros capitais, como o capital social e simbólico.

Na segunda parte do capítulo, a análise de redes sociais mapeou as relações entre os reclusos, identificando centralidades, prestígio e posições de intermediação dentro da estrutura informal. Esta análise permitiu visualizar a dinâmica interna da prisão, mostrando como as redes de relacionamento influenciam a mobilidade social dos reclusos. Os principais resultados revelaram que os reclusos com mais conexões sociais, especialmente aqueles que desempenham papéis centrais na rede, tendem a ocupar posições de maior prestígio na hierarquia. Além disso, aqueles que possuem capital simbólico elevado, como respeito e reconhecimento dos pares, também se encontram em posições privilegiadas.

O capítulo permitiu concluir que a hierarquia informal na prisão é complexa e multifacetada, sendo influenciada por uma combinação de capitais. O capital simbólico emerge como o mais crucial, seguido pela importância das redes sociais e do capital cultural. A mobilidade dentro desta hierarquia depende em grande parte do reconhecimento simbólico e das relações interpessoais e, marginalmente, das posses materiais.

Desta forma, este capítulo oferece uma análise detalhada dos mecanismos que sustentam a hierarquia informal entre os reclusos, demonstrando como diferentes formas de capital e redes de relacionamento moldam as dinâmicas de poder dentro do ambiente prisional.

## Capítulo 5. Conclusão

A realização da investigação na base desta dissertação teve como objetivo compreender a formação e a dinâmica da hierarquização informal entre reclusos em um estabelecimento prisional português, com ênfase nas diferentes formas de capital, conforme a teoria de Pierre Bourdieu. A investigação partiu, deste modo, da seguinte questão: Que mecanismos e atributos atuam na formação da hierarquia informal dos reclusos em contexto prisional, como se compõe esta estrutura e que fatores influenciam a mobilidade social dentro dessa estrutura?

Para responder, a investigação adotou uma abordagem metodológica mista, combinando entrevistas qualitativas com análise de redes sociais, procurando compreender como os diferentes tipos de capital influenciam as posições ocupadas pelos reclusos dentro da hierarquia informal dentro da prisão.

A investigação, realizada com recurso ao estudo de caso do Estabelecimento Prisional de Faro (EPF), evidenciou que o capital económico não constitui a principal fonte de mobilidade social na hierarquia informal dos reclusos em contexto prisional. A posição na hierarquia informal antes de mais determinada pelo capital simbólico, incorporando aspetos como a **atitude e personalidade, violência como ferramenta de controlo e status**, entre outros. Demonstrando que por vezes o “parecer” tem mais força que o “ser”, ou seja, os reclusos que consigam construir uma imagem respeitável e valorizada pelos demais, ocuparão posições de maior destaque.

**O capital social constitui a segunda forma de capital com mais influencia na posição ocupada pelos reclusos na hierarquia informal** e caracteriza-se neste contexto, sobretudo, pelas redes de apoio e pelas conexões entre os reclusos. A pertença a determinados subgrupos dentro da prisão proporciona aos reclusos uma rede de suporte fulcral tanto para a obtenção de uma estadia mais confortável e segura dentro da prisão, como para obtenção de posições superiores na hierarquia informal, o que sublinha a importância das relações interpessoais no contexto prisional.

**O capital económico**, apesar de não ser a forma de capital mais influente, como à partida se poderia esperar, a mesma não deixa de ter relevância. É através da posse de

capital económico que os reclusos garantem capacidade de aquisição de bens essenciais e regalias.

A análise das relações sociais dos reclusos revelou uma estrutura hierárquica complexa e permitiu compreender três aspetos importantes da dinâmica de poder dentro da prisão: a centralidade de determinados reclusos, sugerindo que a dinâmica social dentro da prisão é fortemente influenciada por poucos indivíduos; a importância das redes religiosas dentro da prisão; e o isolamento ou marginalidade de reclusos associados a crimes de menor prestígio.

Tendo o mérito e a originalidade de constituir a primeira investigação em Portugal a usar uma metodologia abrangente (com recurso também à análise de redes sociais) para compreender as dinâmicas de poder entre reclusos, esta dissertação não é isenta de limites que devem ser reconhecidos. Desde logo, o facto de se basear no estudo de caso de apenas um estabelecimento prisional pode limitar a generalização dos resultados para outras prisões com diferentes características. Ou seja, as dinâmicas sociais e hierárquicas podem variar significativamente entre diferentes contextos prisionais, devido a variáveis como o tamanho da população reclusa, a sua composição demográfica, bem como as políticas institucionais específicas, entre outras. Tendo em conta que o Estabelecimento Prisional de Faro constitui uma prisão para reclusos com penas relativamente curtas ou para presos preventivos, os resultados aqui obtidos podem não espelhar as realidades de outras instituições prisionais.

Outro limite que se pode colocar relaciona-se com o facto do principal referencial teórico ser a Teoria dos Capitais de Bourdieu para analisar um contexto tão restritivo como o de uma prisão, onde as oportunidades para aquisição de capital económico ou cultural são muito limitadas.

Quase sempre, em investigação, o tempo é um recurso escasso que limita a ambição do investigador. Uma análise longitudinal poderia fornecer uma visão mais aprofundada de como as dinâmicas de poder e hierarquia evoluem ao longo do tempo dentro da prisão. Contudo, as restrições temporais impediram uma investigação mais prolongada e detalhada.

Neste sentido, a investigação futura sobre as hierarquias informais e dinâmicas de poder dentro da prisão seria determinante para fornecer uma visão mais holística e robusta das dinâmicas sociais dentro das prisões, contribuindo para intervenções mais eficazes e uma gestão prisional mais informada. Em primeira análise, a investigação futura poderia privilegiar estudos longitudinais e comparativos de diferentes estabelecimentos prisionais, com características e dimensões distintas. Esta análise permitiria uma melhor compreensão da variabilidade destas dinâmicas e poderia apoiar na identificação de padrões generalizáveis a diferentes contextos prisionais.

Investigações futuras poderiam ainda aprofundar a análise do capital cultural e económico dentro do contexto prisional, para perceber de que modo como a educação formal e informal dos reclusos, ou o acesso a recursos económicos fora da prisão, influenciam as suas posições dentro da hierarquia informal. Por outro lado, o papel das políticas e programas de reabilitação dirigidas a reclusos seria uma outra pista de investigação futura, em particular, de que modo influenciam ou não a hierarquia informal que se estabelece entre reclusos em contexto prisional.

Os resultados desta investigação têm implicações significativas para a política prisional. A identificação das formas de capital que influenciam a hierarquização informal pode auxiliar a estruturar estratégias de intervenção mais eficazes e apoiar a promoção da equidade e a reabilitação dentro do sistema prisional. Como tal, uma recomendação possível será que as políticas prisionais, no desenvolvimento de programas de reabilitação, considerem a diversidade de capitais possuídos pelos reclusos. Medidas concretas que incentivem a aquisição de capital cultural e social, como programas educacionais e oportunidades de trabalho dentro das prisões, podem contribuir para uma distribuição mais equilibrada do poder e status entre os reclusos, reduzindo a violência e promovendo uma cultura de reabilitação.

Além disso, a masculinidade hegemónica identificada como um fator chave na estruturação das relações de poder sugere a necessidade de políticas que abordem as questões de género no contexto prisional. Programas que promovam alternativas saudáveis à expressão da masculinidade podem reduzir comportamentos violentos e criar um ambiente mais seguro e propício à reabilitação.

Em adição, este estudo contribuiu para a literatura sociológica sobre prisões ao oferecer bases para intervenções práticas que possam auxiliar a gestão e as condições de vida dentro dos estabelecimentos prisionais. Ao evidenciar os mecanismos implícitos à hierarquia informal, esta dissertação promove uma percepção mais profunda e crítica da vida prisional.

## Referências Bibliográficas

- Bandyopadhyay, M. (2006). Competing masculinities in a prison. *Men and Masculinities*, 9(2), 186-203. <https://doi.org/10.1177/1097184X05282068>
- Bastian, M., Heymann, S., & Jacomy, M. (2009). Gephi: An open source software for exploring and manipulating networks. In *Proceedings of the International AAAI Conference on Web and Social Media* (Vol. 3, No. 1, pp. 361-362). Retrieved from <https://ojs.aaai.org/index.php/ICWSM/article/view/13937>
- Becker, H. S. (2008). *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Bitencourt, C. R. (2008). *Falência da pena de prisão: causas e alternativas*. 4. ed. São Paulo: Saraiva.
- Blevins, K. R., Listwan, S. J., Cullen, F. T., & Jonson, C. L. (2010). A general strain theory of prison violence. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 26(2), 148-166. <https://doi.org/10.1177/1043986209359369>
- Borgatti, S. P., Everett, M. G., & Johnson, J. C. (2013). *Analyzing Social Networks*. London: Sage Publications, Ltd.
- Borgatti, S. P., Mehra, A., Brass, D. J., & Labianca, G. (2009). Network analysis in the social sciences. *Science*, 323(5916), 892-895. <https://doi.org/10.1126/science.1165821>
- Bourdieu, P., 1977. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bourdieu, P., 1979. *La Distinction: Critique Sociale du Jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia* (J. Vaitsman, Trad.). Marco Zero.
- Bourdieu, P., 1985. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, p. 22.
- Bourdieu, P. (1986). The Forms of Capital. In J. C. Richardson (Ed.), *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education* (pp. 241–258). New York: Greenwood Press.
- Bourdieu, P. (1987). What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. *Berkeley Journal of Sociology*, 32, 1-49.
- Bourdieu, P. (1989). O capital social: Notas provisórias. In *O poder simbólico* (pp. 15-25). Bertrand Brasil.

- Blumer, H. (1980). A natureza do interacionismo simbólico. In C. D. Mortensen (Ed.), *Teoria da comunicação: Textos básicos* (pp. 122-140). Mosaico.
- Brass, D. J. (1985). Men's and women's networks: A study of interaction patterns and influence in an organization. *Academy of Management Journal*, 28(2), 327-343. <https://doi.org/10.2307/256204>
- Bronson, E. F. (2008). He ain't my brother... he's my friend' friendship in medium security prison. *Critical Issues in Justice and Politics*, 1(1), 63-74.
- Bryman, A. (2016). *Social research methods* (5th ed.). Oxford University Press.
- Brookman, F., Bennett, T., Hochstetler, A., & Copes, H. (2011). The "code of the street" and the generation of street violence in the UK. *European Journal of Criminology*, 8(1), 17-31. <https://doi.org/10.1177/1477370810382259>
- Caldwell, M. G. (1955). Group dynamics in the prison community. *Journal of Criminal Law and Criminology*, 45(4), 490-497. <https://doi.org/10.2307/1139067>
- Campos, P. H. F., & Lima, R. D. C. P. (2018). Capital simbólico, representações sociais, grupos e o campo do reconhecimento. *Cadernos de Pesquisa*, 48(167), 100-127. <https://doi.org/10.1590/198053145557>
- Carceral, K. C. (2004). *Por detrás dos olhos de um recluso: Cumprir pena numa prisão moderna*. Wadsworth.
- Clark, R. L. (2010). Punks, snitches, and real men: Negotiations of masculinity and rehabilitation among prison inmates. *Theory in Action*, 3(2), 63-97. <https://doi.org/10.3798/tia.1937-0237.10011>
- Coleman, J. S. (1993). The Rational Reconstruction of Society: 1992 Presidential Address. *American Sociological Review*, 58(1), 1-15. <https://doi.org/10.2307/2096213>
- Comissão dos Direitos Humanos da Ordem dos Advogados (CDHOA). (2022). *Relatório da visita às prisões portuguesas - Dezembro 2022* (pp. 26-30). Ordem dos Advogados. Disponível em: [https://portal.oa.pt/media/137919/relatoriocdhoa\\_visitaprisoesportuguesas\\_dez2022.pdf](https://portal.oa.pt/media/137919/relatoriocdhoa_visitaprisoesportuguesas_dez2022.pdf)
- Connell, R. W. (1995). *Masculinities*. Polity Press.
- Cohen, S., & Wills, T. (1985). Stress, social support, and the buffering hypothesis. *Psychological Bulletin*, 98(2), 310-357. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.98.2.310>
- Crewe, B. (2009). *The prisoner society: Power, adaptation and social life in an English prison*. Oxford University Press.

- DeMello, M. (1993). The convict body: Tattooing among male American prisoners. *Anthropology Today*, 9(4), 10-13. <https://doi.org/10.2307/2783354>
- De Viggiani, N. (2006). Surviving prison: exploring prison social life as a determinant of health. *International Journal of Prisoner Health*, 2(2), 71-89. <https://doi.org/10.1080/17449200600935653>
- Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP). (2003). *As nossas prisões III - Relatório*. Ministério da Justiça. Disponível em. [https://www.provedor-jus.pt/documentos/AsNossas\\_Prisoes\\_IIIRelatorio.pdf](https://www.provedor-jus.pt/documentos/AsNossas_Prisoes_IIIRelatorio.pdf)
- Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, 2023. Estabelecimento Prisional de Faro. [online] Disponível em: <https://dgrsp.justica.gov.pt/Justi%C3%A7a-de-adultos/penas-e-medidas-privativas-de-liberdade/Estabelecimentos-prisionais/%C3%81rea-territorial-alargada-do-tribunal-de-execu%C3%A7%C3%A3o-de-penas-de-%C3%89vora/Estabelecimento-Prisional-de-Faro> [Acedido em: 20 de junho de 2024].
- Duncan, H. E., & Balbar, S. (2008). Evaluation of visitation program at a Canadian penitentiary. *The Prison Journal*, 88(3), 300-327. <https://doi.org/10.1177/0032885508322457>
- Foucault, M., & Deleuze, G. (1979). Os intelectuais e o poder. In M. Foucault (Ed.), *Microfísica do poder* (17ª ed., pp. 69-78). Graal.
- Foucault, M., 1999. Vigiar e Punir: Nascimento da prisão. 22. ed. *Petrópolis: Vozes*, p. 13.
- Francis, J. J., Johnston, M., Robertson, C., Glidewell, L., Entwistle, V., Eccles, M. P., & Grimshaw, J. M. (2010). What is an adequate sample size? Operationalising data saturation for theory-based interview studies. *Psychology & Health*, 25(10), 1229-1245. <https://doi.org/10.1080/08870440903194015>
- Gibbs, J. T., & Merighi, J. R. (1994). Young black males: Marginality, masculinity, and criminality. In T. Newburn & E. Stanko (Eds.), *Just boys doing business? Men, masculinities and crime* (pp. 23-37). Routledge.
- Gleason, S. E. (1978). Hustling: The inside economy of a prison. *Federal Probation*, 42(2), 32-39.
- Gould, R. V. (2002). The origins of status hierarchies: A formal theory and empirical test. *American Journal of Sociology*, 107(5), 1143-1178. <https://doi.org/10.1086/341744>
- Goffman, E. (2008). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (18ª ed.). LTC.
- Goffman, E. (1961). *Manicômios, prisões e conventos* (E. Trindade, Trad.). In *Manicômios, prisões e conventos* (pp. 316-317). Perspectiva.

- Granovetter, M. S. (1973). The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, 78(6), 1360-1380. <https://doi.org/10.1086/225469>
- Granovetter, M. (2003). Acção económica e estrutura social: O problema da incrustação. In R. Marques & J. Peixoto (Eds.), *A nova sociologia económica: Uma antologia* (pp. 105-128). Celta Editora.~
- Granovetter, M., 2007. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. In: N. Woolsey Biggart, ed. *A Nova Sociologia Econômica*. São Paulo: Editora Senac, pp. 25-58.
- Hairston, C. F. (1991). Family ties during imprisonment: Important to whom and for what? *Journal of Sociology and Social Welfare*, 18(1), 87-104.
- Hall, S. (2002). *A identidade cultural na pós-modernidade* (3ª ed.). DP&A.
- Haslam, A., Jetten, J., Postmes, T., & Haslam, C. (2009). Identidade social, saúde e bem-estar: Uma agenda emergente para a psicologia aplicada. *Applied Psychology*, 58(1), 1-23. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.2008.00379.x>
- Hulley, S., Crewe, B., & Wright, S. (2016). Re-examining the problems of long-term imprisonment. *British Journal of Criminology*, 56(4), 769-792.
- Irwin, J., & Cressey, D. R. (1962). Thieves, convicts, and the inmate culture. *Social Problems*, 10(2), 142-155. <https://doi.org/10.2307/799047>
- Janeiro, L. T. C. (2002). *A representação do eu na vida cotidiana* (2ª ed.). Ed. Vozes.
- Jewkes, Y. (2005). Men behind bars: "Doing" masculinity as an adaptation to imprisonment. *Men and Masculinities*, 8(1), 44-63. <https://doi.org/10.1177/1097184X03257452>
- Johnson, D.P., 1997. *Sociological Theory: Classical Founders and Contemporary Perspectives*. Chichester: John Wiley & Sons, p. 174.
- Johnson, B. R., Pagano, M. E., Lee, M. T., & Post, S. G. (2014). Positive criminology and rethinking the response to adolescent addiction: Evidence on the role of social support, religiosity, and service to others. *International Journal of Criminology and Sociology*, 3, 193-200. <https://doi.org/10.6000/1929-4409.2014.03.20>
- Juříček, L. D. A. L. P. (2015). The structure of the inmate population in Czech prisons. *Sociológia*, 47(6), 559-578.
- Karp, D. R. (2010). Unlocking men, unmasking masculinities: Doing men's work in prison. *The Journal of Men's Studies*, 18(1), 63-83. <https://doi.org/10.3149/jms.1801.63>
- Kreager, D. A., Young, J. T. N., Haynie, D. L., Bouchard, M., Schaefer, D. R., & Zajac, G. (2017). Where “old heads” prevail: Inmate hierarchy in a men’s prison unit.

*American Sociological Review*, 82(4), 685–718.  
<https://doi.org/10.1177/0003122417710462>

Kreager, D. A., Schaefer, D. R., Bouchard, M., Haynie, D. L., Wakefield, S., Young, J., & Zajac, G. (2016). Toward a criminology of inmate networks. *Justice Quarterly*, 33(6), 1000-1028. <https://doi.org/10.1080/07418825.2015.1016090>

Levan, K. M. (2011). Gangs and violence in prisons. In W. J. Chambliss (Ed.), *Corrections*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

Liberati, W. D. (2008). Teoria da subcultura delinquente. *Revista de Ciências Jurídicas*, 6(1), 271-307.

Liebling, A., & Arnold, H. (2012). Social relationships between prisoners in a maximum security prison: Violence, faith, and the declining nature of trust. *Journal of Criminal Justice*, 40(5), 413–424. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2012.06.003>

Massey, D. S., & Denton, N. A. (1993). *American apartheid*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Marteleteo, R. M. (2001). Análise de redes sociais: Aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, 30(1), 71-81.

McGloin, J. M., & Kirk, D. S. (2010). An overview of social network analysis. *Journal of Criminal Justice Education*, 21(2), 169-181.

Merton, R.K., 1949. *Social Theory and Social Structure*. New York: Free Press.

Michalski, J. H. (2019). Terrorism and lethal moralism in the United States and United Kingdom, 1970–2017. *The British Journal of Sociology*, 70(5), 1681-1708. <https://doi.org/10.1111/1468-4446.12635>

Milner, M. (1994). *Status and sacredness: A general theory of status relations and an analysis of Indian culture*. Oxford: Oxford University Press.

Mosher, D. L. (1991). Macho men, machismo, and sexuality. *Annual Review of Sex Research*, 2, 199-247.

Molina, A. G.-P. de, & Gomes, L. F. (2002). *Criminologia* (4ª ed.). São Paulo: RT.

Neuber, A. (2011). Understanding violence in "The society of captives": Sykes meets Bourdieu in prison. *The Howard Journal of Criminal Justice*, 50, 1-16. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2311.2010.00645.x>

Olinto, G. (1995). Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 10(2), 63-78.

Papachristos, A. V., Wildeman, C., & Roberto, E. (2015). Tragic, but not random: The social contagion of nonfatal gunshot injuries. *Social Science & Medicine*, 125, 139-150. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2014.01.056>

- Pearce, L. D. (2012). Mixed methods inquiry in sociology. *American Behavioral Scientist*, 56(6), 829-848. <https://doi.org/10.1177/0002764211433798>
- Phillips, J. (2001). Construção cultural da masculinidade na prisão. *Psychology of Men and Masculinity*, 2(1), 13-23.
- Portes, A. (1998). Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology. *Annual Review of Sociology*, 24(1), 1-24. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.24.1.1>
- Putnam, R. D. (1995). Bowling Alone: America's Declining Social Capital. *Journal of Democracy*, 6(1), 65-78. <https://doi.org/10.1353/jod.1995.0002>
- Sabo, D. F. (2001). Cumprir pena, fazer masculinidade: O desporto na prisão. In D. F. Sabo, T. A. Kupers, & W. London (Eds.), *Prison masculinities* (pp. 61-66). Philadelphia, PA: Temple University Press.
- Sauder, M., Lynn, F.B. and Podolny, J.M., 2012. Status: A Review and Theoretical Integration. *Sociological Theory*, 30(4), pp. 285-308.
- Schaefer, D. R., Bouchard, M., Young, J. T. N., & Kreager, D. A. (2017). Friends in locked places: An investigation of prison inmate network structure. *Social Networks*, 51, 88-103. <https://doi.org/10.1016/j.socnet.2016.12.006>
- Schmid, T. (2000). *Doing time: Prison experience and identity among first time inmates*. Stamford, CT: Emerald Group Publishing Limited.
- Scott, J. (2013). *Social Network Analysis* (4th Ed). London: Sage Publications, Ltd.
- Sentse, M., Kreager, D. A., Bosma, A. Q., Nieuwbeerta, P., & Palmén, H. (2021). Social organization in prison: A social network analysis of interpersonal relationships among Dutch prisoners. *Justice Quarterly*, 38(6), 1047-1069. <https://doi.org/10.1080/07418825.2019.1700298>
- Sixsmith, J., & Boneham, M. (2007). Health, well-being and social capital (Saúde, bem-estar e capital social). In J. Haworth & G. Hart (Eds.), *Well-being: Individual, community and social perspectives* (pp. 75-92). Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan.
- Small, M. L. (2011). How to conduct a mixed methods study: Recent trends in a rapidly growing literature. *Annual Review of Sociology*, 37(1), 57-86. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.012809.102657>
- Smith, C. M., & Papachristos, A. V. (2016). Trust thy crooked neighbor: Multiplexity in Chicago organised crime networks. *American Sociological Review*, 81(4), 644-667. <https://doi.org/10.1177/0003122416650149>
- Sousa Brandão, T. (2015). Redes sociais da criminalidade no sistema penitenciário brasileiro: Estudo de caso. *Revista Caribeña de Ciências Sociais*.

- Sykes, G. M. (1958). *The society of captives: A study of a maximum security prison*. Retirado de <http://press.princeton.edu/titles/8390.html>
- Toch, H. (1998). Hypermasculinity and prison violence. In L. H. Bowker (Ed.), *Masculinities and violence* (pp. 168-178). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Trammell, R. (2009). Values, rules and keeping the peace: How men describe order and the inmate code in California prisons. *Deviant Behavior*, 30(6), 746-771. <https://doi.org/10.1080/01639620902854662>
- Trigo, M. H. B. (1998). Habitus, campo, estratégia: Uma leitura de Bourdieu. *Cadernos CERU*, 9, 45-55.
- Veenstra, R., Dijkstra, J. K., & Kreager, D. (2018). Pathways, networks, and norms: A sociological perspective on peer research. In J. E. Cohen (Ed.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 45-63). New York, NY: Guilford Press.
- Vilsante, S., 2002. *A construção do vínculo social*. São Paulo: Instituto Pólis, p. 71.
- Wakefield, S., & Uggen, C. (2010). Incarceration and Stratification. *Annual Review of Sociology*, 36(1), 387–406. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.012809.102551>
- Yin, R. K. (2014). *Case study research design and methods* (5th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

## Apêndices

## Apêndice A. Guião de Entrevistas Semiestruturado

### Guião de Entrevista Semiestruturado

Esta entrevista realiza-se no âmbito da realização da dissertação de mestrado em Sociologia, intitulada “Os “Novatos” e a hierarquização informal dos reclusos: Um olhar sociológico sobre o estabelecimento prisional de Faro”. A minha investigação tem como objetivo principal, estudar a formação da hierarquização informal entre os reclusos, assim como, perceber que dimensões condicionam a mobilidade dentro dessa mesma estrutura. A entrevista será gravada e usada apenas para fins académicos. A gravação não será pública e servirá apenas para facilitar a análise da informação concedida. Toda a informação concedida será codificada para garantir o anonimato e a confidencialidade, de acordos os princípios éticos da investigação científica.

Nome do Entrevistado: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Nível de escolaridade: \_\_\_\_\_ Etnia: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_ Duração: \_\_\_\_\_

O Entrevistado faculta autorização para gravação áudio da entrevista? Sim \_ Não \_

ID Gravação: \_\_\_\_\_

#### 1. Perfil do Recluso

- 1.1. Qual era a sua ocupação profissional antes de estar preso?
- 1.2. Qual foi a principal razão da sua condenação?
- 1.3. Qual é a duração da sua sentença e quanto tempo já cumpriu?
- 1.4. Já esteve preso antes? Se sim, quantas vezes? Qual a duração da(s) pena(s) cumprida(s)? Qual(is) o(s) motivo(s) da(s) condenação(ões) anterior(es)?
- 1.5. Neste momento está envolvido em alguma atividade profissional dentro da prisão?

#### 2. Capital Económico

[Importância dos recursos económicos na hierarquia informal que se estrutura entre reclusos no Estabelecimento Prisional de Faro.]

- 2.1. Na sua opinião, a posse de algum poder económico, contribui para uma “vida” mais fácil no Estabelecimento Prisional? Se sim, o que se torna mais fácil?
- 2.2. Na sua opinião, como é que os reclusos que possuem menos recursos económicos desenvolvem estratégias de sobrevivência na prisão?
- 2.3. Como descreveria a sua situação económica dentro do Estabelecimento Prisional, baixa, média ou alta?
- 2.4. Segundo a sua experiência, como se dão as trocas monetárias entre os reclusos, sendo que não é permitido dinheiro físico?

#### 3. Capital Cultural

[Importância dos recursos culturais na hierarquia informal que se estrutura entre reclusos no Estabelecimento Prisional de Faro]

- 3.1. Segundo a sua experiência, sabe-me dizer se o envolvimento em atividades profissionais permite ao recluso alguns benefícios na instituição? Se sim, quais delas são mais valorizadas pelos reclusos no geral e porquê?

3.2. Para si, qual é a atividade profissional mais valorizada?

#### **4. Capital Social**

[Importância dos recursos sociais na hierarquia informal que se estrutura entre reclusos no Estabelecimento Prisional de Faro.]

4.1. No seu entender, nesta prisão existem grupos ou subculturas específicas entre os reclusos? Se sim, quais são elas? E como é que um recluso recém-chegado entra num desses grupos?

4.1.1. Na sua opinião, existem grupos mais importantes do que outros? Se sim, pode-me enumerar segundo o grau de importância?

4.1.2. Pode-me dizer se pertence a algum grupo? Se sim, qual é?

4.2. Na sua opinião, as relações familiares ou conexões externas têm algum efeito na hierarquia informal entre reclusos? Em caso afirmativo, de que modo?

4.2.1. Além das relações familiares ou conexões externas, sabe-me dizer se a afiliação a gangues ou a pertença a grupos religiosos, têm algum efeito na hierarquia informal dos reclusos? Se sim, de que modo?

4.3. Tendo em conta a sua experiência no Estabelecimento Prisional de Faro, é comum os reclusos formarem alianças ou conexões sociais para subir na hierarquia informal? Em caso afirmativo, de que tipo? Como funciona?

4.4. Sabe-me dizer, se existem redes informais de apoio económico entre os reclusos que auxiliam aqueles com menos recursos? Quem as estabelece e como funcionam?

4.5. Indique cinco reclusos com os quais se relaciona de forma mais frequente? Quais são as principais motivações destes relacionamentos (trabalho dentro da prisão, convívio, interesses comuns, partilha de cela, por exemplo)?

#### **5. Capital Simbólico**

[Importância dos recursos simbólicos na hierarquia informal que se estrutura entre reclusos no Estabelecimento Prisional de Faro.]

5.1. Na sua opinião, que características ou comportamentos considera que um recluso deve ter para conquistar respeito e destaque dentro deste contexto? Existem competências ou conhecimentos específicos valorizados pelos reclusos que conduzam a uma posição de destaque?

5.2. Tendo em conta a sua experiência, as características físicas ou de aparência influenciam a posição que um recluso alcança nesta hierarquia informal? Quais e como?

5.3. Na sua opinião, acredita que a idade, nacionalidade, histórico criminal ou outros fatores demográficos desempenham um papel na hierarquia não oficial dentro da prisão? Porquê?

5.4. Na sua opinião, existem crimes considerados mais masculinos do que outros? Se sim, quais são? E porquê?

5.4.1. Quando se fala em ser homem na prisão, que comportamentos estão associados a esse modelo?

5.4.2. Para si, o que é “ser homem” na prisão?

5.4.3. Tendo em conta a sua experiência, o que acontece aos reclusos que são considerados menos masculinos?

5.5. Segundo a sua experiência neste Estabelecimento, como é que a violência ou ameaças de violência entre os reclusos estão relacionadas com a hierarquia não oficial

nesta instituição prisional? Qual é o papel dos líderes informais da hierarquia dos reclusos neste aspeto?

5.5.1. Além da violência, sabe-me dizer se neste Estabelecimento, é comum haver violações entre reclusos? Se sim, pode-me dizer por que motivos ocorrem essas situações?

## **6. Hierarquia e Poder na Prisão**

[Importância da hierarquia e poder na prisão na hierarquia informal que se estrutura entre reclusos no Estabelecimento Prisional de Faro.]

6.1. Na sua opinião, quem tem mais influencia ou poder de entre os reclusos no Estabelecimento Prisional de Faro? Porquê?

6.2. Pode mencionar um ou dois líderes ou figuras de destaques neste ambiente prisional?

6.3. Da perspectiva oposta, peço-lhe que indique quais são as características dos reclusos têm menos destaque de entre todos reclusos (por exemplo, os que estão presos há menos tempo ou cometeram algum tipo de crime desprezado pelos restantes, etc.).

6.4. Pode nomear alguns desses reclusos com menor destaque neste estabelecimento prisional?

6.5. Dentro da hierarquia de poder que se estabelece de modo informal entre os reclusos onde se colocaria (em posição de destaque, em posição intermédia, ou na base)?

6.6. Segundo a sua experiência, que comportamentos dos reclusos são vistos como desafiadores ou ameaçadores para a hierarquia informalmente estabelecida entre os mesmos?

## **7. Motivações e Competição**

Importância das motivações e competições na hierarquia informal que se estrutura entre reclusos no Estabelecimento Prisional de Faro.]

7.1. Na sua opinião, o que motiva os reclusos a procurar uma posição mais elevada na hierarquia não oficial que se estabelecem entre si? Quais são os principais objetivos ou benefícios de estar em destaque entre os reclusos?

7.2. Considera que existe alguma competição ou conflito entre os reclusos para alcançar posições de destaque nesta prisão?

## **Conclusão, Agradecimento e Despedida**

- Tem mais algum comentário, questão ou sugestão sobre os temas abordados?
- Deseja receber informação sobre os resultados desta investigação? Em caso afirmativo, pedir endereço de email.
- Agradecer a disponibilidade e despedir.

## Apêndice B. Categorias e Atributos da Dimensão de Análise “Capital Económico”

[Categorias e atributos emergentes da qualitativa de análise de conteúdo do discurso dos reclusos]

| Subdimensão   | Categoria  | Atributo Específico                          |
|---|--|--|
| Estratégias económicas adotadas pelos reclusos              | Recursos e Atividades                                  | Apanham do chão o resto dos cigarros         |
|   |  | Bater em alguém em troca de algo             |
|   |  | Cosem roupa                                  |
|   |  | Fazem a ‘faxina’ da cela dos outros          |
|   |  | Fazem álcool para vender                     |
|   |  | Fazem tranças nos cabelos                    |
|   |  | Fazem missangas para uma empresa             |
|   |  | Guardam coisas dos outros reclusos           |
|   |  | Lavam a roupa dos outros                     |
|   |  | São ‘cachicos’ dos outros reclusos           |
|   |  | Trabalham na prisão                          |
|   |  | Vendem a sua roupa                           |
|   |  | Vendem comida                                |
|   | Vendem droga   |  |
| Estratégias económicas relacionadas com as relações sociais | Pedem dinheiro aos pais                                |  |
|   | Pedem emprestado                                       |  |
|   | Sobrevivem com a ajuda dos outros                      |  |
|   | Trocam coisas com os outros reclusos                   |  |
| Dinâmica das trocas monetárias entre reclusos               | Troca por Troca  | Troca por troca                              |
|   | Tudo o que possas comprar dentro do EPF                | Café   |
|   |  | Cartão                                       |
|   |  | ‘Ganza’                                      |
|   |  | Qualquer coisa                               |
|   |  | Roupa  |
|   |  | Tabaco                                       |
|   |  | Tudo o que possas comprar no bar da prisão   |
|   | Transferências Bancárias                               | Compram cá dentro, pagam lá fora             |
|   | Influência do poder económico na experiência prisional | Acesso a bens e serviços essenciais          |
| Comprar bens essenciais                                     |  |  |
| Comprar comida  |  |  |
| Comprar pessoas   |  |  |
| Comprar serviços  |  |  |
| Comprar tabaco  |  |  |
| Comprar telefones   |  |  |
| Comprar café  |  |  |
| Comprar água  |  |  |
| Comprar drogas  |  |  |
| Recursos económicos e os seus impactos                      |  | Facilita para não passar fome                |
|   |  | Não estar sujeito apenas ao que te dão       |
|   |  | Não é necessário ser rico, mas é preciso ter |
|   |  | O dinheiro compra tudo                       |
|   | Possibilita um melhor estilo de vida no geral          |  |
|   | Quem não tem dinheiro, não pode comprar nada           |  |
| Tens dinheiro tens poder                                    |  |  |

## Apêndice C. Categorias e Atributos da Dimensão de Análise “Capital Cultural”

[Categorias e atributos emergentes da qualitativa de análise de conteúdo do discurso dos reclusos]

| Subdimensão  | Categoria              | Atributo   |
|--|------------------------|--|
| Participação dos reclusos em atividades profissionais e os seus impactos | Benefícios e Vantagens | Mais movimento e acesso a mais coisas dentro da prisão |
|  |                        | Com os cursos aqui, possibilita trabalhar lá fora      |
|  |                        | Renumeração económica                                  |
|  |                        | Benefícios em termos da pena                           |
|  |                        | Podes acabar a escola aqui                             |
|  |                        | Reforço alimentar redobrado                            |
|  | Perceções e Impactos   | Na maneira como os guardas nos veem                    |
|  |                        | É importante para a Juíza                              |
|  | Desafios e Limitações  | Não vejo benefício nenhum                              |
| Para passar o tempo  |                        |  |
| Atividades mais valorizadas pelos reclusos                               | Bar dos reclusos       |  |
|  | Barbeiro               |  |
|  | Cozinha                |  |
|  | Escola                 |  |
|  | Lavandaria             |  |
|  | Nenhuma                |  |
|  | Obras                  |  |
|  | Refeitório             |  |

## Apêndice D. Categorias e Atributos da Dimensão de Análise “Capital Social”

[Categorias e atributos emergentes da qualitativa de análise de conteúdo do discurso dos reclusos]

| Subdimensão   | Categoria   | Atributo  |
|---|---|---|
| Existência e características de grupos ou subculturas entre os reclusos       | Formação por Religião                               | Forma-se por religiões                                  |
|   | Formação por Nacionalidades e Zonas                 | Forma-se por nacionalidades                             |
|   |   | Os pretos e os brancos                                  |
|   |   | E mais por zonas  |
|   | Formação por Interesses e Gostos                    | Consoante os gostos e personalidades                    |
|   |   | Os fortes e os fracos                                   |
|   |   | Pequenos grupos   |
|   |   | Grupos de amigos  |
|   |   | Quem possui mais dinheiro, junta-se                     |
|   |   | Existem grupos  |
| Vão desenvolvendo ligações e constrem um grupo                                |   |   |
| Formação e função de alianças ou redes sociais informais                      | Intenções e Relações Sociais                        | Alguns querem a tua amizade para depois te fazerem      |
|   |   | Convém dar-mo-nos todos bem                             |
|   |   | Interesses que coincidem                                |
|   |   | Para se sentirem importantes                            |
|   | Dinâmicas de Poder e Influência                     | Para ter mais moral, e mais poder e proteção            |
|   |   | Quando tens tabaco as pessoas tratam te melhor          |
|   |   | Roubar ou dizer alguma coisa para ficar bem visto       |
| Complexidade e Desafios   | Se tiveres algo que interesse aos demais            |   |
| Hierarquia e importância percebida entre diferentes grupos ou subculturas     | Hierarquia e Autoridade                             | E muito difícil   |
|   |   | Aqui dentro não   |
|   |   | Cada grupo tem a sua autoridade                         |
|   |   | Existe uns mais brincalhões do que outros               |
|   |   | Os carochos são um grupo de merda                       |
|   |   | Os espanhois e os marroquinos são os mais importantes   |
|   |   | Os mais poderosos são da região Portuguesa              |
|   |   | Os que possuem roupas de marca                          |
|   |   | Quem faz o Narcotráfico                                 |
|   | Quem possui mais negócio, tem mais poder            |   |
| Quem possui um maior poder de compra  |   |   |
| Roubam as pessoas, e espancam   |   |   |
| Dinâmicas de Poder e Relações entre Grupos                                    | São todos iguais                                    |   |
| Impacto da afiliação a gangues ou grupos religiosos na hierarquia informa     | Facilidade em entrar num Grupo                      | E quem tem mais movimento                               |
|   |   | Facilidade em entrar num grupo                          |
|   | Conflitos entre Gangues do Exterior para o Interior | Dá estatuto pertencer a um gangue                       |
|   |   | Conflitos entre gangues do exterior para o interior     |
| Ausência de Gangues no EPF  | Pertencer a um gangue trás sempre problemas         |   |
| Influência das relações familiares e conexões externas na hierarquia informal | Apoio Económico e Emocional                         | Não há Gangues  |
|   |   | Apoio económico   |
|   | Rede de Conexões e Integração Social                | Temos apoio e andamos menos stressados                  |
|   |   | Através dos contactos lá fora já conhecesses as pessoas |
| Processo de integração em grupos ou subculturas específicas                   | Integração, Iniciação e Aceitação                   | Pode influenciar para o bem e para o mal                |
|   |   | Se conhecermos alguém é mais facil entrar num           |
|   | Conexões e Relações Prévias                         | Juntar te aos mais poderosos                            |
|   |   | Abordagem de iniciação                                  |
| Redes informais de Apoio Económico  | Práticas de Empréstimo                              | Tens de levar com as culpas                             |
|   |   | Já ter alguma ligação com outros reclusos               |
|   | Práticas de Solidariedade                           | Ter um contacto para fora que seja útil para alguém     |
|   |   | Aqui é basicamente por dívidas                          |
|   |   | Pedir emprestado, paga a dobrar                         |
|   |   | Ajudo as pessoas mais próximas                          |
|   |   | Depende da pessoa                                       |
|   |   | Depende da porção                                       |
|   | Há pessoas com coração                              |   |
|   | Os rapazes ajudam-se uns aos outros                 |   |
| Quem não tem o que comer, nunca vão passar fome                               |   |   |
| Gosto de Ajudar   |   |   |
| Ninguém ajuda Ninguém   | Ninguém ajuda ninguém                               |   |

## Apêndice E. Categorias e Atributos da Dimensão de Análise “Capital Simbólico”

[Categorias e atributos emergentes da qualitativa de análise de conteúdo do discurso dos reclusos]

| Subdimensão  | Categoria                                      | Atributo  |
|--|--|---|
| Atributos de destaque e a sua valorização                                      | Atitude e Personalidade                        | A atitude é que conta                               |
|  |  | A postura é importante                              |
|  |  | A roupa demonstra estatuto                          |
|  |  | Ser agressivo                                       |
|  |  | Ser genuíno   |
|  |  | Ser humilde   |
|  |  | Ser uma pessoa séria                                |
|  | Aparência e Estilo                             | Ser musculado                                       |
|  |  | Ter determinadas tatuagens                          |
|  |  | Às vezes, ser magrinho não quer dizer nada          |
| Recursos e Status  | Ter dinheiro                                   |   |
|  | Ter tabaco                                     |   |
| Competências ou conhecimentos percebidos como valiosos                         | Competências Sociais                           | Conseguir fazer tráfico interno                     |
|  |  | Ter conexões lá fora                                |
|  |  | Respeitar e ser Respeitado                          |
|  |  | Defender os mais fracos                             |
|  | Competências Pessoais                          | Já ter feito muita ‘merda’                          |
|  |  | Portar-se bem                                       |
|  |  | Saber defender                                      |
|  |  | Andar tranquilo                                     |
|  |  | Não mostrar muitos sentimentos                      |
|  |  | Não podes vacilar                                   |
|  | Competências Éticas                            | Não inventar muito                                  |
|  |  | Não ser mentiroso                                   |
|  |  | Não andar metido em problemas                       |
| Hierarquia do Tipo de crime  | Crimes de Reputação Positiva                   | Grandes assaltos                                    |
|  |  | Matar alguém  |
|  |  | Tráfico de armas                                    |
|  | Crimes de Reputação Negativa                   | Crimes contra mulheres                              |
|  |  | Pedofilia   |
|  |  | Roubar idosos                                       |
|  | Neutralidade                                   | Violação  |
| Influência da idade, nacionalidade e histórico criminal na hierarquia informal | Integração e Comunicação                       | Crime é crime                                       |
|  |  | Reclusos estrangeiros são mais unidos               |
|  |  | Dificuldade em falar com os reclusos que não sabem  |
|  | Respeito e Status                              | Ser da zona torna mais facil algumas situações      |
|  |  | Os mais velhos são mais respeitados                 |
|  |  | Quanto maior o tempo de reclusão maior é o respeito |
|  |  | Os mais novos provocam muita confusão               |
|  |  | O tipo de crime influencia a maneira como os outros |
| Existem crimes mais respeitados do que outros                                  |  |   |
| Papel da violência na estrutura de poder                                       | Violência como ferramenta de Controlo e Status | A brincadeira resulta em violência                  |
|  |  | Para atingir um certo estatuto                      |
|  |  | Relacionado com dívidas entre reclusos              |
|  |  | Se não tiveres nada não viras um alvo               |
|  |  | Ser Firme e mostrar                                 |
|  |  | Os líderes costumam mandar alguém fazer por eles    |
|  | Impacto da Vigilância e Mudanças               | Evitar quando é possível                            |
|  |  | Com as câmaras as coisas mudaram                    |
|  | Manifestações e Perceções de Violência         | É tudo à base de violência                          |
|  |  | Os mais novos demonstram mais violência             |
| Não existem violações no EPF   |  |   |
| É utilizada a violência contra crimes considerados                             |  |   |
| Preconceito e Discriminação  | Acabam sempre por implicar                     |   |

|   |                           |   |
|---|---------------------------|---|
| Perceções da<br>homossexualidade e o<br>seu impacto na<br>hierarquia informal |                           | Brincamos com eles                          |
|   |                           | Sofrem de bullying                          |
|   |                           | Lavam a roupa                               |
|   |                           | Levam porrada                               |
|   |                           | São 'arrombados'                            |
|   |                           | São 'cús' de aluguer                        |
|   |                           | São maltratados                             |
|   |                           | Tornam-se 'cachicos'                        |
|   | Aceitação e integração    | Alguns são mais homens do que muitos homens |
|   |                           | São bem recebidos quando se assumem         |
| São pessoas educadas  |                           |   |
| Ser "Homem" na Prisão   | Comportamento e atitude   | Comportamento Agressivo                     |
|   |                           | Não se meter com ninguém                    |
|   |                           | O homem é sempre uma pessoa tipo fechada    |
|   |                           | Ter postura                                 |
|   |                           | Ter atitude                                 |
|   |                           | Ter dinheiro                                |
|   |                           | Ter um bom comportamento                    |
|   | Características e valores | Não abusar dos outros                       |
|   |                           | Não ter emoções                             |
|   |                           | Ser Forte                                   |
|   |                           | Ser Humilde                                 |
|   |                           | Ter respeito                                |
|   | Perceções e Expectativas  | "Ser Homem" mudou na prisão                 |
|   |                           | Homem é aquele que sabe pedir desculpa      |
|   |                           | Os Homens também choram                     |
|   |                           | Ser homem não é só mostrar dureza           |
|   |                           | Seres tu próprio                            |
|   |                           | Ter palavra                                 |

## Apêndice F. Categorias e Atributos da Dimensão de Análise “Competição e Motivações para a procura de posições elevadas na hierarquia informal”

[Categorias e atributos emergentes da qualitativa de análise de conteúdo do discurso dos reclusos]

| Subdimensão   | Categoria                      | Atributo   |
|---|--------------------------------|--|
| Competição dentro da hierarquia informal                              | Poder e influência             | ‘Chibam-se’ para ter o monopólio da droga            |
|   |                                | Mostrares que tens mais poder que outro recluso      |
|   |                                | Passar há frente na fila do bar                      |
|   | Interferências nas Negociações | Faltar coisas num negócio                            |
|   |                                | Meter-se nos negócios dos outros                     |
|   |                                | Pedir ‘cenas’ e não pagar                            |
|   | Risco e Conflito               | Quem tem mais movimento está sujeito a ter conflitos |
| Motivações para a procura de posições elevadas na hierarquia informal | Proteção, Segurança e Poder    | Proteção   |
|   |                                | Respeito   |
|   |                                | Segurança  |
|   |                                | Poder  |
|   | Aparência                      | Vestir boas roupas                                   |
|   | Vendas e Reconhecimento        | Vendas   |
|   |                                | Show-off   |

## Apêndice G. Categorias e Atributos da Dimensão de Análise “Hierarquia e Poder na Prisão”

[Categorias e atributos emergentes da qualitativa de análise de conteúdo do discurso dos reclusos]

| Subdimensão  | Categoria  | Atributo   |
|--|--|--|
| Características associadas a reclusos com menor destaque | Características de Vulnerabilidade                     | Apanham beatas do chão                             |
|  |  | As coisas que se sujeitam, para ter algumas coisas |
|  |  | Não tem dinheiro                                   |
|  |  | Quem esta na zona de proteção                      |
|  |  | São os mais fracos                                 |
|  | Desnutrição e Toxicodependência                        |  |
|  | Má Higiene   |  |
| Dinâmicas de influência e poder entre os reclusos        | Reafirmação do Poder por parte dos Reclusos Mais Novos | Os mais novos têm poder                            |
|  |  | Os mais novos tentam ser mais perigosos            |
|  | Domínio do Capital Social                              | Quem possui contactos                              |
|  | Domínio do Capital Económico                           | Poder económico                                    |
|  |  | Quem tem mais droga                                |

## **Anexos**

## Anexo I. Parecer da Comissão de Ética da Universidade do Algarve para a Elaboração da Investigação



|  |  |
|--|--|
| Nº DO PROCESSO                             | CEUAlg Pn°23 /2024   |
| DATA DO PEDIDO                             | 6 de Março de 2024   |
| TÍTULO/TEMA                                | Os “Novatos” e a hierarquização informal dos reclusos: Um olhar sociológico sobre o estabelecimento prisional de Faro.                       |
| RESPONSÁVEL/REQUERENTE                     | Gonçalo Guerreiro Duarte   |
| FUNDAMENTO DO PEDIDO DE PARECER            | Na qualidade de responsável pelo estudo, solicita à CEUAlg parecer favorável para a sua realização.  |
| PARECER FINAL DA COMISSÃO DE ÉTICA DA UALG | <b>Positivo com recomendações. O investigador deve usar um código para manter anónimos os entrevistados, de acordo com as normas gerais.</b> |

Universidade do Algarve, 28 /03/2024

Presidente da Comissão de Ética da UAlg

Assinado por: **JOSÉ ANTÓNIO CARREIRA SARAIVA MONTEIRO**  
Num. de Identificação: 03958463  
Data: 2024.03.28 15:46:53+00'00'

## Anexo II. Autorização do Estabelecimento Prisional de Faro para a Realização de Entrevistas aos Reclusos



Exmo(a) Senhor(a)  
Dr. Gonçalo Guerreiro Duarte  
g.duarte1999@hotmail.com

| V/ referência | N/ referência | Ofício N.º | Data       |
|---------------|---------------|------------|------------|
|               |               | 192/CCCRE  | 28.12.2023 |

**Assunto:** Investigação académica para Mestrado em Sociologia na Universidade do Algarve

Tenho a honra de informar V. Exa que, por despacho do Sr. Diretor-Geral, Prof. Doutor Rui Abrunhosa Gonçalves, datado de 21/12/2023, está autorizado, no âmbito do Mestrado em Sociologia na Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, a realizar uma investigação académica no Estabelecimento Prisional de Faro.

Considerando o interesse do projeto, este estudo, foi autorizado, mediante as seguintes condições:

- a calendarização e modo de organização da pesquisa seja acordada com a Direção do estabelecimento prisional, por forma a que se conciliem os objetivos académicos com a exequibilidade do trabalho, sem perturbação do quotidiano;
- o desenvolvimento do estudo esteja sempre dependente da disponibilidade dos reclusos para colaborarem, reservando-se-lhes o direito de, a qualquer momento, poderem interromper a sua cooperação, o mesmo se passando relativamente à gravação áudio das entrevistas;
- o investigador fique obrigado a preservar o anonimato dos dados e das pessoas que venham a cooperar;

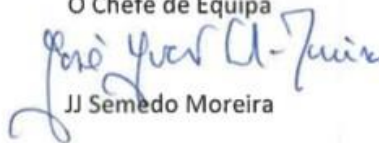
Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais  
Morada 1: Travessa Cruz do Torel, 1 – 1150-122 Lisboa  
Morada 2: Rua Braamcamp, 90 – 1250-012 Lisboa  
Tel. (+351) 218 812 200 | Fax (+351) 218 853 653  
correio.dgrsp@dgrsp.mj.pt | dgrsp.justica.gov.pt

Centro de Competências de Comunicação e Relações Externas  
Travessa Cruz do Torel, 1 – 1150-122 Lisboa  
Tel. (+351) 218 812 200 | Fax (+351) 218 853 653  
cccre@dgrsp.mj.pt

- do resultado final do trabalho, deve ser remetida cópia ao Centro de Competências de Comunicação e Relações Externas.

Com os melhores cumprimentos,

O Chefe de Equipa



JJ Semedo Moreira

ML/2023

---

Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

Morada 1: Travessa Cruz do Tovel, 1 – 1150-122 Lisboa  
Morada 2: Rua Braamcamp, 90 – 1250-012 Lisboa  
Tel. (+351) 218 812 200 | Fax (+351) 218 853 653  
correlo.dgrsp@dgrsp.mj.pt | dgrsp.justica.gov.pt

Centro de Competências de Comunicação e Relações Externas  
Travessa Cruz do Tovel, 1 – 1150-122 Lisboa  
Tel. (+351) 218 812 200 | Fax (+351) 218 853 653  
cccre@dgrsp.mj.pt

## Anexo III. Formulário de Proteção e Privacidade de Dados da Universidade do Algarve Fornecido aos Entrevistados

### INFORMAÇÃO DE REQUISITOS DE PRIVACIDADE DE DADOS

#### Termos e Condições Gerais de Privacidade de Dados

A Faculdade de Economia (FE) da Universidade do Algarve, com sede em Campus da Penha, 8005-139, Faro, Portugal, telefone +351289800100, está a aplicar o "Guião de Entrevistas semiestruturado para a população reclusa do Estabelecimento Prisional de Faro" no âmbito do estudo "Os "Novatos" e a hierarquização informal dos reclusos: Um olhar sociológico sobre o estabelecimento prisional de Faro", no período 20 de Março de 2024 até 20 de Abril de 2024, e tem como responsável pelo estudo, Gonçalo Guerreiro Duarte.

O principal objetivo do estudo é analisar a formação da hierarquização informal entre os reclusos, assim como, perceber que dimensões condicionam a mobilidade dentro dessa mesma estrutura. Estas entrevistas realizam-se presencialmente com recurso a gravação áudio.

Os dados pessoais previstos a tratamento no âmbito do estudo "Os "Novatos" e a hierarquização informal dos reclusos: Um olhar sociológico sobre o estabelecimento prisional de Faro", são: Nome, Idade, Nível de Escolaridade e Etnia. Sendo que a categoria dos titulares a recolher os dados será aos reclusos do Estabelecimento Prisional de Faro.

Todos os dados são recolhidos apenas para efeitos do estudo "Os "Novatos" e a hierarquização informal dos reclusos: Um olhar sociológico sobre o estabelecimento prisional de Faro", estando garantida a confidencialidade do seu tratamento e a exclusiva utilização pela Universidade do Algarve, com um período de retenção dos dados sendo o mínimo necessário para a realização do estudo, e sendo o seu tratamento realizado nos termos e condições da Política de Proteção de Dados que se encontra acessível em [www.ualg.pt](http://www.ualg.pt).

Se necessitar de algum esclarecimento adicional em relação à participação ou ao preenchimento do questionário, é favor contactar pelo 931357027 ou pelo email: [G.duarte1999@hotmail.com](mailto:G.duarte1999@hotmail.com).

Eu aceito os termos e as condições acima descritos. Da mesma forma, como titular de dados, aceito as condições gerais e os termos das Políticas de Proteção de Dados do Universidade do Algarve.

Titular de Dados: Assinatura \_\_\_\_\_ Data \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Para Titulares de Dados menores de 16 anos deve assinar o Titular de Responsabilidade Parental:

Assinatura \_\_\_\_\_ Data \_\_/\_\_/\_\_\_\_

---

#### Consentimento para Tratamento de Dados

Autorizo expressamente o tratamento dos dados pessoais pela Universidade do Algarve, para efeitos de estudo realizado na investigação estudo "Os "Novatos" e a hierarquização informal dos reclusos: Um olhar sociológico sobre o estabelecimento prisional de Faro", de acordo com os termos de informação sobre tratamento de dados e a Política de Proteção de Dados que se encontram disponíveis em [www.ualg.pt](http://www.ualg.pt). Estou consciente de que posso retirar o consentimento ou exercer os direitos de proteção de dados, designadamente os direitos de reclamação, acesso, retificação, oposição, limitação do tratamento ou apagamento, através de contacto com o Encarregado da Proteção de Dados da Universidade do Algarve pelo correio eletrónico [rgpd@ualg.pt](mailto:rgpd@ualg.pt), e caso assim o considere necessário, apresentar reclamação à Comissão Nacional de Proteção de Dados, através dos contatos disponíveis em [www.cnpd.pt](http://www.cnpd.pt).

Titular de Dados: Assinatura \_\_\_\_\_ Data \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Para Titulares de Dados menores de 16 anos deve assinar o Titular de Responsabilidade Parental:

Assinatura \_\_\_\_\_ Data \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Gabinete de Proteção de Dados da Universidade do Algarve - 2024